



**UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE**

**LAZARA APARECIDA ANDRADE DOS SANTOS**

**CULTURA E IDENTIDADE NO LÉXICO DAS CANÇÕES DAS LAVADEIRAS DO  
VALE DO JEQUITINHONHA**

**Três Corações, MG  
2018**

**LAZARA APARECIDA ANDRADE DOS SANTOS**

**CULTURA E IDENTIDADE NO LÉXICO DAS CANÇÕES DAS LAVADEIRAS DO  
VALE DO JEQUITINHONHA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras – Linguagem, Cultura e Discurso -da Universidade Vale do Rio Verde, (UNINCOR) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em letras. Área de concentração: Letras

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Thayse Figueira Guimarães

Três Corações, MG  
2018

784.66

SANSantos, Lázara Aparecida Andrade dos

Cultura e identidade no léxico das canções do Vale do Jequitinhonha.  
Lázara Aparecida Andrade dos Santos. – Três Corações:  
Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, 2018.

112 f.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Thayse Figueira Guimarães.

Dissertação (mestrado) - UNINCOR / Universidade Vale do  
Rio Verde de Três Corações / Mestrado em Letras - Área de  
concentração – Letras, 2018.

1. Lavadeiras. 2. Léxico. 3. Canções. 4. Identidade. 5. Cultura. I.  
Guimarães, Thayse Figueira, orient. II. Universidade Vale do  
Rio Verde. III. Título.

Catálogo na fonte

Bibliotecária responsável: Ângela Vilela Gouvêa CRB-6 / 2174

Claudete de Oliveira Luiz CRB-6 / 2176

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM LETRAS**

Aos vinte e oito dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezoito, sob a presidência do Profa. Dra. Thayse Figueira Guimarães (UNINCOR), e com a participação dos membros Prof. Dr. Renan Belmonte Mazzola (UNINCOR) e Profa. Dra. Emanuela Francisca Ferreira Silva (IFSULDEMINAS), reuniu-se a banca de defesa de Dissertação de **Lázara Aparecida Andrade Dos Santos** aluna do Programa de Mestrado em Letras. A banca deliberou que a dissertação intitulada: **“CULTURA E IDENTIDADE NO LÉXICO DAS CANÇÕES DAS LAVADEIRAS DO VALE DO JEQUITINHONHA”**, foi

APROVADA.

APROVADA COM ALTERAÇÕES.

NÃO APROVADA.

Eu, secretária, lavro a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Observação:

1. No caso de “Aprovada com alterações”, as alterações sugeridas pela banca examinadora devem ser incorporadas ao texto definitivo da dissertação, ficando o(a) orientador(a) responsável pela verificação das alterações executadas pelo(a) aluno(a).

Três Corações, 28 de fevereiro de 2018.

*Thayse F. Guimarães*

Profa. Dra. Thayse Figueira Guimarães  
Presidente

*Emanuela F. Ferreira Silva*

Profa. Dra. Emanuela Francisca Ferreira Silva  
Membro da Banca

*Renan Belmonte Mazzola*

Prof. Dr. Renan Belmonte Mazzola  
Membro da Banca

*Gleicione Ap. Dias Bagne de Souza*

Profa. Dra. Gleicione Ap. Dias Bagne de Souza  
Pró-reitora de Pós-graduação

Prof.ª Dr.ª Gleicione Ap.ª Dias Bagne de Souza  
Reitora  
Universidade Vale do Rio Verde

*Francislaine S. Silva do Rosário*

Profa. Esp. Francislaine Santos Silva do Rosário  
Secretária Geral  
Francislaine S. Silva do Rosário  
Secretaria Acadêmica  
FCTE/UNINCOR

*Dedico à minha mãe: lavadeira de roupas e de almas... (in memoriam)*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que sempre guiou e iluminou minha vida me protegendo de todos os perigos e apontando a direção a ser tomada.

Agradeço ao meu pai por tudo o que me ensinou sobre a vida (*in memoriam*).

Agradeço ao meu marido, Sivaldo, companheiro e parceiro desta aventura chamada vida.

Agradeço ao meu filho Caio Cesar pelo carinho, atenção e pelo exemplo de fé e de otimismo.

Agradeço ao meu filho Thiago pelo acolhimento e pelo exemplo de determinação e garra.

Agradeço à minha filha Giovanna, presente divino na minha vida, pelo apoio, pelas palavras carinhosas, pelo conforto nos momentos alegres e principalmente diante das dificuldades. Você é o símbolo de doação.

Agradeço aos meus irmãos Tião Café, Paulinho e Marquinho, presenças constantes em minha vida.

Agradeço à minha irmã Fran, companheira e amiga leal, com quem sempre pude contar.

Agradeço à minha sobrinha, afilhada e amiga Edimara, que caminhou ao meu lado na construção deste sonho chamado mestrado.

Agradeço a todos meus professores do curso (Cilene, Luciano, Maria Alzira, Eliane, Renan, Thayse e Terezinha), pela competência, compromisso e comprometimento com a minha formação.

Agradeço especialmente à minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Thayse Figueira Guimarães pela dedicação, carinho, credibilidade, paciência e sabedoria para me orientar.

Agradeço aos meus colegas de curso pela companhia durante esta caminhada.

Agradeço à Prefeitura Municipal de Três Corações e à Unincor pelo auxílio que possibilitou finalizar o mestrado.

Agradeço a todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização deste trabalho.

## RESUMO

O Vale do Jequitinhonha é uma região situada a nordeste do Estado de Minas Gerais. Vários rios cortam essa região, entre eles, o Rio Jequitinhonha. Lavar roupas no rio é um costume dessa região. Enquanto trabalham, as lavadeiras do Vale entoam antigas canções que foram passadas de gerações para gerações, que revelam a mistura étnica que deu origem à cultura brasileira, em especial, a música popular brasileira. As referidas canções refletem aspectos da cultura local e identidade dessas mulheres lavadeiras. O léxico aparece nessa relação como uma linha condutora para observação de como tais aspectos identitários e culturais se materializam no discurso. Isso porque as escolhas lexicais são uma das propriedades do discurso mais orientadas à experiência e à prática social (VILELA, 1994; ISQUERDO; 2001). O que faz do léxico um relevante caminho para o estudo de aspectos sociais da linguagem. Diante do exposto, objetivo desta pesquisa volta-se para compreensão da cultura local e da identidade das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha por meio da análise do léxico presente nas canções selecionadas. O *corpus* da presente pesquisa são as letras das canções entoadas pelo coral das lavadeiras, organizadas pelo pesquisador Carlos Augusto Faria nos CDs Batukim Brasileiro (2002), Aqua (2005) e Devoção (2013). Em termos teóricos, esta pesquisa abordada definições e formas de tratamento do léxico nos seus aspectos semânticos e discursivos, a partir da definição de alguns teóricos, tais como, Biderman, (2001), Vilela (1994), Gil (2006), Isquerdo (2001). Recorre-se ainda aos estudos Van Dijk(2016), Rezende (2007), Bagno (2014), Hall (2014), Santos (1996), Canclini (1997), Halb wachs (2013) e outros para tratar a inter-relação entre linguagem, identidade e cultura. Os procedimentos metodológicos para se abordar o objeto de estudo - as letras das canções das Lavadeiras do Vale – estão direcionados para uma pesquisa qualitativa, tendo em vista a organização das lexias em campos léxico-semânticos. Os resultados da pesquisa revelam que o sincretismo religioso afro-brasileiro, principalmente, no que se refere às identificações de entidades e deuses africanos com santos e virgens do catolicismo, compõe um dos traços da cultura local e da identidade das lavadeiras. Além disso, foi possível observar como o “eu feminino”, retratado nas letras das canções, posiciona - se diante da busca do amor e do desencanto amoroso, assim como foi possível interpretar, pelas canções, a relação que essas lavadeiras mantêm com os elementos da natureza, especialmente as águas do Rio Jequitinhonha.

**PALAVRAS-CHAVE:** lavadeiras; léxico; canções; identidade; cultura.

## ABSTRACT

The Jequitinhonha valley (Vale do Jequitinhonha) is a region placed on the northeast of the State of Minas Gerais. Many rivers cross this region, among them, the Jequitinhonha river (Rio Jequitinhonha). Washing clothes in the river is a tradition of this region. While doing their laundry, the washerwoman of the Jequitinhonha valley intone old songs passed throughout generations revealing the ethnical mix that gave birth to Brazilian culture, specially, Brazilian popular music. Those songs reflect local cultural aspects and identity of these women. Lexicon is the conducting wire in this relationship allowing the observation of how these cultural and identity aspects reify in the speech. That's because lexical choices are one of the most guided from experience and social practice properties of the speech (VILELA, 1994; ISQUERDO; 2001). This makes lexicon a relevant way to the study of social aspects of the language. Following the above, this research's objective is the understanding of local culture and Jequitinhonha Valley washwoman identity through the analysis of the intrinsic lexicon in the selected songs. The *corpus* of this research are the lyrics of the songs intoned by the washerwoman's choir organized by the researcher Carlos Augusto Faria in the albums *Batukim Brasileiro* (2002), *Aqua* (2005) and *Devoção* (2013). In theoretical terms, this research approaches definitions and lexicon's ways of treatment on its semantic and discursive aspects, from the definitions of some theoreticians, like Biderman (2001), Vilela (1994), Gil (2006), Isquerdo (2001). It also appeals to the work of Van Dijk (2016), Rezende (2007), Bagno (2014), Hall (2014), Santos (1996), Canclini (1997), Halbwachs (2013) and others to treat the relationship among language, identity and culture. The methodological proceedings to approach the research's object – Jequitinhonha valley Washerwoman lyrics – are directed to a qualitative research, having in mind the lexis organization in lexicon semantic fields. The results reveal that the African Brazilian religious syncretism, mainly for the identification of African Gods with Catholic Saints, compounds one of the local culture and launderer women's identity traces. Furthermore, it is possible to see how the “female-self” in the lyrics behaves in love and love disillusionment, as well as interpreting the relation these launderer women keep with nature elements, specially the waters of Jequitinhonha river.

**KEY WORDS:** washerwoman; lexicon; lyrics; identity; culture.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01- Contraste entre lexicografia e a terminologia.....	29
Quadro 02- Campo léxico-semântico da religiosidade.....	36
Quadro 03- As canções e os referidos CDs.....	61
Quadro 04- Distribuição das canções por macrocampos.....	61
Quadro 05- Os macrocampos e seus respectivos microcampos.....	62
Quadro 06- Quantificando as lexias nos microcampos.....	62
Quadro 07-As canções e os referidos campos léxicos-semânticos.....	63
Quadro 08-Campo léxico-semântico da religiosidade.....	63
Quadro 09- Microcampo dos santos e/ou entidades de proteção .....	64
Quadro 10- Microcampo dos rituais e pedidos de proteção.....	69
Quadro 11- As canções e os referidos campos léxico-semânticos .....	73
Quadro12- Campo léxico-semântico da feminilidade.....	74
Quadro 13- Microcampo A busca do amor.....	75
Quadro 14- Microcampo Desencanto Amoroso.....	78
Quadro 15- As canções do referido campo.....	80
Quadro 16- Campo léxico-semântico da relação com os elementos da Natureza.....	81
Quadro 17- Microcampo Amor e gratidão pela natureza.....	82
Quadro 18-Microcampo: Preservação da natureza.....	83

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1.OS ESTUDOS DO LÉXICO .....	15
1.1 O léxico: definições e conceituação .....	15
1.2. Processos de lexicalização: Neologismos .....	22
1.3 A variedade do léxico .....	25
1.4 Disciplinas que estudam o léxico.....	27
1.4.1 Sobre a lexicologia.....	30
1.5 Formas de identificação do léxico: os lexemas e as lexias .....	31
1.6. Os campos léxico-semânticos .....	34
1.7As escolhas lexicais como objeto de cultura e identidade .....	38
2.CULTURA, IDENTIDADE E ENTRECruzAMENTO NA LINGUAGEM	41
2.1 Breves considerações sobre a cultura.....	41
2.2 Identidade: conceito, concepções e implicações.....	45
2.3 A relação entre linguagem, cognição e cultura. ....	49
3.ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> : MARCAS DE IDENTIDADE E CULTURA NO LÉXICO DAS CANÇÕES .....	56
3.1 O canto das lavadeiras de Almenara: uma contextualização .....	57
3.2 O corpus .....	60
3.3 Apresentando os campos léxico-semânticos.....	62
3.4 Análise do <i>corpus</i> : O campo léxico-semântico da religiosidade.....	63
3.4.1 O microcampo dos santos e/ou entidades de devoção .....	64
3.4.2 O microcampo dos rituais e pedidos de proteção .....	69
3.5 Análise do <i>corpus</i> : O campo léxico-semântico da feminilidade.....	73
3.5.1 O microcampo A busca do amor.....	764
3.5.2 O microcampo do desencontro amoroso.....	79
3.6 Análise do <i>corpus</i> : O campo léxico-semântico dos elementos da natureza	79

3.6.1 Microcampo Amor e gratidão pela natureza.....	831
3.6.2 O microcampo Preservação da natureza. ....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	91
REFERÊNCIAS MUSICAIS.....	93
ANEXO .....	96

## INTRODUÇÃO

No que se refere às práticas culturais, o que se vê no Brasil, é resultado da união dos conhecimentos, da sabedoria, das crenças e dos costumes de populações europeias, africanas e indígenas que, direta ou indiretamente, repassaram suas características culturais e formaram o que hoje é o Brasil: um complexo de culturas, crenças, movimentos e cores (BARROS, 2009, p.9). Nesse contexto, as canções, entre outros objetos da nossa cultura, estão perpassadas pela combinação aleatória de ritmos, estilos e danças, que viajaram até nós pelos processos migratórios referentes à diáspora negra e pelo processo de globalização.

O deslocamento de signos, textos, sons e imagens - provocados pelo circuito da comunicação diaspórica e potencializado pela globalização - coloca em conexão povos, línguas, lugares e repertórios culturais das cidades da América do Sul, das cidades africanas e do Continente Europeu. A configuração dessas diásporas implica escravidão e migrações, e também trocas, encaixes e conexões (GUERREIRO, 2010, p.13). É uma leitura de nosso sincretismo cultural que parte da construção de uma síntese de processos multiculturais sujeitos a embates, contradições e conflitos (ALMEIDA; LIMA; GAIA, 2016). Assim, é impossível conceber o acervo de nossas tradições culturais sem o conhecimento dos povos indígenas, europeus e africanos. Pode-se dizer assim que essa hibridização marca as canções entoadas pelas Lavadeiras do Vale do Jequitinhonha, objeto desta pesquisa, fazendo aparecer, em seus repertórios lexicais, artefatos culturais e crenças oriundas de diferentes partes do mundo.

O Vale do Jequitinhonha é uma região situada a nordeste do Estado de Minas Gerais. Vários rios cortam essa região, entre eles, o Rio Jequitinhonha. Lavar roupas no rio é um costume dessa região. Enquanto trabalham, as lavadeiras do Vale entoam antigas canções que foram passadas de gerações para gerações – batuques, moçambiques, sambas, chulas de terreiro, rezas, modinhas e toadas<sup>1</sup> – cuja origem está guardada na memória do tempo. São cantigas de trabalho e de louvação, de influência africana, indígena e portuguesa. Elas revelam a mistura étnica que deu origem à cultura brasileira, em especial, a música popular brasileira. Através do canto das lavadeiras, a cultura da região do Jequitinhonha é preservada.

---

<sup>1</sup>De modo simplificado, longe de ser algo simples, podemos definir, de acordo com CHEVALIER: GHEERBRANT (1999): (i) batuque como nome geral que se dá a todas as danças acompanhadas por instrumentos de percussão; (ii) moçambique é bailado guerreiro trazido para o Brasil pelos escravos que foram trabalhar na mineração de ouro; (iii) samba é dança popular brasileira a dois tempos, de ritmo sincopado de origem africana; (iv) chula de terreiro é um canto em que a parte solista é muito mais longa do que a resposta do coro; (v) rezas são as súplicas às divindades, prece ou oração; (vi) modinha é um gênero de canção popular brasileira, amorosa e sentimental, de origem erudita portuguesa; (vii) toadas são cantigas de harmonia simples, constante e de composição textual normalmente curta, contudo, com estrofes.

E essa cultura se transforma em um “canto de resistência que denuncia e descortina as lutas e as desigualdades que se ocultam sob a ordem estabelecida”, conforme explica Certeau ao tratar da relação entre cultura e resistência no livro *A invenção do cotidiano: a arte de fazer* (CERTEAU, 1994, p.79). Apesar de toda diversidade que as lavadeiras do Vale do Vale do Jequitinhonha enfrentam, elas mantêm, através de seu canto, viva uma tradição secular. Percebemos através das letras destas canções, traços culturais e identitários do referido grupo de lavadeiras.

As canções entoadas pelas Lavadeiras não possuem muitos registros escritos e se valem da tradição, da memória e da oralidade para se perenizar. O estudioso Maurice Halbwachs (2013) traz valiosas contribuições para nossa pesquisa em seu livro *Memória Coletiva*. O autor categorizou a memória em dois segmentos: Memória coletiva e memória individual.

Nos dizeres de Halbwachs (1990, p.25-26), a memória coletiva nos indica que o processo de recordação e localização das lembranças só pode ser analisado, de maneira eficiente, se for levado em consideração os contextos sociais que agem como base para o trabalho de reconstrução da memória. Neste caso, a memória não pode ser vista apenas no aspecto individual, pois as memórias de um indivíduo não são apenas suas, pois, os indivíduos coexistem dentro de uma comunidade social. A memória para o autor é um processo de reconstrução. Portanto o indivíduo participa de dois tipos de memória: a individual e a coletiva.

Maurice Halbwachs pontua que o indivíduo que lembra está sempre inserido na sociedade na qual sempre possui um ou mais grupos de referência, portanto a memória é uma construção grupal social, assim sendo “cada memória individual é o ponto vista sobre a memória coletiva”. No processo de rememoração, o trabalho do indivíduo não se descarta, pois “as lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas pelos outros, mesmo que trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade nunca estamos sós” (HALBWACHS, 1990, p.26). Dessa forma, a lembrança resulta de um processo coletivo e são lembradas por outros. A memória coletiva é fundamental no processo de rememoração. Segundo HALBWACHS (1990)

Acontece, com efeito, que uma ou mais pessoas, reunindo suas lembranças, possam descrever muito exatamente os fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e, mesmo reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo. (HALBWACHS, 1990, p. 27).

Ao lavar roupas no rio, as lavadeiras de Almenara conversam, trocam ideias, recordam de fatos ocorridos e assim vão construindo a memória do Vale do Jequitinhonha. Nessa trocas, a memória individual caminha lado a lado com a memória coletiva pois ela não está totalmente isolada. A memória individual busca como norte sinais externos ao sujeito, isto é, na memória coletiva. (HALBWACHS, 1990, p. 28).

O processo de reconstrução do passado vivido e experimentado pelo grupo de lavadeiras do norte de Minas Gerais forma a memória coletiva do Vale que está atrelada a memória individual de cada mulher do referido grupo considerando a interferência da subjetividade do indivíduo no processo de rememoração. As canções das lavadeiras de Almenara perpetuam uma tradição de séculos.

Essas canções possuem uma métrica basicamente fixa com número determinado de versos e rimas que buscam reforçar o caráter rítmico da música. O falar de uma população é certamente influenciado pelas características regionais. A economia, a religiosidade e o ambiente natural interagem com o desenvolvimento da linguagem oral que assim vai adquirindo características próprias. A feitura dessas canções revela que vários estilos musicais influenciaram a sua composição. Nas canções das lavadeiras de Almenara, pode-se observar estrutura semelhante a cantigas de roda e cantigas de amigo (lírica medieval galego-portuguesa) e de músicas religiosas. As canções das lavadeiras de Almenara perpetuam uma tradição de séculos. Os temas abordados são recorrentes: o local onde se vive, o mundo do trabalho, os fenômenos da natureza, as manifestações religiosas, animais da fauna local, o rio Jequitinhonha, o universo feminino. As canções apresentam fortes marcas de oralidade que apontam o lugar de origem. As referidas canções refletem aspectos da cultura local e identidade dessas mulheres lavadeiras. Nesta dissertação, parte-se do pressuposto de que os sentidos de cada palavra só podem ser compreendidos quando estudados dentro de um contexto histórico e cultural. O léxico aparece nessa relação como um fio condutor para observação de como tais aspectos identitários e culturais se materializam no discurso. Isso porque as escolhas lexicais são uma das propriedades do discurso mais orientadas à experiência e à prática social (VILELA, 1997; ISQUERDO; 2001). O que faz do léxico um relevante caminho para o estudo de aspectos sociais da linguagem.

Considerando que a seleção lexical é parte específica do discurso e que se relaciona diretamente com contexto social, valores ideológicos e aspectos identitários, duas questões se apresentam nesta pesquisa:

Como se organizam as canções das lavadeiras do ponto de vista dos campos lexicais?

Como o léxico aponta para particularidades da cultura e da identidade das lavadeiras do Vale?

Esta pesquisa será desenvolvida com o intuito de aprofundar os estudos acerca da tradição oral e das marcas identitárias presentes nas letras das canções das Lavadeiras de Almenara no Vale Do Jequitinhonha. Uma das justificativas encontra-se na compreensão de que investigar uma língua é também investigar a cultura, o fato cultural que nela se deixa transparecer (ISQUERDO, 2001 p. 91). Também é um modo de perpetuar e perenizar traços da mesma. Além disso, no campo dos estudos linguísticos, encontramos poucos trabalhos que se debruçam sobre a relação entre identidade, cultura e linguagem, tendo como foco o universo léxico-semântico das lavadeiras do Jequitinhonha.

A presente pesquisa justifica-se também pela pretendida contribuição social, visto que, como gestora e professora, entendemos que as letras das canções entoadas pelas Lavadeiras do Jequitinhonha são artefatos culturais por meio dos quais a comunidade escolar pode acessar a mistura étnica que deu origem à cultura brasileira, em especial, a música popular brasileira. No contexto escolar, a hibridização léxico-semântica que marca as canções entoadas pelas Lavadeiras do Vale do Jequitinhonha pode ser explicada, por exemplo, em análises linguísticas nas aulas de Língua Portuguesa e em projetos mais amplos.

Além disso, ao ingressar no mestrado em Letras, vi a possibilidade de resgatar, através de um estudo teórico e analítico, vivências e práticas que fizeram parte de minha vida. Ao me debruçar na delimitação de meu *corpus*, conheci a cultura do Vale do Jequitinhonha, mais especificamente o canto das lavadeiras. Canto este que me remetia às cantigas entoadas por minha mãe. Estudar o canto das lavadeiras de Almenara no Vale do Jequitinhonha é fechar um ciclo. Unir dois polos opostos da cultura: a cultura popular e a cultura acadêmica. Dentro desta perspectiva, as letras das canções entoadas por cantoras lavadeiras, mulheres simples, são a fonte de pesquisa para esta dissertação de Mestrado em Letras, na linha de pesquisa discurso e produção de sentido.

Diante do exposto, o objetivo geral desta pesquisa volta-se para compreensão da cultura local e da identidade das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha por meio da análise do léxico presente nas canções selecionadas.

Para o cumprimento do objetivo geral desta pesquisa, será necessário que se realizem os seguintes objetivos específicos:

- 1) Apresentar práticas culturais e identitárias próprias do universo das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha;
- 2) Identificar os campos lexicais presentes nas canções selecionadas;

3) Discutir como tais campos léxico-semânticos apontam para objetos e particularidades da cultura local e das identidades das lavadeiras.

O *corpus* da presente pesquisa são as letras de vinte e uma canções (cf. p. 58) entoadas pelo coral das lavadeiras, organizadas pelo pesquisador Carlos Augusto Faria<sup>2</sup>, presentes nos CDs *Batukim Brasileiro* (2002), *Aqua* (2005) e *Devoção* (2013). Tais CDs fazem parte de um projeto idealizado pelo pesquisador Carlos Faria<sup>3</sup>.

Para cumprimento dos objetivos, abordaremos definições e formas de tratamento do léxico nos seus aspectos semânticos e discursivos, a partir da definição de alguns teóricos, tais como, Biderman (2001), Vilela (1994), Gil (2006), Isquendo (2001), entre outros, que possibilitam focalizar as lexias que vão compor os campos léxico-semânticos, tendo em vista seus sentidos construídos no discurso. Para tratar as questões relacionadas à cultura e identidade, nossa fundamentação teórica, está pautada nos estudos de Teun Van Dijk, Stuart Hall, José Luiz dos Santos, Nestor Garcia Canclini, Maurice Halbwachs, entre outros.

Os procedimentos metodológicos para se abordar o objeto de estudo – as letras das canções das Lavadeiras do Vale – estão direcionados para uma abordagem qualitativa, com coleta de dados mistos, uma vez que há um enfoque na interpretação dos dados e também na análise da frequência lexical por meio dos campos léxico-semântico. Usamos o termo de base qualitativa, para nos referir a uma abordagem metodológica que “através de sua face local, resgata aspectos da história particular dos seres humanos e de sua relação com determinantes sociais e culturais que os cercam” (CELANI, 2005, p.104). Dessa forma, ao organizarmos as análises em campos léxico-semânticos, preocupar-nos-emos, mais especificamente, em observar como o léxico aponta para marcas identitárias e culturais do grupo, sem reduzir as interpretações analíticas à descrição de uma realidade única e padronizada.

Para fins de análise, as lexias foram distribuídas nos seguintes campos léxico-semânticos: campo léxico-semântico da religiosidade; campo léxico-semântico da feminilidade e campo léxico-semântico dos elementos da natureza. Na análise dessas lexias, agrupadas em tais campos lexicais, pretende-se verificar as particularidades da cultura local e das identidades das lavadeiras, principalmente, no que se refere à presença do sincretismo religioso afro-brasileiro em suas manifestações religiosas, às questões que envolvem o universo do feminino e a afetividade daquelas mulheres, além da relação que mantêm com a natureza.

---

<sup>2</sup>Apresentaremos informações sobre Carlos Augusto Faria no capítulo 3 desta dissertação.

<sup>3</sup>As letras dessas canções encontram-se no anexo 1

Para organização deste texto e apresentação do caminho percorrido, optamos por estruturar a dissertação em três capítulos, além deste texto introdutório e das considerações finais.

O capítulo 1 - **Os estudos sobre o léxico** – O capítulo visa apresentar a compreensão do léxico como o acervo do saber vocabular de um determinado grupo sócio-linguístico cultural, que está relacionado ao processo de nomeação dos seres e dos objetos e com a cognição da realidade (BIDERMAN, 2001). Para compreender o mundo do léxico e, consequentemente as escolhas lexicais, abriremos um diálogo com Biderman (1978- 2001), Vilela (1997); Preti (2003), Isquendo (2003); Castilho (1991), Gil (2016) e outros.

No capítulo 2, **Cultura, identidade e entrecruzamento na linguagem**, apresentaremos um estudo sobre cultura e identidade. O objetivo é mostrar a relação entre identidade, cultura e linguagem nos discursos bem como os mecanismos que possibilitam a compreensão da interação como forma de manifestação e socialização de conhecimento compartilhado.

O capítulo 3– **Análise do corpus: marcas de identidade e cultura no léxico das canções** - tem como finalidade contextualizar o grupo de lavadeiras no seu espaço de origem: a cidade de Almenara no Vale do Jequitinhonha, local onde se oficializou as heranças culturais e sociais que caracterizam as mulheres lavadeiras e também apresenta a análise e abre espaço para discussão em torno dos campos lexicais presentes nas canções das Lavadeiras do Vale Do Jequitinhonha. Como apresentado anteriormente, nesta seção, organizaremos as análises em campos léxico-semânticos, a saber: campo léxico-semântico da religiosidade; campo léxico-semântico da feminilidade e, por fim, campo léxico-semântico da relação com elementos da natureza.

Nas **Considerações finais**, trazemos reflexões acerca das marcas identitárias e culturais do grupo, presentes nas canções analisadas e também realizaremos uma retomada da hipótese inicial e dos nossos objetivos de pesquisa.

Esta pesquisa é um convite para um mergulho na identidade cultural do Vale do Jequitinhonha através das cantigas entoadas pelas lavadeiras de Almenara enquanto exerce seu ofício: mulheres simples e talentosas que fizeram do canto, um bálsamo para as agruras da vida.

## 1. OS ESTUDOS DO LÉXICO

Conforme descrito na introdução da dissertação, este capítulo é destinado ao aprofundamento dos estudos sobre o léxico a partir da definição de alguns teóricos, como veremos a seguir. O capítulo é subdividido em cinco tópicos, onde abordaremos definições e formas de tratamento do léxico das canções das lavadeiras de Almenara no Vale do Jequitinhonha nos seus aspectos semântico e discursivo, a partir de Maria Teresa de Camargo Biderman, Mário Vilela, Beatriz Daruj Gil, Dino Preti, Aparecida Negri Isquerdo, Ataliba T. Castilho.

### 1.1 O léxico: definições e conceituação

O léxico constitui o acervo do saber vocabular de um determinado grupo sócio-linguístico cultural e está relacionado ao processo de nomeação dos seres e dos objetos e com a cognição da realidade (BIDERMAN, 2001, p.12). Isto significa que os indivíduos fazem uso das palavras disponíveis em uma dada comunidade para categorizar os elementos do mundo. Nesse caso, a realidade é interpretada/categorizada cognitivamente e armazenada na memória desses sujeitos que, fazendo parte de uma comunidade de fala, atualiza-se nas práticas discursivas. Assim, o léxico permite percepção e atuação coletiva na realidade. É também, uma forma de registrar os conhecimentos acumulados pela humanidade ao longo dos tempos. A esse respeito, Alves e Isquerdo acrescentam que:

O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas na sociedade (Alves; ISQUERDO, 2001, p. 9)

Desde o nascimento, o ser humano está inserido num meio social e físico que atua sobre ele através da nomeação, da categorização e da conceituação dos seres e objetos como forma de representação da realidade. A realidade é apreendida pelo ser humano através de uma rede de colaboração onde cada ser ajuda o outro a desenvolver-se e, ao mesmo tempo, também se desenvolve. Dessa forma, o léxico possibilita a construção coletiva das relações sociais, dos valores e das visões de mundo, fazendo refletir sobre a construção do conhecimento humano em comunidade.

Quando o homem nomeia os seres e objetos, ele os classifica também. Ao nomear a realidade, começa a construção do percurso individual do conhecimento do mundo. Ao nomear, o ser humano determina semelhanças e diferenças entre os seres e objetos; estrutura o mundo que o cerca e se apropria da realidade. Desse processo de nomeação e rotulação da realidade originou-se o léxico das línguas naturais. As palavras são os signos linguísticos que representam o conhecimento da realidade e a categorização da experiência do ser humano (BIDERMAN, 2001, p.12). Portanto, tudo o que faz parte da vida dos seres humanos tem um nome. Esse nome então passa a fazer parte do léxico. O léxico abarca o saber linguístico compartilhado pelos falantes de uma comunidade linguística. Portanto o conhecimento linguístico de uma determinada comunidade é envolvido pelo léxico e depende dos falantes para perenizar.

Dentro dessa perspectiva, Biderman declara:

No processo de aquisição da linguagem, o léxico é o domínio cuja aprendizagem jamais cessa, durante a vida toda do indivíduo. A incorporação paulatina do léxico se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, através de signos linguísticos: os lexemas. A percepção, a concepção e a interpretação dessa realidade são registradas e armazenadas na memória, através de um sistema classificatório que é fornecido ao indivíduo pelo léxico. É certo, porém, que a memória registra, de maneira ordenada, o sistema lexical. (BIDERMAN, 2001, p.180-181).

Segundo Vilela (1997, p.31), o léxico pode ser entendido numa perspectiva cognitivo-representativa ou numa perspectiva comunicativa. Na ótica comunicativa, o léxico é o conjunto de palavras usadas pelos membros de uma comunidade linguística para se comunicar. Dentro da perspectiva cognitivo-representativa, o léxico codifica a realidade extralinguística (conhecimento de mundo, as vivências e experiências) daqueles envolvidos na situação comunicativa interiorizada no saber de uma determinada comunidade. As duas perspectivas citadas anteriormente, codificam sempre um saber compartilhado (VILELA, 1997, p.31). Quando dizemos que o léxico é o conjunto de palavras de uma língua estamos focalizando o léxico externo, ou seja, o conjunto de palavras que pode ser verificado nos enunciados dessa língua ou representado nos dicionários. Do ponto de vista interno, ou mental, o léxico corresponde não apenas às palavras que um falante conhece, mas também ao conhecimento de padrões gerais de estruturação, que permitem a interpretação ou produção de novas formas. Assim, o léxico interno é constituído por uma lista de formas já feitas e por um conjunto de padrões, os processos de formação de palavras, que determinam estruturas e funções tanto de formas já existentes quanto de formas ainda a serem construídas. (VILELA, 1997, p. 23).

A maneira pela qual a sociedade concebe a realidade é influenciada pela língua socialmente formada. A hipótese Sapir-Whorf<sup>4</sup> pontua que o meio cultural influencia a língua. Dessa maneira os esquimós, por exemplo, criaram vários termos para designar neve. Ou seja, enquanto em português temos o termo *neve* utilizado para todo e qualquer tipo de neve, os esquimós possuiriam um termo para cada tipo de neve: para a neve mais fofa, para a neve mais dura, para a neve mais fina e assim sucessivamente. Portanto dentro desta perspectiva linguagem e mente são indissociáveis.

Diante desta afirmação, Isquierdo e Alves postulam que:

[...] O léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural de uma comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define também, fatos da cultura. (ISQUERDO; ALVES, 2001, p.8).

A somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e o seu acervo cultural construído através das idades constitui o seu sistema lexical. Os membros dessa sociedade têm a função de expandir, perpetuar e reelaborar essa riqueza lexical. As alterações no campo lexical de uma determinada sociedade se dão através das mudanças sociais e culturais que nela ocorrem. Devido a isso muitos termos são incorporados e outros são banidos do léxico. Os usuários da língua (os falantes) são os responsáveis pela criação e conservação do vocabulário da mesma<sup>5</sup>.

É através do léxico que uma determinada comunidade deixa transparecer suas crenças, seus hábitos, seus valores, seus costumes, e também, são registradas as inovações tecnológicas e as transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas nessa referida comunidade e num período de tempo específico (BIDERMAN, 2001). Nesta pesquisa, através da análise das escolhas lexicais presentes nas letras das canções das lavadeiras de Almenara no Vale do Jequitinhonha, preocupar-nos-emos, em analisar como o léxico aponta para marcas identitárias e culturais do grupo. Em outras palavras, sendo o léxico um módulo integrante da língua que revela valores, ideologias e visões de mundo (GIL, 2006), olhar para

---

<sup>4</sup>Dos estudos de Edward Sapir (1884-1936) e Benjamin Lee Whorf (1897-1941) surgiu a Hipótese chamada de Sapir-Whorfou Hipótese da Relatividade Linguística. De acordo com este estudo, os seres humanos não vivem sozinhos nem no mundo objetivo e tampouco no mundo da atividade social, mas sim a mercê da língua que se transformou no meio da expressão para sua sociedade. É completamente ilusório imaginar que alguém ajusta-se à realidade sem o uso da linguagem e que a linguagem é meramente um meio de resolver problemas específicos de comunicação e reflexão. O que ocorre de fato é que o mundo real é uma grande extensão construída inconscientemente sobre os hábitos linguísticos do grupo.

<sup>5</sup>Aprofundaremos essa compreensão na seção 1.3.

as ocorrências lexicais é uma forma de olhar para identidade e cultura local sendo reinterpretadas nas cantigas, objeto desta pesquisa.

Segundo Dino Preti (2003, p.52), existem vários meios de se chegar à identidade social de um grupo de pessoas. Alguns são de natureza estática: os traços físicos, a postura, a vestimenta. Outras de natureza dinâmica como os gestos, os movimentos que podem indicar autoridade, extroversão, submissão e outras. Porém, na interação verbal a categorização da experiência demonstra com mais propriedade a identidade social de um grupo. Assim como os traços físicos, o uso dos lexemas se incorpora à identidade das pessoas trazendo, conseqüentemente maior ou menor prestígio no contexto social onde estão inseridos.

O léxico é o componente fundamental do sistema da língua (GIL, 2016), portanto ele se associa mais diretamente à produção e transformação dos recortes culturais de certa comunidade linguística e os lexemas da língua. Levando em conta as escolhas lexicais em um espaço geográfico de uma determinada comunidade é possível ver retratada a experiência humana acumulada e aspectos sociais e também as práticas culturais da referida comunidade (ISQUERDO, 2001, p.91-93). Além disso, as variações lexicais revelam as modificações dessas práticas, mostrando os movimentos contínuos que o ser humano realiza em seus costumes sociais e culturais, quando manifestados no uso da língua.

Segundo Biderman (2001, p.14), os sistemas lexicais das numerosas línguas naturais (vivas ou mortas), como mencionado anteriormente, são formas distintas assumidas no processo de cognição e apropriação do conhecimento. As línguas formam sistemas muito distintos e variados apesar de se basearem em processo de conceptualização universal. Biderman (1998, p. 92), afirma que:

A conceptualização da realidade configura-se linguisticamente em modelos categoriais arbitrários não coincidentes. As categorias linguísticas não são nem coincidentes, nem equivalentes, embora possamos admitir que as línguas naturais tenham tipos de semântica universalmente compreensíveis (BIDERMAN, 1998, p.92).

Os modelos de categorização, embasados pela taxionomia, são construções específicas de cada cultura, porém é possível admitir que as línguas naturais possuam significados que podem ser compreendidos por todos. Podemos concluir que um sistema ordenado e estruturado de categorias léxico-gramaticais descreve o universo conceptual de uma língua natural. As palavras originadas dentro desse sistema são rótulos usados pelo ser humano para criar interação cognitiva com o seu meio. As categorias lexicais variam de língua para língua (BIDERMAN, 2001).

Segundo Biderman (2001), a geração do léxico básico das línguas naturais demonstra a fase mais primitiva de cognição da realidade. No momento em que o homem desenvolveu progressivamente seu conhecimento da realidade e apossou do mundo a sua volta, ele criou as técnicas e depois as ciências. Ao chegar nesse momento, foi necessário aumentar o repertório dos signos lexicais para representar a realidade que estava conhecendo e também precisou criar rótulos para as invenções e conceitos novos criados por essas ciências e técnicas, justificando assim o contínuo processo de expansão do léxico das línguas vivas. Devido ao grandioso progresso das técnicas, das ciências e dos meios de comunicação de massa e também à integração das culturas e dos povos, no mundo atual, ocorre um crescimento simétrico do léxico português e das línguas modernas em geral (BIDERMAN, 2001, p.15).

Desse modo podemos entender o léxico como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo da sua história. Ainda, segundo Biderman:

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa comunidade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e re-elaboração contínua do léxico de sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o léxico, se expande, se altera, e às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico. (BIDERMAN, 2001, p.178).

Dessa forma, o falante incorpora o vocabulário que nomeia a realidade que ele já conhece juntamente com os modelos formais configurados no sistema lexical. Nos últimos tempos, por exemplo, através da informática e da internet, os anúncios publicitários na mídia escrita, televisiva e no comércio fizeram com que a língua portuguesa em uso no Brasil tivesse forte influência de expressões procedentes da língua inglesa, que começaram a fazer parte do nosso cotidiano linguístico.

Segundo Biderman (2001, p.15), as taxionomias técnico-científicas são formadas por nomeação dos referentes criados pelas técnicas e pelas ciências e foram criadas de acordo com modelos científicos e não empiricamente como acontecia no princípio da história da humanidade. Os termos técnico-científicos nascem baseados na lógica da língua em questão, de acordo com as normas lexicais que existem nela. No mundo contemporâneo, é comum os empréstimos linguísticos, especialmente os anglicismos, devido à soberania econômica dos

Estados Unidos na atualidade, visto que o inglês tornou-se a língua universal da ciência e da tecnologia.

Como dito anteriormente, o léxico representa o conjunto do saber vocabular de uma determinada sociedade e é sempre a codificação de um saber partilhado. Vilela (1997, p.32) afirma que, podemos distinguir léxico e vocabulário, sendo o segundo uma subdivisão do primeiro. Como o vocabulário, é uma subdivisão do léxico, temos, por exemplo, o léxico de uma escola, o léxico de uma área do saber, o léxico da medicina e muitos outros. E ainda afirma:

Ao distinguir-se vocabulário e léxico, não se trata pois de uma diferenciação entre partes e todo, visto que: O léxico é o conjunto das palavras fundamentais, das palavras ideais duma língua; o vocabulário é o conjunto dos vocábulos realmente existentes num determinado lugar e num determinado tempo, tempo e lugar ocupados por uma comunidade linguística. O léxico é o geral, o social e o essencial; o vocabulário é o particular, o individual e o acessório (VILELA, 1997, p.31-32).

Não podemos nos esquecer do acervo lexical individual (idioleto) que, segundo Biderman (1998, p. 90), é um conjunto de representações de objetos mentais que se sustentam num conjunto das palavras que esse indivíduo domina e utiliza. A duplicidade entre o individual e o social deve ser bem compreendida para que se evite incoerências. Biderman (1998) adverte:

A memória de cada indivíduo não é um armazém de pensamentos ou a um arquivo de impressões sensíveis memorizadas, pois os conceitos são dinâmicos, apesar de estarem registrados fisiologicamente na memória. As palavras não são meras etiquetas de conceito já completados e armazenados; são etiquetas sim, mas *de um processo de categorização ou de uma família de tais processos in fieri* (BIDERMAN, 1998, p. 90. *Grifos da autora*).

O professor Vilela (1997, p.32), faz suas considerações quanto ao assunto tratado acima, afirmando que “a coleção de unidades” gera outra perspectiva onde vocabulário está em oposição a dicionário e glossário. O dicionário é a coleta ordenada de vocábulos de uma língua; vocabulário é a coleta de um setor específico de uma língua e o glossário é o vocabulário pouco conhecido de uma determinada obra ou de uma época. Vocábulo é a palavra que ocorre na frase; o termo é a palavra própria de uma disciplina e a palavra ou lexema é a palavra que aparece como entrada do dicionário. Para Biderman (2001), as palavras são elementos da língua e não de fala; são entidades abstratas que compõem o sistema linguístico. O elemento permanente da língua é a palavra; os discursos são atos efêmeros da linguagem. Vale lembrar que, segundo Gil (2010) para evitar equívocos e imprecisões entre os termos vocábulo e palavra, os linguistas determinaram que lexema (que é

a palavra) é a unidade léxica abstrata da língua e o termo *lexia* são manifestações discursivas dos *lexemas*, ou seja, as *lexias* são *lexemas* atualizados no discurso<sup>6</sup>.

Ainda, Castilho (2010, p. 110) postula que o léxico é um inventário de categorias e de subcategorias cognitivas; e de traços semântico inerentes. O que significa que esse inventário é virtual, pré-verbal, e pode ser entendido como um feixe de propriedades que adotamos para dar sentido concreto e específico para as palavras.

O pesquisador Castilho explica que:

A lexicalização é a criação das palavras em que expressamos essas categorias e seus traços semânticos, transformando impulsos mentais em ondas sonoras, num mecanismo ainda bastante obscuro. [...] A lexicalização é o processo por meio do qual conectamos o léxico, entendido como um inventário pré-verbal, ao vocabulário, entendido como um inventário pós-verbal, um conjunto de produtos concretos, ou seja, as palavras. [...]. Em suma, o léxico é definido como um conjunto de categorias cognitivas e traços derivados que são representados nas palavras por meio da lexicalização ou em outras palavras, o léxico sendo atualizado no discurso através das escolhas verbais e os novos significados que vão surgindo. O vocabulário é o produto de léxico, compendiados nos dicionários de língua (CASTILHO, 2010, p.110).

O que significa dizer que o léxico de uma língua não se restringe aos vocábulos registrados no dicionário. Nesse caso, a lexicalização englobaria o processo através do qual, novas entidades linguísticas ou simplesmente novos sentidos para palavras já existentes, são convencionalizados no nível do léxico. Os mais diversificados afixos, a título de exemplo, oportunizam a formação de novas palavras que são utilizadas por um grupo restrito de indivíduos ou por um povo situado em determinada região do país. Nesse contexto, é que se insere a lexicalização, cujo sufixo “ação” sugere o seu significado: a ação de tornar-se um vocábulo parte do léxico. Ressalta-se que, ao ser atualizado no discurso, o léxico torna-se uma *lexia* (BIDERMAN, 2001).

Sendo a lexicalização o processo de adoção de termos pelo léxico de uma língua, então todos os neologismos e processo de formação de itens lexicais poderiam ser considerados processos de lexicalização: a composição, a derivação e outros processos. Barreto (2012, p. 408) afirma que o processo de conversão, definido como mudança funcional de uma categoria para outra, dá-se pelo processo de lexicalização. Por exemplo, um nome vira adjetivo ou um verbo vira nome. Também, há o processo de lexicalização que ocorre pela transferência do sentido convencional e etimológico de uma palavra para outro. É a lexicalização pelo processo metafórico de uma palavra. Essa alteração de sentido, entretanto, é denominada de semantização (BARRETO, 2012).

---

<sup>6</sup>Esses termos são explorados na seção 1.4.

A partir do que foi dito, pode-se resumir a lexicalização como “processo através do qual novas entidades linguísticas – quer sejam simples ou complexas, ou simplesmente novos sentidos para palavras já existentes – são convencionalizadas no nível do léxico” (BARRETO, 2012, p. 408). A partir dessa concepção, passemos, na próxima seção, a discutir a lexicalização, que ocorre pelo processo de neologismo.

## 1.2. Processos de lexicalização: Neologismos

Podemos afirmar que o léxico é um conjunto de elementos relacionados entre si e que formam uma estrutura organizada da língua e está sempre se expandindo. O sistema lexical só se cristaliza se a língua morrer, deixar de existir. O latim é um exemplo de uma língua que deixou de existir<sup>7</sup>. O léxico de uma língua será sempre ampliado se ele permanecer como meio de comunicação oral e escrito. Portanto, conforme Biderman (2001, p. 203) é quase impossível que os lexicógrafos consigam registrar nos dicionários todos os vocábulos e seus respectivos significados que estão sendo usados na língua.

A criação de novos vocábulos numa língua recebe nome de neologismo. Esse é um termo que tem sua origem no latim: neo (nova) e logos (palavra). Nesse sentido, “o neologismo implica algo de novo que entra na língua” (VILELA, 1997, p.40).

Segundo Biderman (2001, p.203-213), podemos identificar dois tipos de neologismos: o neologismo conceptual e o neologismo formal. O neologismo conceptual acontece quando um novo sentido se instala na esfera semasiológica de um determinado significante. A partir de Biderman (2001, p. 203), podemos exemplificar neologismo conceptual com os seguintes vocábulos:

1º *Dispositivo*: com o significado: “mecanismo disposto para se obter um fim”. Por exemplo: “Este é ‘o ice maker’, um *dispositivo* que fabrica automaticamente aquele famoso gelo que não gruda” (...). 2º *excedente*: como o significado: “aluno excedente no exame vestibular em relação às vagas da universidade”. 3º *Incentivo*: com o significado: “estímulo fiscal promovido pela política governamental, a fim de fomentar a produção”[...]

O neologismo formal é constituído por palavras novas que são introduzidas no idioma, podendo ser um vernáculo ou um empréstimo estrangeiro. Assim temos como exemplo vocábulos como, “microsistema, internet, mouse, escanear”. O neologismo pode também ser uma lexia complexa como “lavagem de dinheiro”, “transmissão de dados”, “coleta seletiva” ou um expressão idiomática como “cair do cavalo”, “acabar em pizza”, “tirar o pai da força”.

---

<sup>7</sup>Há teorias que dizem que o latim não morreu, mas deu origem a outras naturezas de língua.

As gírias são criações populares, também fazem parte das formações vernáculas neológicas de uma língua e surgindo da busca de maior expressividade quanto a identidade e o pertencimento a um determinado grupo. Quando se desgastam são substituídas por outras. São exemplos de gírias, por exemplo: “gata ou gato”, que significa mulher bonita ou homem bonito; “mulher baranga”, que pode significar mulher feia; “coroa”, é uma pessoa idosa; “magrela”, pode significar uma bicicleta; “abrir o jogo”, dito em situações onde se fala a verdade; “arrancar os cabelos”, expressa uma situação ou estado de desespero. Para a compreensão desses enunciados, os participantes da interação precisam compartilhar uma base comum de identificação dessas palavras. Pois, como dito anteriormente, o léxico é parte da cognição da realidade de uma comunidade.

Os empréstimos estrangeiros, segundo Biderman (2001), são outra modalidade de neologismo. Temos representações das mais variadas origens: anglicismos, galicismos, latinismo, italianismos, arabismos, niponismos e outros. Na atualidade, todas as culturas e civilizações estão sofrendo uma forte influência da língua inglesa e da cultura americana devido à hegemonia (influência preponderante) política e econômica dos Estados Unidos da América.

Ainda com relação aos empréstimos, podemos afirmar que esse fenômeno ocorre quando, no processo de lexicalização, importamos palavras, sufixos e prefixos de povos que estivemos em contato direto ou indireto. Segundo Castilho:

O contato direto implica que duas ou mais línguas ocuparam o mesmo território. Historicamente isso ocorre nas seguintes possibilidades: (1) empréstimos tomados ao substrato linguístico, resultante do contato com povos que ocupavam anteriormente o território invadido, cuja cultura foi suplantada pelo invasor; (2) empréstimos tomados ao superstrato linguístico, resultante do contato com povos que invadiram um território sem suplantarem a cultura de seus ocupantes. (...) O contato indireto ocorre quando um povo culturalmente influente exporta suas palavras mesmo sem invadir o território afluente. Nesse caso, teremos os estrangeirismos. (CASTILHO, 2010, p.114).

Para a ilustração do processo de empréstimo, apresentamos uma das canções<sup>8</sup> das lavadeiras de Almenara. A canção a seguir *Oxossi e Xangô*<sup>9</sup> foi retirada do CD *Devoção* (FARIAS, 2013).

**Oxossi e Xangô**  
Quem rola a pedra na pedreira é Xangô,

---

<sup>8</sup> Veja todas as canções no anexo 1.

É Xangô, é Xangô  
 Quem rola a pedra na pedreira é Xangô,  
 É Xangô, é Xangô

Quem manda lá na mata é Oxossi  
 Quem manda na pedreira é Xangô  
 Quem manda lá na mata é Oxossi  
 Quem manda na pedreira é Xangô  
 É Xangô, é Xangô, é Xangô, é Xangô

Oxossi é caçador êkô, êkô  
 Ele caça na Aruandaêkô, êkô  
 Oxossi é caçador êkô, êkô  
 Ele caça na Aruandaêkô, êkô  
 Ouro e viva a coroa, é de lei!  
 Ouro e viva a coroa, é de lei!

É possível observar na letra da canção, palavras de origem africana, que apontam para a religiosidade de matriz africana e para a importância da tradição oral desse grupo através do contato direto entre brasileiros e africanos. No caso dos vocábulos dessa canção, é o resultado do contato direto entre línguas e culturas (brasileira e africana). Esse contato é parte do processo diaspórico, ocorrido no Brasil pela via da escravidão (com deslocamentos do tráfico atlântico) ou do deslocamento voluntário do povo negro, como, por exemplo, deslocamento de angolanos para o Brasil. Esses deslocamentos redesenharam a ambiência cultural do Brasil. Assim, como é possível ver na canção acima, há a apropriação do léxico da religiosidade de matriz africana nas canções das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha. Palavras como “Xangô”, “Aruanda”, “Oxossi” são vocábulos de origem africana que se deslocaram de lá para cá e compõem o léxico e a cultura das lavadeiras de Almenara. Esclarecemos que Xangô e Oxossi e Aruanda” são termos da cultura africana, mas especificamente dos iorubás. Os orixás são ancestrais africanos divinizados que correspondem a pontos de força na natureza. Xangô é o orixá da justiça e da sabedoria. Representa a justiça e tem as pedreiras como símbolo natural enquanto que Oxossi é o orixá da caça, da fartura e da riqueza e ele se encontra nas matas. Aruanda é a cidade espiritual dos orixás.

Os neologismos engrandecem o léxico de uma língua, mas sua passagem pode ser breve. Biderman (2001, p. 212) afirma que:

O neologismo, uma vez criado, é lançado dentro da grande corrente vital de evolução da língua. Será incorporado a um campo semântico e começará a sofrer influxos dos seus vizinhos de significação. A combinação léxica no discurso e as conotações estilísticas também imprimirão a ele matizes novos, ampliando o seu halo de significação. Passará assim a fazer parte da semântica evolutiva da língua. Entretanto, nem sempre a vida de um

neologismo é longa. Por vezes é bem efêmera como acontece com as gírias (BIDERMAN, 2001, p.212).

Para o neologismo perenizar é necessário que o mesmo seja dicionarizado (ou escrito ou usado em peças de teatro). O dicionário, como o guardião físico da riqueza vocabular oral, assegura que as lexias orais tenham uma vida mais duradoura. Um vocábulo neológico é dicionarizado quando é usado continuamente pela comunidade usuária daquela língua.

Como afirma Biderman (2001), a ciência e a tecnologia são principais responsáveis pelas criações neológicas na atualidade para isso precisam criar um arcabouço léxico que sustente suas novas necessidades de expressão. Dessa forma, elas se tornam um instrumental de ampliação do léxico porque influenciam decisivamente nosso modo de viver. As mudanças sociais geram novas realidades que requerem novas nomenclaturas para se categorizarem. E dessa forma enriquecem o léxico. Vilela postula que:

Se a língua é um elemento aglutinador da sociedade e da comunidade - comunidade linguística- é também um dos seus produtos mais genuínos. Sociedade e língua estão constantemente a intrometer-se uma na outra, a marcarem-se sem se marcar. A sociedade reflecte-se continuamente na língua que lhe serve de argamassa e vice-versa (VILELA, 1997, p.31).

É importante salientar a importância dos poetas e dos escritores na construção do léxico. Eles contribuem decisivamente para a expansão do léxico, pois estão sempre brincando com as palavras; dando novas conotações para as palavras já existentes ou criando outras. Dessa forma concluímos, de acordo com Biderman (2001), que a criatividade dos seres humanos é a grande responsável pelo crescimento do acervo lexical da língua de uma determinada comunidade.

Como já foi mencionado anteriormente, o léxico é um sistema aberto e em expansão (BIDERMAN, 2001). Assim, não é possível o registro completo do léxico de uma língua, pois os significados e os vocábulos estão se fazendo, por meio dos processos de lexicalização.

Passemos, na próxima seção, a tratar essa característica, tendo como ponto principal a variedade lexical.

### **1.3 A variedade do léxico**

A variedade do léxico é um fenômeno natural. A língua portuguesa, como todas as línguas, apresenta inúmeras variações e passa por mudanças no tempo – historicamente – e no espaço – geograficamente. As variações sociais também merecem uma atenção especial, pois, dentro dos estudos sobre léxico, a língua existe enquanto interação social, criando-se e transformando-se. Isso quer dizer que devido ao contexto sócio-histórico, a língua é criada e transformada. A existência da língua se deve à interação social. Dentro dessa perspectiva, a

língua é um trabalho social, um agir coletivo, feito por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita.

Sendo uma classe aberta, o léxico comporta unidades de todos os registros linguísticos. A língua reflete as transformações sociais de uma comunidade e a parte da língua mais sensível a esse dinamismo é o léxico. Com relação a isso, Vilela (1997) afirma que:

Como é evidente, o léxico de uma língua, sem ser uma manta de retalhos, não é um todo homogêneo, constitui o que costumamos designar por diassistema: as palavras de todos os dias convivem com as palavras dos especialistas, as palavras da língua falada (ou estilo coloquial) com as palavras da língua escrita (ou estilo reflectivo), as palavras “velhas”, ainda de uso corrente, coabitam com arcaísmo e neologismos, etc [...] Há também o chamado “jargão” das variedades funcionais-contextuais: línguas sectoriais de especialidade, como a linguagem do desporto, da publicidade, da informática, dos “media”, etc. Há variedades geográficas e variedades sociais. (VILELA, 1997, p. 34)

Segundo Vilela (1997, p.34-35), não é possível limitar, de maneira clara e fixa, as variedades lexicais dentro da própria língua, pois uma mesma palavra pode obter diferentes significados dependendo do contexto onde será utilizada. Porém, pode haver especializações no emprego de alguns vocábulos. É o caso de termos como “mudar,” “cambiar” e “trocar”. “Mudar” é mais usado no campo físico: mudar de roupa, mudar de campo, mudar de banco (onde são feitas as transações bancárias). “Trocar” é um termo mais genérico. No Brasil, ele é mais empregado para trocar de roupa e o termo “cambiar” é usado nas transações bancárias. Porém, há termos de uso mais genérico. O termo “campo” é mais genérico (campo de futebol, campo magnético, campo de força, campo visual, campo gravitacional, campo de jogos); assim como o termo “navegar” que é usado pela marinha, na aviação e na informática. Dentro dessa perspectiva, inúmeros exemplos poderiam ser citados.

As chamadas línguas técnicas como a biologia, a taxionomia, a informática e a física nuclear utilizam termos greco-latinos como ponto de partida para designar os seus vocábulos e a medicina se vale dos termos em inglês.

As variedades sociais do léxico estão intimamente ligadas à idade, ao sexo, procedência, classe social e ao nível de instrução de seus usuários. No *corpus*, objeto desta pesquisa, os lexemas “fulô” e “docin”, presentes nos versos da canção *Bambuê*, (cf. p. 96), apresentado a seguir, indicam forte presença da tradição oral nesse caso, realizada por processo de redução e adaptação da língua portuguesa, nas interações entre as lavadeiras:

Faz arruda botar “fulô”  
E as ondas do mar secar  
Muito bomessa palavra

Que você me disse agora  
Mereceu comer galinha e “docin” de hora em hora

Nessa canção, a palavra “fulô” parece indicar a influência da Língua Tupi, uma vez que falantes da tribo tupi e seus descendentes tem dificuldade para falar o “fl” e o “or”. Daí flor é “fulô” e senhor é “sinhô” (MARTINS, 2012). Diferente do que acontece em contextos instrucionais de letramento, como a escola, nas religiões de matriz africana e em contextos de comunidade rurais, a tradição oral é uma riqueza que o povo carrega e que traz a essência da religiosidade e da participação em comunidade.

As variações linguísticas relacionadas ao contexto são chamadas de registro. Nesse sentido, os falantes diversificam sua fala - isto é, usam registros distintos - em função das circunstâncias em que ocorrem suas interações verbais. Ou seja, os falantes adequam sua forma de falar de acordo com seus objetivos no ato enunciativo. Essa adequação vem de uma escolha seletiva dentre o conjunto de formas que constituem o saber linguístico individual, de um modo mais ou menos consciente. Usam-se registros diferentes para com as pessoas com quem se está falando (formal, informal, coloquial, familiar, pessoal).

Vilela postula que:

Chamamos de “registros” as variedades do código que dependem da situação e que se realizam sem acrescentar qualquer coisa ao código, mas representam apenas escolhas entre as diversas possibilidades oferecidas pelo próprio código. Os registros consistem normalmente na escolha de uma possibilidade de realização entre as diversas possibilidades de pronúncia, de sintaxe e do próprio léxico (VILELA, 1997, p.39, *grifos do autor*).

Para ilustrar o que foi dito anteriormente, tomemos como exemplo o seguinte enunciado “golpe com a palma da mão”. Para este enunciado temos distintos registros: bofetada, lambada, tabefe, bofetão, tapa e outros. O usuário da língua, neste caso, escolhe o registro que lhe convém.

Dando continuidade ao aprofundamento dos estudos sobre o léxico, na próxima seção, discutiremos as diferentes disciplinas que se dedicam ao estudo do léxico.

#### **1.4 Disciplinas que estudam o léxico**

Como dito anteriormente, o conhecimento do universo adquirido ao longo do tempo é registrado através do léxico de uma língua natural. O léxico se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade. O que significa dizer que a realidade, segundo Biderman (2001), é cognitivamente e armazenada na mente do indivíduo registrando o sistema lexical. Assim, estudar o léxico de uma determinada comunidade é conhecer como a referida comunidade concebe a realidade ao seu redor.

Os estudos linguísticos sobre o léxico desenvolvem-se em três campos de estudos. São eles:

1-A lexicologia, cuja preocupação centra-se nos problemas teóricos que embasam o estudo científico do léxico;

2-A lexicografia que está voltada para as técnicas de elaboração dos dicionários. É o estudo da descrição feita pelas obras lexicográficas;

3-A terminologia que se preocupa com o termo, a palavra especializada, os conceitos próprios de diferentes áreas de especialidades.

A Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia são as três vertentes responsáveis pelo estudo do léxico. As mesmas se complementam, mas tem objetos de estudo, metodologia e referenciais teóricos distintos, como afirma Biderman (2001, p.16.).

A ciência dos dicionários é a atividade da Lexicografia. A mesma é uma atividade antiga e tradicional. Para ajudar os leitores de textos da antiguidade clássica e da interpretação da Bíblia havia uma lista de palavras explicativas que formavam os glossários latinos medievais. Com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues (latim e uma língua moderna), inicia-se o trabalho da lexicografia no século XVI e XVII. Vocabulário Português-Latino de Rafael Bluteau (1712-1728) e Dicionário da Língua Portuguesa de Antônio de Moraes Silva (1ª ed. 1789; 2ª ed. 1813) são os primeiros dicionários em Língua Portuguesa, conforme explica Biderman (2001, p. 16).

Os dicionários têm função descritiva e normativa nas sociedades contemporâneas, isso porque ao mesmo tempo em que busca registrar o vocabulário cristalizado na cultura das comunidades, serve também na orientação e prescrição dos usos dos signos lexicais para todos os que fazem uso de uma língua. Portanto “dicionário é o porta voz de uma comunidade linguística” (BIDERMAN, 2001, p.19).

Com o avanço da ciência e a necessidade de divulgação de suas pesquisas, foi gerada uma documentação variada, em diferentes línguas. O saber é transmitido através de textos que possuem características específicas que atendem ao nível lexical, pois é essencialmente por meio de uma terminologia própria que esse tipo de texto veicula os conhecimentos especializados. Esse é o papel da Terminologia, que estuda o vocabulário das áreas técnicas e científicas, desempenhando papel essencial nesse processo.

Segundo Cabré, citado por Biderman:

A teoria geral da terminologia baseia-se (...) na natureza do conceito, nas relações conceptuais, na relação termo-conceito e a atribuição de termos aos conceitos que ocupam uma posição chave [nessa ciência]. Esse enfoque do conceito ao termo distingue o método de trabalho da Terminologia daquele

que caracteriza a Lexicografia. Os terminólogos, que são os práticos da Terminologia, têm por objeto a atribuição de denominações aos conceitos: atuam pois do conceito para o termo (processo onomasiológico); os lexicógrafos, práticos da lexicografia, partem da denominação, que é a entrada de dicionário, e a caracterizam funcional e semanticamente: movem-se na direção contrária, do termo para o conceito (processo semasiológico) (CABRÉ, 1993 apud BIDERMAN, 2001, p. 19).

A Terminologia está centrada no universo referencial e a lexicografia não se restringe a esse campo, pois ela busca descrever o léxico geral da língua, portanto, ela se relaciona com todas as demais funções da língua. O léxico geral abrange o contexto de comunicação dialógica e também o universo referencial. Por isso é mais abrangente e heterogêneo do que o léxico especializado que é o objeto de estudo da Terminologia. Além do universo referencial, o léxico geral engloba todas as palavras que possibilitam a comunicação humana e também todas as unidades que nos leva às muitas funções da linguagem.

No quadro abaixo podemos fazer um contraste entre Lexicografia e Terminologia.

**Quadro 1:**Contraste entre Lexicografia e a Terminologia

LEXICOGRAFIA	TERMINOLOGIA
Unidades lexicais muito heterogêneas (quanto à forma e função): palavras de significação e palavras instrumentais.	Unidades lexicais homogêneas: substantivos (maioria), adjetivos, verbos e alguns advérbios.
Mais abrangente.	Circunscrita a um domínio.
Não se restringe ao universo referencial.	Centrada no universo referencial.
Relaciona-se com todas as funções da linguagem: função referencial, função emotiva, função fática, função poética, função metalinguística.	Relaciona-se com a função referencial.

(Fonte: BIDERMAN, 2001, p.161)

Pelo quadro acima, podemos observar que a Lexicografia é mais abrangente que a Terminologia em relação às unidades léxicas. Isso ocorre porque, no léxico geral, as unidades são muito heterogêneas, quanto à forma e quanto à função. O léxico geral cobre o contexto da comunicação dialógica e também o universo referencial, passível de comunicação pelo ser humano. Assim sendo, ele é mais abrangente e heterogêneo do que o léxico específico que seria o objeto da Terminologia. (BIDERMAN, 2001, p. 162).

Na próxima subseção, dando continuidade à discussão sobre as disciplinas que estudam o léxico, deter-nos-emos à apresentação da lexicologia, enquanto um campo de estudo, em que esta pesquisa está localizada.

#### **1.4.1 Sobre a lexicologia**

A lexicologia tem a incumbência de estudar cientificamente o léxico. Ela pertence à área da Linguística envolvendo conceitos teóricos das diversas vertentes dessa área. O léxico se encontra numa convergência linguística buscando informações em diferentes fontes: como a semântica, a morfologia, a sintaxe, a fonética, a fonologia, e da pragmática (BIDERMAN, 2001).

Segundo Gil (2016):

No âmbito linguístico, a lexicologia tem uma conexão mais próxima com a semântica, por se concentrar no estudo do significado e suas relações com o significante, ao tratar de temas como monosssemia, polissemia, homonímia e parassinonímia, e com a morfologia, por abordar aspectos estruturais do léxico, como os processos de formação de palavras. A lexicologia, portanto, ocupa - se tantos dos significados lexicais quanto dos gramaticais (GIL, 2016, p.446).

É uma disciplina que trata do léxico das línguas de modo integrado e completo. Nesse caso, um estudo completo do léxico inclui a observação tanto das palavras gramaticais quanto as lexicais. Biderman (2001, p. 170), afirma que é possível constatar uma subdivisão no acervo das palavras de uma língua, acervo este que é formado por dois grupos extensos: o das palavras gramaticais e o das palavras lexicais.

O primeiro grupo (o das palavras gramaticais) é menor, mais limitado, mais restrito e não se expande. São os pronomes, artigos, preposições, conjunções e morfemas gramaticais e tem a função de estruturar o sistema linguístico. O grupo das palavras gramaticais tem um caráter funcional, portanto é um grupo que não muda e não se expande com facilidade, pois ele dá sustentabilidade ao sistema linguístico (SANTOS, 2013, p. 20).

No segundo grupo (o das palavras lexicais) estão os itens que se inserem diretamente ao “universo natural e antropológico” (SANTOS, 2013, p. 20). Essas palavras nomeiam objetos concretos, fenômenos da natureza, fazeres humanos e elementos abstratos. A palavra léxica (ou mais propriamente o lexema), segundo Vilela (1997, p. 10-11), apresenta relação direta e imediata com a realidade extralinguística.

O grupo de palavras lexicais de uma língua refere-se diretamente a fatos culturais e sociais e aos elementos físicos do mundo natural. Para acompanhar as mudanças que ocorrem no mundo extralinguístico (a palavra na ação social), esse grupo de palavras sofre constantes

modificações para se adequar às necessidades da comunidade social a que serve dentro de uma determinada época.

É justamente pela capacidade que as palavras lexicais têm de acompanhar a dinâmica cultural e social de um grupo que esta pesquisa pretende realizar estudo acerca dos campos léxico-semânticos presentes nas letras das canções das Lavadeiras do Vale Do Jequitinhonha, tendo em vista a compreensão de que a análise semântica e discursiva do léxico pode mostrar traços de identidade social e cultural do referido grupo de lavadeiras.

### **1.5 Formas de identificação do léxico: os lexemas e as lexias**

Como dito anteriormente, a Lexicologia é a ciência que trata do léxico da língua. É sabido, também, que este está sempre em expansão. Daí a criação de alguns termos para entendermos melhor a complexidade de uma língua. Os linguistas criaram o termo lexema “para designar a unidade léxica abstrata da língua”. (BIDERMAN, 2001, p.116). Nesse sentido, Biderman esclarece que:

Os lexemas se manifestam, no discurso, através de formas ora fixas, ora variáveis. Essa segunda alternativa é a mais frequente nas línguas flexivas e aglutinantes. Assim, em português, o lexema cantar pode manifestar-se discursivamente como cantei, cantavam, cantas, cantando, etc. O lexema menino como menino e meninos. A essas formas que aparecem no discurso, daremos o nome de lexias. Portanto, cantei, cantavam, cantas, cantando, menino, meninos são lexias. Dessa forma evitamos as ambiguidades e imprecisões inerentes aos termos palavra e vocábulo, antigos e veneráveis, mas integrantes do vocabulário comum e não-técnico. Paralelamente, vamos contrastar o termo léxico (acervo dos lexemas de uma língua) a vocabulário (conjunto das lexias registradas na obra de um autor, por exemplo) (BIDERMAN, 2001, p.120).

De uma maneira simples, os lexemas são unidades lexicais do sistema, enquanto que as lexias são as unidades lexicais atualizadas no discurso. Essa delimitação evoca a compreensão de que as lexias não são dadas pelo sistema ou na gramaticalização. Nesse caso, não há limites precisos e definidos para essa unidade linguística atualizado no discurso. Assim, pode-se chegar à conclusão, conforme Biderman (1978, p. 119) citado por Santos (2013, p. 22), de que “[...] só a dimensão semântica nos fornece a chave decisiva para identificar a unidade léxica expressa no discurso”.

Dessa forma, a atualização discursiva de um lexema pode resultar, segundo Santos (2013, p. 23), em uma lexia estruturalmente equivalente ou em uma lexia de um tipo específico. Para exemplificar, tomemos um trecho da canção *Bambuê* (cf.p. 96), cujos versos são os seguintes:

“Menina diga seu nome

Que eu quero dizer o meu  
 Eu me chamo Seda Fina  
 Daquele vestido teu”

O lexema “Seda Fina” pode ser definido, de acordo com AURELIO (2002), como tecido de seda, armado e brilhoso, de trama extremamente fina. Entretanto, se olharmos para a atualização desse lexema no contexto da referida canção, “Seda Fina” assume outro tipo significado, diferente do dicionarizado. Nesse contexto, “Seda Fina” assume a função de nomear o enunciador, ao mesmo tempo em que o qualifica. Assim “Seda Fina” é o nome daquele/a que enuncia. Nesse caso, a atualização discursiva do lexema especifica o sentido do vocábulo Seda Fina. Essa especificidade do sentido, possível de ser definido apenas na atualização discursiva, também pode ser observado em outro exemplo retirado de nosso *corpus*. Abaixo segue os versos da canção Oxossi e Xangô (cf. p.106).

“Quem rola pedra na pedreira é Xangô,  
 É Xangô, é Xangô.  
 Quem rola pedra na pedreira é Xangô,  
 É Xangô, é Xangô.  
 Quem manda lá na mata é Oxossi  
 Quem manda na pedreira é Xangô.  
 [...]”

De acordo com o dicionário Aurélio, os lexemas “pedra” e “pedreira” podem assumir sentidos de “fragmentos de rocha” e “lugar de onde se extraem pedras”, respectivamente. No contexto da canção enunciada, tais palavras estão associadas ao que se chama, na religiosidade de matriz africana, aos pontos (cânticos de evocação das entidades) de Xangô, que segundo Jesus e Abbade (2011, p. 6) é o orixá dos raios e dos trovões, rei-herói do povo iorubá. Nesse caso, pedra e pedreira são lugares onde a entidade se encontra e onde a mesma deve ser evocada.

Toda palavra abarca uma rede de significação às vezes muito extensa. Quando as lexias se agrupam através de uma rede de significação e interligações de sentido é determinado o campo semântico.<sup>10</sup> Os dicionários procuram listar os diferentes significados do campo de significação de cada um de seus verbetes. Não é possível mapear todo o campo semântico do léxico, em parte a responsabilidade é dos dicionaristas. Mas, na maioria das vezes é porque é muito difícil limitar uma área lexical e de reconhecer aí todas as possíveis variações de significado, pois o léxico é um campo aberto. A criatividade humana, comodito anteriormente, em especial a dos artistas, própria das práticas sociais humanas, cria

<sup>10</sup>Sobre campo semântico ver seção 1.6.

constantemente novas significações para as palavras de um acervo lexical. Isso dificulta a descrição definitiva do campo semântico tornando o “léxico uma galáxia em expansão”. (BIDERMAN, 2001, p.193).

Biderman (2001, p.199) ainda, ao discorrer sobre as formas de identificação do léxico, postula que o campo onomasiológico “compreende todos os significantes (designações e nomes) de um certo significado”. O campo semasiológico “compreende todos os significados possíveis que possam traduzir um determinado significante (nome).” Para ilustrar o campo onomasiológico, usaremos a concepção da palavra velho, um exemplo retirado dos textos de Biderman (2001, p 199). O falante optará pela designação mais adequada ao contexto em que a mesma será usada, que pode ser velho, idoso ou antigo. Velho abrange uma possibilidade de uso maior que antigo. Para a designação idoso, o campo é mais restrito ainda. Velho pode conceituar pessoas, animais, objetos, noções, sentimentos e outros. Por exemplo: uma mulher velha; um gato velho; um tapete velho; um velho conceito; um velho sentimento. Para designar conceitos abstratos e objetos concretos, emprega-se o lexema antigo (a): Uma cadeira antiga; Uma ideia antiga; Um amor antigo. Já o lexema idoso (a) só pode ser usado para designar pessoas: uma mulher idosa; um homem idoso.

Dentro do campo onomasiológico do termo velho, percebemos claramente o campo de atuação dos termos velho, antigo e idoso. Se não forem respeitados esses campos de atuação, segundo Biderman (2001), os ouvintes e/ou leitores estranhariam ou não aceitariam o emprego dos termos citados anteriormente. A lexicologia faz uso da onomasiologia e a lexicografia faz uso da semasiologia. Ambos se complementam e dão suporte para o estudo do léxico de uma língua. (BIDERMAN, 2001, p. 200-201).

Na construção do campo semântico usaremos a abordagem onomasiológica, pois reuniremos conjunto de lexias em forma de significado. Portanto se faz necessário conhecer as categorias de lexia. Segundo Pottier (1972, p. 269 apud SANTOS (2013, p 24), as lexias são agrupadas em quatro tipos: (1) lexias simples, que “corresponde à palavra tradicional”, como palavra lavadeira; (2) lexia composta, que “é o resultado de uma integração semântica e é facilmente reconhecida”, como é o caso de azul marinho; (3) lexia complexa, já “é uma sequência de palavras em vias de lexicalização. Já são usadas e reconhecidas semanticamente”. Podemos ilustrar observando na canção *Adeus ferro de engomar* (cf. p.94) a lexia “ferro de engomar”; (4), a lexia textual: que “é uma lexia complexa que alcança o nível de um enunciado ou texto”. É o caso da lexia “A faca que corta não dá tói sem dor”, presente na canção *Senhora Santana* (cf.p.110). E por fim a lexia discursiva. Como estamos estudando o léxico no nível do discurso, e não da língua, podemos dizer que “as lexias discursivas, são

enunciados lexicalizados que compõe seu sentido em uma atualização discursiva única” (GIL, 2016, p.208) como a lexia “vim para lavar” retirada da canção *Estiagem* (cf.p.102). Nas nossas análises estaremos utilizando lexias simples, compostas e discursivas.

Biderman (2001), a partir da perspectiva de Pottier, divide as lexias apenas em simples e complexas, alegando que nem sempre se sabe ou consegue alcançar os limites de uma lexia. É imprescindível, portanto, considerarmos a relação entre o léxico e a semântica, ao considerarmos o sentido que a lexia evoca no enunciado.

Na próxima seção apresentamos um estudo mais aprofundado sobre os campos léxico-semânticos de uma palavra.

### **1.6. Os campos léxico-semânticos**

Como dito anteriormente, é preciso observar a relação entre o léxico e a semântica para considerarmos o sentido que a lexia evoca no enunciado. Um método de se tratar o léxico nas canções em seu aspecto semântico foi apresentado por Biderman (2001) e Vilela (1979). Em nossa pretensão de análise do léxico das canções das lavadeiras, também consideramos que os procedimentos de seleção lexical caminham conjuntamente com a construção semântica envolvida nos processos discursivos. Nesse sentido, um estudo que almeja olhar para seleção léxica tem como categoria de análise a semântica. Isso porque, como afirma Biderman (2001, p. 179), “ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do léxico, alterando a área de significado das palavras”. Nesse caso, o indivíduo é o responsável pela semântica de sua língua. Sobre isso podemos recuperar as palavras de Santos (2013, p. 27):

A análise léxico-discursiva se debruça sobre esses usos específicos do enunciador, levando em conta a carga semântica especificada que as lexias apresentam no discurso. Essa especificidade do léxico no discurso dá-se pela complexidade semântica que a lexia atualizada adquire na presença das outras, somando-se a isso também os dados extralinguísticos da enunciação. Numa cadeia de lexias formada no enunciado, o sentido que cada uma evoca depende de todas as outras presentes no mesmo enunciado. A rigor, é somente dessa maneira que existe a significação: por oposição. O isolamento das lexias e as definições lexicográficas são apenas recursos metodológicos necessários à sistematização do léxico (SANTOS, 2013, p.27).

Por não estarem devidamente diferenciados ou definidos, os conceitos de campo semântico e campo lexical não podem ser tratados isoladamente, pois consideramos o léxico a materialidade do domínio semântico e, de fato, não é possível pensar e conceber um campo semântico sem o suporte do léxico. A semântica é a área com a qual a Lexicologia possui uma

ligação especial. Tanto o campo semântico quanto o campo lexical são utilizados para um melhor e mais adequado uso das palavras da língua portuguesa.

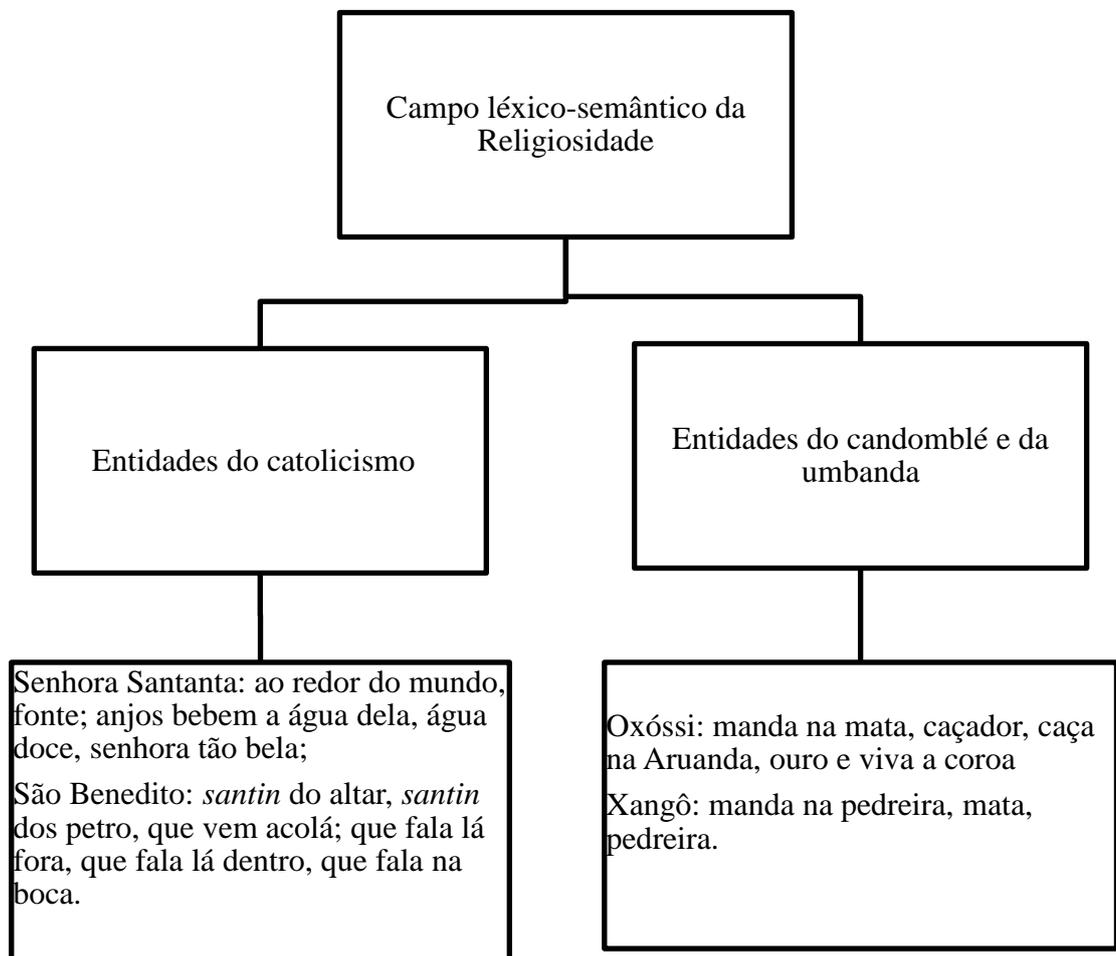
Ilustraremos o que foi dito anteriormente, através da palavra balde. No campo da Semântica Textual, balde é como um objeto de metal ou plástico, com alças, usado para carregar alguma. Quando dizemos “chutar o balde”, no sentido de desistir de alguma atividade, nada tem a ver com o sentido de balde e chutar. Essa é uma questão da Semântica Gramatical ou Composicional. Quando se diz “Não consigo carregar o balde de areia” representa a significação pragmática, que pode ser entendida como um pedido de ajuda para o meu interlocutor.

Nenhum falante consegue dominar o léxico da língua que fala, já que o mesmo é modificado constantemente através de palavras novas e palavras que não são mais utilizadas. Além de possuir uma quantidade muito grande de palavras, o que impossibilita alguém de arquivar todas em sua memória.

Biderman (2001, p.194) acrescenta que “os vocábulos componentes de um campo semântico registram numerosas mudanças de sentido compondo um amplo leque de significados afins”, de modo que se deve considerar a heterogeneidade e a dinamicidade dos campos semânticos, que demandam atenção aos movimentos e às transformações da língua.

Um campo semântico pode ser descrito como uma constelação (HENRIQUES, 2011, p.78). O que quer dizer que esse termo se reporta ao agrupamento de palavras que se unem, linguisticamente, através de uma rede de associações e interligações de sentido e essas não se limitam quantitativamente. Para ilustrar o que foi dito, a seguir, apresentamos um exemplo do campo léxico-semântico da Religiosidade presente nas canções analisadas, em especial atenção, ao micro campo da religiosidade, que chamaremos “Entidades religiosas”, de acordo com os sentidos que assumem nas canções “Senhora Santana”, “Oxossi e Xangô” e “São Benedito”, presentes no CD Devoção, gravado pelas lavadeiras de Almenara (cf. p. 91). Para ilustrar o que foi dito anteriormente, apresentamos o quadro:

**Quadro 2:** Campo léxico-semântico da religiosidade



Fonte: Elaborado pela autora

O quadro 2 permite visualizar as relações semânticas das lexias que compõem o campo lexical das entidades religiosas presentes nas canções das lavadeiras. A primeira observação a ser feita sobre esse agrupamento, é que campo léxico-semântico das “Entidades religiosas” é formado por entidades católicas e entidades do candomblé e da umbanda. É possível observar, por meio do emprego lexical, que cada lexia apresenta uma carga semântica específica. Por exemplo, as entidades Xangô e Oxóssi estão relacionadas a signos da natureza. Elementos semânticos típicos do sagrado nas religiosidades de matriz africana são atualizados nas canções das lavadeiras. *Os orixás são* santos africanos que correspondem a pontos de força da natureza e os seus arquétipos estão relacionados às manifestações dessas forças. As características de cada orixá os aproximam dos seres humanos, pois eles manifestam-se através de emoções como nós. Isso pode ser observado na caracterização de

Oxóssi, que na referida canção manda na mata e é caçador; “Xangô é aquele que manda na pedreira”.

Já as entidades do catolicismo apresentam carga semântica, discursivamente construída, no universo do que é belo, sagrado e angelical, com características divinas e não humanas. São Benedito e Senhora Santana estão associados à proteção que os seres humanos necessitam nos momentos de tristeza, desespero ou privações.

Nesses agrupamentos, importa deixar evidenciados aspectos dos sentidos reiterados no discurso por meio do emprego lexical. No caso das canções das lavadeiras, o campo semântico da religiosidade é amplo e contém os demais. Cria-se assim um “halo de significação” (BIDERMAN, 2001, p.194) para religiosidade. A análise lexical, numa perspectiva discursiva é construída em torno do sentido. Para agrupar as lexias de um enunciado é preciso seguir critérios semânticos e isso originará os campos léxico-semânticos.

Cada palavra abarca uma rede de significação que pode ser muito extensa. Ao conjunto de vocábulos que fazem parte dessa rede damos o nome de campo semântico dessa palavra. No dicionário encontramos os vários significados do campo semântico de um mesmo verbete. Porém essa delimitação de significação é sempre incompleta pois o “léxico é um campo aberto” (BIDERMAN, 2001, p.193) porque o ser humano está sempre criando novos termos e também dando novos significados para as palavras já existentes. No campo semântico da palavra casa, por exemplo, podemos notar alguns termos: palácio, palacete, mansão, casa, casinha, choupana, casebre. O que distingue a significação desses termos é o tamanho e a riqueza e/ou pobreza. Nesse sentido, Santos (2013) afirma que para analisar o léxico de um conjunto do texto, observa-se, primeiramente, o sentido que as lexias evocam no enunciado para, depois, agrupá-las em campos semânticos de modo que tal agrupamento dá origem aos campos léxico-semânticos.

Segundo Vilela (1979, p.60), citado por Santos (2013, p.20), “o campo lexical é um paradigma lexical formado pela articulação e distribuição de um conteúdo lexical por diversas unidades existentes na língua (palavras) e que se opõe entre si por meio de traços simples de conteúdo (semas).” Os semas são traços de lexias de um discurso com significados que definirão seu conjunto em campos. Para o pesquisador Santos:

É o conjunto de semas de uma lexia ou seu semema, e não sua configuração gráfica ou fonética, que a caracterizam na perspectiva da análise semântica. Para haver um agrupamento das lexias, o olhar deve ser voltado para a carga semântica e não para a estrutura e forma. Podemos exemplificar a citação acima, usando o lexema cobra que pode apresentar expressões discursivas diversas, originando lexias diversas. Cobra pode ser um réptil, pertencente a ordem dos ofídios, revestido por escamas, alguns possuem veneno e é

chamado também de serpente. Cobra também pode designar um indivíduo cruel ou desonesto, sujeito traiçoeiro. São lexias distintas que não podem ser identificadas pelo caráter formal, mas apenas pelo componencial (semântico), que se manifesta no discurso (SANTOS, 2013, p.25).

O conjunto das lexias atualizadas por um indivíduo num enunciado específico pode ser tratado por léxico. Quando tratamos desse léxico, cada lexia deve ser considerada conforme as especificidades semânticas que adquirem no discurso. Ainda de acordo com Biderman (2001, p.139), “ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do léxico, alterando as áreas de significação das palavras. É por isso que podemos afirmar que o indivíduo gera a Semântica da sua língua”.

Enfim, muito diferente do léxico inventariado de uma língua, abrangente, o léxico atualizado no discurso revela a visão de mundo de um enunciador, seus valores e ideologias. Para conhecermos a ideologia e a visão de mundo de um determinado enunciador, é necessário observarmos as especificidades semânticas assumidas pelas lexias num discurso, dentro de uma análise lexical.

Toda palavra abarca uma rede de significação que em certos casos pode ser bem extensa. Chamamos de campo léxico-semântico o conjunto de vocábulos que integram essa rede de significados. A culminância da elaboração dos campos semânticos se dá quando isolamos o sentido de uma lexia e a definimos. É necessário esse recurso para se estudar o léxico discursivo.

Na próxima sessão estaremos aprofundando o estudo do léxico observando como as escolhas lexicais, feitas por um determinado grupo social, apontam para aspectos de identidade cultural do referido grupo.

### **1.7As escolhas lexicais como objeto de cultura e identidade**

Para se chegar à identidade social e cultural das pessoas existem muitas formas. Uma das mais imediatas marcas de identidade sociocultural pode ser representada pela língua falada. Abbade (2011, p. 132) afirma que:

Língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é organizada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas etárias, culturais de quem a profere. Partindo dessa premissa, estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza (ABBADE, 2011, p.132).

Através do léxico de sua língua, o ser humano mostra sua identidade cultural e ideológica. O léxico é formado por um conjunto de termos que representa a herança sociocultural de uma comunidade por isso torna-se testemunha da própria história da

comunidade em questão. Vamos traçar algumas considerações sobre cultura para entender as implicações das escolhas lexicais na construção da mesma.

De acordo com José Luiz dos Santos (2006), o conjunto de traços distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e afetivos característico de uma comunidade ou grupo social é considerado cultura e leva em conta o modo de vida, a maneira de conviver dos membros dessa sociedade, os sistemas de valores, as crenças e tradições, as artes e a língua. A materialização da cultura é constituída por normas de comportamento, instituições, objetos artísticos, saberes transmitidos que expressam os modos de agir e sentir de um determinado grupo social. A coesão do grupo social é mantida pela cultura, que resiste às mudanças trazidas pelos processos econômicos e políticos, internos e externos. A cultura não é estática e inflexível. Ela é transformada quando entra em contato com outras culturas. A cultura representa a luta pelo poder e reconhecimento. Cada indivíduo de um grupo social precisa ter assegurado os mesmos direitos dos outros membros de sua sociedade, mas ao mesmo tempo, precisa ter sua individualidade respeitada visto como membro único, com suas necessidades, preferências, valores e particularidades (SANTOS, 2006, p.5-15).

Portanto, a identidade cultural pode ser considerada como uma identidade coletiva, própria de um grupo social onde são comungadas as mesmas atitudes, ou seja, a identidade cultural de um determinado grupo, é formada pelo conjunto de crença, atitudes e comportamentos compartilhados pelos indivíduos (SANTOS, 2006, p.43).

Como já foi dito, a herança linguística é o maior patrimônio de um povo. Através do uso da língua, sabemos a sua origem e percebemos traços de sua cultura e identidade e como a realidade se apresenta. Gil (2011) postula que:

Para adquirir e utilizar essas representações da realidade – crenças e ideologias – são necessários discursos reais e ações sociais, o que caracteriza a ideologia como social e cognitiva. Esses aspectos sociais da ideologia podem ser analisados em um plano local, observando-se os modelos mentais contextuais (participantes, tempo, espaço) e em um plano global, verificando-se os grupos, as organizações e as instituições, que, por compartilhar um mesmo comportamento, reúnem-se em torno de uma ideologia que consolida sua identidade, facilita a ação conjunta, é divulgada por meio dos discursos e faz com o grupo se fortaleça, sinta-se poderoso e produza um discurso que organiza a sociedade de forma polarizada, pondo ênfase nos seus próprios aspectos positivos e nos aspectos negativos do outro (nós *x* eles ou nós *x* os outros)(VAN DIJK, 2003, p.56-57 apud GIL, 2011, p.3).

Ao analisar as escolhas lexicais, percebemos aspectos da cultura local e identidade de determinado grupo. Parte-se do pressuposto que os sentidos de cada palavra só podem ser

compreendidos quando estudados dentro de um contexto histórico e cultural. Dentro desta linha de pensamento, Jesus e Abbade (2011) argumentam que:

Na estruturação da teoria dos campos lexicais há uma necessidade de trabalhar a lexia no contexto para resgatar a história de um povo, seu modo de agir e pensar. A lexia é uma palavra carregada de significação social, sendo externa e referencial. Ela é fruto das relações do indivíduo com o outro e com o mundo. Nessa relação, o léxico é a relíquia que deslumbra os olhos dos pesquisadores, pois a partir dele, é possível trilhar pelo mapa genético da identidade cultural desse povo. Delimitar o significado de uma lexia, sem observar o contexto em que é usada, se torna uma compreensão tortuosa de mundo. (JESUS; ABBADE, 2011, p.1)

O léxico aparece nessa relação como um norte para se observar de como tais aspectos identitários e culturais são materializados no discurso. “Isso porque as escolhas lexicais são uma das propriedades do discurso mais orientadas à experiência e à prática social” (ISQUERDO, 2001). Portanto, o léxico é um caminho considerável para o estudo de aspectos sociais da linguagem. Nesse sentido, Isquierdo (2001) postula que:

Partindo-se do princípio de que investigar uma língua é investigar também a cultura, considerando-se que o sistema linguístico, nomeadamente o nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, o estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo. Desde modo, no exame de um léxico regional, analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer. Essa perspectiva de análise favorece uma melhor compreensão do próprio homem e da sua maneira de ver e representar o mundo. (ISQUERDO, 2001, p. 90)

É nesta perspectiva que esta pesquisa se situa. Tendo em vista nosso objetivo de aprofundar os estudos acerca da tradição oral e marcas identitárias presentes nas letras das canções das Lavadeiras do Vale Do Jequitinhonha, a seguir, trataremos uma discussão aprofundada entre cultura, identidade e cognição, tendo em vista a perspectiva da linguagem.

## 2. CULTURA, IDENTIDADE E ENTRECruzAMENTO NA LINGUAGEM

Este capítulo tem por objetivo mostrar a relação de interdependência entre linguagem, cultura e identidade. Discutiremos a relação entre linguagem, cultura e identidade nos discursos, bem como os mecanismos que possibilitam a compreensão da interação como forma de manifestação e socialização de conhecimento compartilhado.

Para tal, inicialmente, abordaremos cultura e identidade a partir das interpretações dadas por Stuart Hall, Nestor Garcia Canclini, Kathryn Woodward, Tomaz Tadeu da Silva e José Luiz dos Santos. Em seguida, trataremos a questão da identidade e cultura numa vertente sociocognitiva cultural, tendo em vista uma abordagem que procura não separar a linguagem humana de sua função eminentemente social e cultural e de seus componentes biológicos, mais precisamente cognitivos, conforme nos esclarece Bagno (2014).

### 2.1 Breves considerações sobre a cultura

A humanidade se desenvolveu através de contato e conflito entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la. A cultura vai se transformando através destes contatos e conflitos e também movidas por forças internas. Portanto para falar de cultura temos de levar em conta, a humanidade em toda a sua riqueza e multiplicidade de formas de existência. Para o pesquisador José Luiz dos Santos, no livro *O que é cultura*, a cultura é vista em duas concepções:

A primeira dessas concepções preocupa-se com todos os aspectos de uma realidade social. Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade [...] Vamos à segunda. Neste caso, quando falamos em cultura estamos nos referindo mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças, assim como as maneiras como elas existem na vida social. Observe que mesmo aqui a referência à totalidade de características de uma realidade social está presente, já que não se pode falar em conhecimento, ideias, crenças sem pensar na sociedade à qual se refere. (SANTOS, 1996, p. 24-25)

Dessa forma, a cultura diz respeito “à humanidade como um todo e ao mesmo tempo a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos.” (SANTOS, 1996, p.7). Assim ao consideramos o conceito de cultura, faz-se necessário pensar na relação de imbricamento entre ideias e crenças de um grupo e a totalidade de características de uma realidade social.

Considerar cada cultura em particular não quer dizer desconsiderar as relações entre as culturas. Nessa direção, Santos (1996) pondera que:

Na verdade, se a compreensão da cultura exige que se pense nos diversos povos, nações, sociedades e grupos humanos, é porque eles estão em interação. Se não estivessem, não haveria necessidade nem motivo nem

ocasião para que se considerasse variedade nenhuma.[...]Cada cultura é o resultado de uma história particular, e isso inclui também suas relações com outras culturas, as quais podem ter características bem diferentes (SANTOS, 1996, p.9).

Na interpretação de Santos (1996), a cultura representa o patrimônio social de um grupo e a soma de padrões dos comportamentos humanos. É uma série de comportamento de um grupo de pessoas envolvendo seus conhecimentos, experiências, atitudes, valores, crenças, religião, hierarquia, relações espaciais, noção de tempo, conceitos de universo que é repassado às gerações futuras através da imitação ou comunicação. A construção da cultura é uma construção histórica não depende de leis físicas ou biológicas. Cultura é um produto coletivo da vida humana (SANTOS, 1996, p.45).

Ao pensarmos na cultura em nossa sociedade atual alguns questionamentos vem à tona. Dentro das sociedades da atualidade há uma grande diversificação interna. Ao discutir sobre esse ponto, Santos (1996, p.51) postula que:

A diferenciação básica decorre do fato de que a população se posiciona de modos diferentes no processo de produção. Basicamente há setores que são proprietários das fábricas, fazendas, bancos, empresas em geral, e há aqueles que constituem os trabalhadores dessas organizações. Quando se fala sobre classe social é frequentemente a respeito dessa diferenciação que se está fazendo referência. Essas classes sociais têm formas de viver diferentes, enfrentam problemas diferentes na sua vida social (SANTOS, 1996, p.51).

É, portanto, difícil tratar a dimensão cultural em nossa sociedade levando em consideração a diversidade dos grupos sociais nela presentes: trabalhadores e proprietários, homens e mulheres, crianças, jovens e velhos, praticantes de diversas religiões e muitos outros. E dessa diversidade surge a cultura popular e a cultura erudita. Santos (1996) explica que:

[...] É que, a partir de uma ideia de refinamento pessoal, cultura se transformou na descrição das formas de conhecimento dominantes nos Estados nacionais que se formavam na Europa a partir do fim da Idade Média. Esse aspecto das preocupações com a cultura nasce assim voltado para o conhecimento erudito ao qual só tinham acesso setores das classes dominantes desses países. Esse conhecimento erudito se contrapunha ao conhecimento possuído pela maior parte da população, um conhecimento que se supunha inferior, atrasado, superado, e que aos poucos passou também a ser entendido como uma forma de cultura, a cultura popular (SANTOS, 1996, p.54).

A cultura erudita é aquela considerada superior, normalmente apreciada por um público com maior acúmulo de capital e seu acesso é restrito a quem possui o necessário para usufruir dela. Como o acesso a esse tipo de cultura fica restrito a um grupo pequeno, ela fica ligada ao poder econômico e é considerada superior.

A cultura popular se refere ao conhecimento popular: qualquer estilo musical e de dança, crença, literatura, costumes, artesanatos e outras formas de expressão que é transmitida por um povo, por gerações e geralmente de forma oral. Como por exemplo, a cultura do Vale do Jequitinhonha, explicitada nas canções das lavadeiras, objeto dessa pesquisa que é aprendida de forma simples, em casa, com a convivência da pessoa nesse meio. Ela está ligada à tradição e não é ensinada nas escolas. A cultura popular é muito contemporânea, pois ela resiste ao tempo e mantém sua originalidade (SANTOS, 1996, 54-56).

Se tomarmos como exemplo as discussões sobre cultura empreendida na tradição da Antropologia Cultural do Brasil, será possível observar que a cultura brasileira, segundo Bosi (1992), é estruturalmente racializada, dividida em cultura indígena, cultura negra, cultura branca e cultura mestiças. Porém os critérios podem mudar passando da raça para a nação, e da nação para a classe social, tal como, cultura operária, cultura do rico, cultura do pobre, cultura burguesa (BOSI, 1992, p.309).

Alfredo Bosi (1992) também apresenta uma definição de cultura. Para o autor, cultura pode ser entendida como:

A herança de valores e objetos compartilhados por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades), e uma *cultura popular*, basicamente iletrada, que corresponde aos *mores* materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna. (BOSI, 1992, p.309).

Entre essas duas possibilidades de cultura, poderíamos citar outras duas que o desenvolvimento da sociedade urbano-capitalista gerou. Bosi explica essas duas vertentes que surgiram:

A *cultura criadora* individualizada de escritores, compositores, artistas plásticos, dramaturgo, cineastas, enfim, intelectuais que não vivem dentro da Universidade, e que, agrupados ou não, formariam, para quem olha de fora, um sistema cultural *alto*, independentemente dos motivos ideológicos particulares que animam este ou aquele escritor, este ou aquele artista. Enfim, *a cultura de massas*, que, pela sua íntima imbricação com os sistemas de produção e mercado de bens de consumo, acabou sendo chamada pelos intérpretes da Escola de Frankfurt, *indústria cultural*, *cultura de consumo*. (BOSI, 1992, p.309 *grifos do autor*).

O argumento empreendido pelo autor é que não é possível tratar cultura no mundo atual no singular, pois cada esfera da sociedade gera seus padrões. Da mesma forma, não é possível tratar a cultura brasileira no singular e sim no plural: “as culturas brasileiras” (BOSI, 1992, p.308), pois cada esfera da sociedade gera seus padrões de comportamento próprios. Uma das principais características da cultura é o mecanismo adaptativo que é a capacidade,

que os indivíduos têm de responder ao meio de acordo com mudança de hábitos, mais até que possivelmente uma evolução biológica. A cultura, para o autor, é também um mecanismo cumulativo porque as modificações trazidas por uma geração passam à geração seguinte, onde vai se transformando perdendo e incorporando outros aspectos numa tentativa de melhorar a convivência de todos baseado no respeito às diferenças.

O advento da modernidade, mais especificamente, o processo da globalização acentuou o contato entre os povos através de meios de comunicação mais eficientes e gerou, como consequência, um fenômeno histórico social chamado de hibridismo cultural. A obra do antropólogo Nestor Garcia Canclini tem muito a contribuir em uma discussão de cultura no mundo contemporâneo. Para o autor, no livro *Culturas Híbridas- estratégias para entrar e sair da modernidade*, mais especificamente no capítulo intitulado: “Culturas híbridas: poderes oblíquos”, as “trocas culturais” são favorecidas pelo desenvolvimento das tecnologias de comunicação cada vez mais rápidos e eficientes. As questões relacionadas às culturas híbridas remetem-nos ao processo de globalização.

Por culturas híbridas, podemos compreender o processo onde marcas culturais locais e globais são mescladas e passam coexistir, formando uma nova estrutura cultural, um novo acervo cultural que não é igual ao que havia antes do recebimento das influências externas, mas também, não é mera reprodução cultural daquilo que se recebe (CANCLINI, 1997, p.18-19).

Apesar de ser muito complexo, segundo Canclini (1997, p.303-313), existem algumas razões que podem explicar o processo de hibridação cultural. A primeira seria a queda dos grandes centros disseminadores de cultura. Com a variedade cultural crescente no mundo, não há mais um grande centro que transmita a cultura e que a emita de forma homogênea, provocando assim uma pluralidade de culturas, quebrando o padrão antigo da sociedade causando a disseminação de gêneros misturados, através da mesclagem de costumes que, como consequência, gerou uma variação cultural muito rica. A esse processo o autor deu o nome de descolecionamento. A desterritorialização foi considerada por Canclini outro fator que gerou a hibridação cultural. Canclini parte da ideia de que território é um espaço de estabilidade e organização, a ação de desterritorializar é uma ação de fragmentação para buscar novos saberes, menos instituídos, adotando uma percepção diferenciada e preparada para descobrir nova ideias além das previstas. Para Canclini(1997, p.309), a desterritorialização foi um processo fundamental para que ocorresse o processo de globalização das culturas, pois a partir daí as culturas se misturaram e ganharam características uma das outra.

Na perspectiva da teoria cultural contemporânea, o hibridismo também foi discutido por Silva (2014). Para o autor:

O hibridismo, por exemplo, tem sido analisado, sobretudo, em relação com o processo de produção das identidades nacionais, raciais e étnicas. Na perspectiva da teoria cultural contemporânea, o hibridismo – a mistura, a conjunção, o intercurso entre as diferentes nacionalidades, entre diferentes etnias, entre diferentes raças – coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas, divididas, segregadas. O processo de hibridização confunde a suposta pureza e insolubilidade dos grupos que se reúnem sob as diferentes identidades nacionais, raciais ou étnicas. A identidade que se forma por meio do hibridismo não é mais integralmente nenhuma das identidades originais, embora guarde traços delas. (SILVA, 2014, p.87).

É preciso ressaltar que a hibridização nem sempre se dá de forma natural e espontânea, pois, ela ocorre “entre entidades situadas assimetricamente em relação ao poder e nascem de relações conflituosas entre os diferentes grupos nacionais, raciais ou éticos. Eles estão ligados com história de ocupação, colonização e destruição”(SILVA, 2014, p.87). Em muitos casos a hibridização é forçada como, por exemplo, na diáspora dos povos africanos por meio da escravidão.

Como dito na introdução desta dissertação, no que se refere às nossas práticas culturais, o que se vê no Brasil é resultado da união dos conhecimentos, da sabedoria, das crenças e dos costumes de populações europeias, africanas e indígenas que, direta ou indiretamente, repassaram suas características culturais e formaram o que hoje é o Brasil. Nesse sentido, é impossível conceber o acervo de nossas tradições culturais sem o conhecimento dos povos indígenas, europeus e africanos. Pode-se dizer assim que essa hibridização marca as canções entoadas pelas Lavadeiras do Vale do Jequitinhonha fazendo aparecer, em seus repertórios lexicais, artefatos culturais e crenças oriundas de diferentes partes do mundo, provocados pelo circuito da comunicação diaspórica e potencializado pela globalização.

## **2.2 Identidade: conceito, concepções e implicações.**

Stuart Hall, em seu livro *Identidade na pós-modernidade*, teoriza a questão da identidade associado ao que ele chamou de “crise de identidade”. O autor explica que a teoria social abre uma extensa discussão sobre a questão da identidade, uma vez que as velhas identidades que por tanto tempo davam estabilidade ao mundo social, estão em decadência, gerando novas identidades, que fragmentam e descentralizam os sentidos de si mesmo que os sujeitos possuíam

Nessa perspectiva, Hall (2006) desenvolve:

[...] Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2006, p.9).

A crise de identidade que se observa na contemporaneidade é consequência do processo de globalização, segundo o autor. A globalização, fenômeno da pós-modernidade, é um fator determinante de mudança cultural na vida do sujeito e de seus hábitos, reestruturando sua vida de mundo e sua maneira de viver em sociedade. (HALL, 2006, p.103-104)

Uma reflexão acerca da identidade do sujeito inserido na pós-modernidade, onde ocorrem mudanças rápidas, repentinas e constantes, faz-se necessária em nossa discussão. Isso porque, na atualidade, as lavadeiras, ao se unirem no projeto de divulgação da cultura local, não estão mais restritas ao espaço localizado do Vale do Jequitinhonha. Com o projeto de Carlos Faria, as lavadeiras ganharam visibilidade nacional e internacional. Tal contato provoca hibridizações e abertura para novos modos de identificação social, para além das práticas localizadas. Diante da pós-modernidade, elas se reinventaram e reconstruíram novas práticas, como por exemplo, a apresentação do Coral em vários espaços públicos (inclusive fora do Brasil) e a gravação de CDs.

De acordo com Hall (2006, p.14-15), a globalização implica em significativas mudanças culturais que afetaram a identidade. Para o autor, os antigos parâmetros de identidade que moldavam o mundo social estão sendo desconstruídos. A ideia da identidade do sujeito unificado e estável mostrada pelo iluminismo foi trocada por uma concepção do sujeito pós-moderno, onde o indivíduo é fragmentado e mutável. Isso ocorre porque a facilidade de locomoção, a miscigenação das raças, a diversidade, os meios de comunicação em massa, permite ao sujeito assumir diversas identidades em diferentes momentos.

Nas relações sociais, para Hall (2006, p.11-12), o sujeito tem sua essência interna, mas é se relacionando com diversos mundos culturais que sua identidade estabelece. Nesse sentido, a identidade é o objeto da interação entre o indivíduo e a sociedade. Na sociedade o indivíduo sofre influência dos traços de sua criação, ditados primeiramente pela família, em seguida, pelo país em que vive e também pelo contexto em que está inserido, trazendo assim novas visões de mundo que são ressignificadas constantemente. Outro autor que discute a interdependência entre relações sociais e da identidade é Norbert Elias. Em seu livro *A Sociedade dos indivíduos*, publicado em 1994, Norbert Elias traz muitas contribuições para

entendermos a interligação e interdependência nas relações sociais. Elias (1994, p. 23) afirma que:

Cada pessoa singular está realmente presa, está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem. São mais elásticos, mais variáveis, mais mutáveis, porém menos reais e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação às outras, a ela e nada mais que chamamos de sociedade (ELIAS, 1994, p.23).

Para o autor, a sociedade não pode ser separada do indivíduo até porque as relações sociais se fazem através da interação social. Neste contexto a sociedade é formada por uma corrente de pessoas que criam, dão vida e consolidam relações interpessoais e independentes e conseqüentemente formam a sociedade.

A sociedade não existe sem indivíduo e o indivíduo não existe sem a sociedade. Cada ser humano é criado por outro, vive dentro de uma família seguindo seus hábitos, costumes e crenças numa determinada religião. Dentro destas perspectivas, Elias (1994, p. 19) conclui que “o indivíduo é parte de um todo, mas ele se forma junto com o outro.”

Nessa mesma direção, Silva (2014, p.74-76), no ensaio “A produção social da identidade e da diferença” presente no livro *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*, argumenta que identidade é construída por meio da diferença e não fora dela, e toda identidade, “eu/nós”, só se estabelece em relação com um outro, com aquilo que lhe falta, “ele/eles”.

O autor argumenta que a afirmação “sou brasileiro” só é possível na medida em que existem outros seres humanos que não são brasileiros, isto é, na medida em que podemos apontar que “ele(a) é italiano(a)”, “ela(e) é russa(o)”, “ele(a) é mexicano(a)”, “ela(e) é norte-americana(o)”; enfim, que “ela(e) é aquilo que não sou!” (SILVA, 2014, p. 74). Identidade e diferença estão intimamente ligadas, já que elas dependem uma da outra: Eu/nós sou/somos aquilo que ele/eles não é/são. Para o autor, eu/ele, nós/eles não são simples pronomes distintos, conforme nos esclarece no fragmento abaixo:

Dividir o mundo social entre “nós” e “eles” significa classificar. O processo de classificação é central na vida social. Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. (SILVA, 2014, p. 82)

Dentro desta perspectiva, a afirmação “eu sou brasileiro”, simplifica, segundo o autor, uma série de cadeia de negações, uma vez que a afirmação substitui que “não sou argentino”, “não sou chinês”, “não sou japonês”, “não sou italiano”. Da mesma forma, dizer que “ele(a) é mexicano(a)” oculta uma mesma série de negações em que “ele(a) não é italiano(a)”, “ele(a) não é brasileiro(a)”, enfim que ele(a) é aquilo que eu não sou (SILVA, 2014, p. 83). A identidade e a diferença traduzem-se, portanto, nestas declarações sobre quem pertence e quem não pertence, demarcando fronteiras, classificando e normalizando e, logo, elas não podem ser desvinculadas de amplas relações de poder. Silva (2014, p.83) afirma que:

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normatização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normatizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como parâmetro em relação ao qualas outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normatizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais. Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, “ser branco” não é considerado uma identidade étnica ou racial. Num mundo governado pela hegemonia cultural estadunidense, a “étnica” é a música ou a comida dos outros países. É a sexualidade homossexual que é “sexualizada”, não a heterossexual. A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade. (SILVA, 2014, p.83, grifos do autor).

A identidade é construída por meio da diferença e não fora dela, e toda identidade, “eu/nós”, só se estabelece em relação com um outro, com aquilo que lhe falta, “ele/eles”. Assim, a unidade da identidade é constituída no interior dessa relação de exclusão, mas o mesmo jogo de poder se vê desestabilizado por aquilo que ele deixa de fora. A identidade se baseia nesse ato de exclusão, que cria uma violenta hierarquização entre os polos resultantes (SIVLA, 2014, p.82).

Silva (2014) faz uma síntese, descrevendo o que é identidade (para o autor, tudo vale igualmente para a diferença):

Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2014, p.96).

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, nesse sentido, sempre as operações incluir e de excluir. Ao dizer o que somos, necessariamente dizemos o que não somos. Podemos traduzir a identidade e a diferença como declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e que está excluído. Afirmar a identidade quer dizer marcar fronteiras, distinguir o que fica dentro e o que fica fora.

Nesse sentido, tomando o contexto desta pesquisa, podemos afirmar que a música possibilitou a socialização do grupo das lavadeiras do Jequitinhonha para além do seu contexto local. Ao se engajarem no projeto do produtor cultural Carlos Faria, como será mais bem detalhado no capítulo seguinte, elas se fizeram visíveis, voltaram à vida pública, conquistaram um espaço para sua música, transformaram a própria música e recuperaram a voz. Cantando e falando de suas experiências, elas podem produzir oportunidades em suas vidas. O Coral das Lavadeiras de Almenara vem alcançando projeção nacional e internacional. Em suas apresentações, o grupo passa por um processo de trocas culturais com outros grupos, pois ao cantar também falam de suas experiências com a intenção de sensibilizarem seus ouvintes para a importância da valorização da diversidade e aceitação da diferença.

As lavadeiras, tendo suas trajetórias marcadas pela exclusão social e por tragédias pessoais, na atualidade, se articulam com outros grupos que possuem um histórico semelhante e se fazem presentes e visíveis na sociedade. A música, nesse cenário, é o discurso por meio da qual tais grupos buscam mobilizar alternativas que mudaram completamente suas identidades, fortalecendo a auto-estima de seus membros e promovendo participações sociais mais ricas.

Em um contexto de globalização neoliberal, em que as identidades estão fragmentadas e múltiplas, surgem identidades híbridas, como as das lavadeiras do Jequitinhonha, que possibilita a comunicação intercultural e o intercâmbio de experiências, passos fundamentais para a luta da cultura popular pela igualdade na formação de suas identidades.

Na próxima seção, dando continuidade à discussão sobre cultura e identidade, traremos à baila o eixo da linguagem. A linguagem é o berço da cultura onde nasce toda forma de cognição que foi construída através das relações sociais que foram compartilhadas ao longo da História

### **2.3 A relação entre linguagem, cognição e cultura.**

Ao iniciar os estudos sobre língua/ linguagem, uma das grandes dificuldades que encontramos é projetar nela um olhar minimamente objetivo, ou seja, fazer da mesma um

objeto para ser estudado, observado, analisado. Nas outras áreas do conhecimento, o pesquisador tem um objeto concreto, palpável e manipulado – para o geólogo uma pedra; para o botânico uma planta; para o zoólogo um animal e assim acontece com todas as áreas do conhecimento. Para os estudiosos da linguagem isto não é possível, como discutiu Marcos Bagno (2014) em seu livro *Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii*.

Não é possível haver um distanciamento entre objeto/fenômeno e expressão do objeto/fenômeno, pois a “linguagem é, ao mesmo tempo, o objeto/fenômeno e a expressão desse objeto fenômeno” (BAGNO, 2014, p.10). Para falar da língua usamos a língua. Nas outras ciências, é criada pelos pesquisadores é um conjunto de termos com definições bem precisas, para organizar sua área de conhecimento, ou seja, uma metalinguagem. Para os estudiosos da língua (os linguistas), a metalinguagem é a própria língua. É um grande desafio olhar para a língua de maneira objetiva. Assim, Bagno (2014) afirma que:

Essa dificuldade se deve ao fato de que **ser humano é ser na linguagem**, Nossa relação com a língua/ linguagem é tão densa, tensa e complexa que a própria palavra *relação* acaba se revelando muito pobre para dar conta disso. Somos seres feitos de carne, osso e linguagem. Estamos mergulhados na linguagem tanto quanto os peixes estão mergulhados na água. A linguagem é o **ambiente** que vivemos, e até mais do que isso: nossa experiência com a linguagem é ainda mais radical do que a do peixe com a água, porque a água existe fora do peixe, enquanto a linguagem existe tanto fora de nós, no nosso meio social, quanto dentro de nós, no nosso **cérebro**. A linguagem faz parte da nossa própria constituição física, fisiológica (constituição que inclui também nossa psique, já que não faz sentido separar corpo e mente, que são uma só coisa) (BAGNO, 2014, p.11 *grifos do autor*).

Outra dificuldade de se ter um olhar objetivo sobre a linguagem encontra-se na natureza social dos seres humanos. O ser humano é político, gregário, existe no coletivo. E a vida só faz sentido em sociedade. Uma comunidade humana se mantém interligada através da linguagem. Portanto para se estudar a linguagem, é necessário considerá-la sob dois aspectos: o individual e o social. Linguagem e sociedade estão intimamente ligadas; não há como separar o estudo da linguagem dos fenômenos cognitivos e culturais. Para estudar a linguagem humana em geral e as línguas humanas em particular foi criada a Linguística. Bagno (2014) explica:

Esse movimento pendular entre o geral e o particular se explica também de modo fácil: como a espécie humana é uma só, dotada dos mesmos recursos cognitivos e das mesmas configurações fisiológicas, e obrigada a resolver os mesmos problemas de representação/expressão da experiência/conhecimento, é mais do que seguro apostar que existam traços comuns a todas as línguas humanas- e de fato existem. Por outro lado, como os diferentes grupos humanos vivem em ambientes ecológicos diferentes, em climas diferentes, tendo de se valer de recursos naturais diferentes e, principalmente, constituem **culturas diferentes**, cada língua humana deve

apresentar características próprias, específicas, peculiares – e de fato apresentam (BAGNO, 2014, p.61 *grifos do autor*).

A linguagem é a manifestação do discurso e é da competência da linguística apreender e descrever as características do discurso em uso. Para que seja sistematizado o conhecimento da linguagem e o mesmo seja compreendido, foram traçados conceitos para que seja demarcada essa compreensão. As várias linguísticas que conhecemos nascem da diversidade de compreensão. Na nossa pesquisa, a linguagem será considerada sob três vertentes que julgamos indispensáveis para a sua compreensão: o social, o cognitivo e o cultural. Para dar sustentação teórica ao nosso estudo, estaremos dialogando com alguns estudiosos: como Bagno (2014), Rezende (2007) Orlandi (2013) e outros.

Rezende (2007) em sua dissertação de mestrado intitulada *Percurso, cognição e cultura: uma proposta de compreensão da linguagem*, afirma que a cognição humana é constituída pela capacidade que os indivíduos têm de perceber e compreender bem as coisas que estão no seu entorno sociocultural, apesar da complexidade e multiplicidade do mesmo. São envolvidos neste sistema de cognição “tanto o exercício intelectual diante dos conhecimentos e a interações mediadas por esses conhecimentos na articulação de estruturas quanto os processos relacionados às atividades do pensar e do agir” (REZENDE, 2007, p.49).

Nos dizeres da autora supracitada, o domínio social surge da relação do ser humano com o mundo à sua volta e ainda afirma que o domínio social está relacionado com a maneira como o homem ocupa os espaços do mundo e as relações que se trata com os elementos que constituem esse espaço, entre os outros homens e os artefatos materiais que eles apropriam ou criam. Nessa perspectiva, a cultura nasce das relações entre o cognitivo e o social e ela representa os diferentes modos de vivenciar o social através de experiência cognitiva dos seres e das coisas que esses seres criam e significam. A cognição, o domínio social e a cultura são elementos que, de uma forma ou de outra, representam papel fundamental e constitutivo da linguagem e estabelecem entre si relações fundamentais (REZENDE, 2007, p.49). Dentro desta perspectiva, Bagno (2013) conclui:

A linguagem então é um fenômeno de ordem **sociocognitiva**, quer dizer, ao mesmo tempo em que é uma capacidade biológica da espécie humana (e exclusiva da espécie humana) de adquirir/produzir/transmitir conhecimento por meio de representações/simbolizações do mundo, ela é uma força motora de **coesão social**, ela é preservada e transformada pelos membros de uma comunidade humana e, por isso, sujeita aos fluxos, influxos e contrafluxos políticos, econômicos e sobretudo **culturais** dessa comunidade. Nesse sentido, é certo dizer que a língua é um **trabalho social** empreendido coletivamente por todos os membros da comunidade que a utilizam (BAGNO, 2014, p. 13-14, *grifos do autor*).

Rezende (2007) cita Van Dijk (1999), que afirma que para se estudar a linguagem e o discurso é necessário uma visão multidisciplinar devido as dimensões que ela é constituída. Segundo o autor:

O uso da linguagem, os discursos e as comunicações entre pessoas reais possuem dimensões intrinsecamente cognitivas, emocionais, sociais, políticas, culturais e históricas. Por isso mesmo, uma teorização formal necessita estar dentro de contextos teóricos mais amplos desenvolvidos em disciplinas diferentes (VAN DIJK, 2016, p.24).

Como dito anteriormente, o discurso corresponde à linguagem em uso, a linguagem como prática social, em que estão envolvidas relações ideológicas. A dimensão cognitiva, nesse caso, não pode ser ignorada, já que esse uso da linguagem, mesmo que socialmente determinado, acontece na mente de indivíduos em interação – ou seja, a produção e a compreensão de textos é também uma atividade de processamento cognitivo. Não é interessante focar o social ou o cognitivo na linguagem como dimensões que se excluem. Se existem comunidades discursivas, seus membros só podem ter acesso a elas se estiverem ao seu alcance, recursos e conhecimentos internalizados, como as estratégias cognitivas prévias (que são organizadas socialmente) correspondentes desde o saber linguístico às representações de mundo e às crenças e valores. É importante dizer que o uso da linguagem e as atividades cognitivas desse uso são constituídos na e pela cultura e, ao mesmo tempo, constituem a cultura, estabelecendo com ela uma relação de mútua determinação. Se entendermos cultura como as diferentes maneiras de habitar as práticas sociais e, se as práticas sociais são constituídas na e através da linguagem, é indispensável aproximar, para definir linguagem, discurso e cognição de cultura (REZENDE, 2007, p.51-52).

Para Langacker (cf. LANGACKER apud SILVA, 2004)

A linguagem e a cultura são sub-faces imbricadas da cognição, já que sem a linguagem, um certo nível de conhecimento/desenvolvimento cultural não poderia ocorrer e, inversamente, um alto nível de desenvolvimento linguístico só se obtém através da interação sócio-cultural (SILVA, 2004).

Para entender a cognição humana é preciso considerar a sociedade o tempo, a história e a sociedade em que o homem está inserido; sendo necessário considerar também sua individualidade. A linguagem, nesse raciocínio, assume uma posição estratégica, “já que ela está para cognição assim como está para a sociedade” (REZENDE, 2007, p.53).

A linguagem possui formas linguísticas adequadas à expressão da subjetividade (marcas que eu tenho do eu), por isso o homem se constitui como sujeito através da linguagem e pela linguagem. Esta só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito do discurso. A capacidade que o locutor possui para se colocar como sujeito constitui a

subjetividade. Como apresentado em nossa introdução, o léxico aparece nessa relação como uma mola mestra para observação de como os aspectos subjetivos, identitários e culturais se materializam no discurso. Isso porque as escolhas lexicais são uma das propriedades do discurso mais orientadas à experiência e à prática social (VILELA, 1994; ISQUERDO; 2001). O que faz do léxico um relevante caminho para o estudo de aspectos sociais e ideológicos da linguagem.

Neste sentido, o léxico se coloca como via por meio da qual se pode observar o funcionamento da ideologia na sociedade. A consciência política e ideológica está presente nos discursos e estes são reproduzidos pelas instituições, a escola, a religião e a cultura de uma determinada comunidade. Dentro desta perspectiva, os sujeitos estão condicionados por uma determinada ideologia que predetermina o que poderão ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-social. Os posicionamentos ideológicos colocados em jogo no processo socio-histórico em que se produzem as palavras são os determinantes do sentido do discurso. As palavras mudam de sentido segundo as posições ideológicas daqueles que as empregam. Por isso, o discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não em outra para ter um sentido e não outro. Todo discurso está vinculado ao contexto social, onde o sujeito está inserido e todo ato de linguagem corresponde a uma dada expectativa de significação (ORLANDI, 2013, p.40-43).

Diante do exposto acima, observemos os versos da canção *Adeus ferro de engomar* (cf. p.94) das lavadeiras de Almenara no Vale do Jequitinhonha, presente no CD *Batukim Brasileiro* (FARIAS,2001):

“Vendi minha agulhinha  
Emprestei o meu dedal  
Só falta eu vender  
Meu ferrinho de engomar

Adeus goma, adeus goma  
Adeus ferro de engomar  
Adeus goma, adeus goma,  
Adeus ferro de engomar.”

As escolhas lexicais nos referidos versos da canção dizem algo sobre o universo vivenciado pelas lavadeiras. Nessa canção, pelas escolhas lexicais, é possível observar parte de uma subjetividade que surge como necessidade de mudança de vida. O sujeito do discurso que emerge é marcado pela busca de uma vida melhor. Há indícios que, devido às condições socioeconômicas dessas mulheres, há um desejo de mudarem de vida, dar outro rumo/outras possibilidades. Tais escolhas, dizem muito sobre como tais mulheres compreendem o trabalho

que exercem. A subjetividade do sujeito no discurso aparece em uma inter-relação entre trabalho e necessidade de mudança de vida.

Ainda abaixo, nos versos da mesma canção *Adeus ferro de passar* (cf. p.94), presente no CD Batukim Brasileiro, também é possível observar outros aspectos sobre o modo como tais mulheres parecem interpretar a realidade em que vivem.

“Tirei minha aliança  
Botei na ponta da mesa  
Quem quiser casar comigo  
Não repare minha pobreza”.

Nesse excerto, o casamento é outra parte do desejo desse sujeito feminino que surge nas canções. Percebemos pelos versos acima que essa mulher (descrita nos versos) não tem uma vida confortável e passam por privações. É um sujeito do feminino que deseja outra condição de vida e acredita que o casamento pode ser a solução.

Observemos os versos abaixo retirados da canção *Senhora Santana* (cf. p.110), que faz parte do CD Aqua (FARIAS, 2004):

“Maria lavava, José estendia  
O menino chorava do fri que sentia  
Calai meu menino, calai meu amor  
Que a faca que corta não dá tai sem dor”

Nestes versos, é retratada uma típica família do Vale do Jequitinhonha onde a mulher comumente é o arrimo de família com o seu trabalho de lavar roupas, pois o marido não consegue manter o sustento da sua família devido ao desemprego (fato muito comum no Vale do Jequitinhonha). A mãe preocupada com seu filho passa um ensinamento a ele preparando-o para as agruras que poderá passar durante a sua vida. Essa relação aparece imbricada com aspectos do catolicismo, uma vez que a canção convoca os sujeitos da sagrada família para representar o contexto familiar na canção.

Ao adotarmos uma visão que privilegia a inter-relação entre linguagem, cognição e cultura na análise das canções, devemos considerar que os membros dessa comunidade discursiva têm acesso a certos recursos e conhecimentos que podem ser internalizados e fazer parte das estratégias prévias de interpretação de textos e de produção de sentidos. Essas estratégias cognitivas se organizam socialmente e correspondem dentre outras ao próprio saber linguístico: às crenças, aos valores, às representações de mundo, à cultura. Cultura e linguagem estão interligadas pois uma expressa a outra. É possível afirmar que alguns arranjos linguísticos se formaram a partir de alguns episódios culturais e podemos afirmar também que alguns traços de cultura surgiram a partir de alguns costumes linguísticos. Nesse

sentido, a linguagem é modificada pela cultura e a cultura é modificada pela linguagem (BAGNO,2014, 12-16).

Vale ressaltar que a linguagem faz parte do ser humano, ela o atravessa e ele a utiliza para se expressar em todas as circunstâncias. Através do uso, o ser humano modifica a língua, pois ela é um sistema social e não individual. Falar uma língua é muito mais que expressar pensamentos. É também acionar um repertório de significados que se apresenta na cultura de uma determinada sociedade. Portanto a língua possui natureza sociocognitiva. Além de estar no cérebro de cada indivíduo, ela depende das interações sociais para se ativar e possibilitar que esse indivíduo se integre na herança popular que é dele. Vale ressaltar que a língua é um processo e não um produto. Ela está sempre se refazendo, decompondo, recompondo, transformando. E nós, como usuário desta língua, devemos nos apossar da mesma, pois ela nos pertence e é parte de nós (BAGNO, 2014, p.16-23).

Por fim, as considerações sobre a inter-relação linguagem-cognição-cultura, apresentadas aqui, ajudam a entender como as escolhas lexicais são uma porta de entrada para o resgate da cultura e da identidade de um grupo de mulheres que vivem no Vale do Jequitinhonha e que tem como ofício lavar roupas. Passemos, no próximo capítulo, a realizar análise buscando indício de cultura e identidade no universo das lavadeiras do norte de Minas.

### 3 - ANÁLISE DO *CORPUS*: MARCAS DE IDENTIDADE E CULTURA NO LÉXICO DAS CANÇÕES

Neste capítulo, apresentamos a análise das canções inseridas em três CDs: *Batukim Brasileiro* (FARIAS, 2001), *Aqua* (FARIAS, 2004) e *Devoção* (FARIAS, 2013), onde observaremos aspectos da cultura e identidade das lavadeiras do Jequitinhonha. Primeiramente, vamos explicitar nosso entendimento sobre cultura e identidade, retomando alguns conceitos dos estudiosos: Bosi (1992), Hall (2006) e Canclini (1997).

A cultura pode ser pensada como o acervo de ideias valores, e conhecimentos e traz dentro de si, primeiramente, a influência do passado. Não estamos começando do zero, muitos conhecimentos foram herdados de outras gerações impondo cada vez mais a dimensão cumulativa, a dimensão do passado. Nossa memória se enriquece e cresce cada vez mais com o passar dos tempos (BOSI, 1992, p.310-312). Ao olharmos para a história das lavadeiras de Almenara, percebemos traços de cultura que foram passados de gerações para gerações enquanto se lavava roupas na beira do Rio Jequitinhonha e vemos também que o processo de globalização, afetou a vida das referidas lavadeiras gerando um processo de hidridação. Como tido anteriormente, a ideia de culturas híbridas está ligada ao processo de globalização. Com o desenvolvimento de tecnologias de comunicação cada vez mais ágeis, as “trocas” culturais ocorrem em uma dimensão praticamente impossível de registrar, dada sua magnitude. (CANCLINI, 1997, p. 18-25). Ao gravar os CDs, viajar por vários lugares para se apresentarem, as lavadeiras cantoras entram em contato com outros elementos culturais que são incorporados ao seu dia a dia.

Nosso objetivo neste capítulo é também apresentar aspectos da identidade das lavadeiras. Para isso recorreremos ao estudioso Hall (2006) que afirma que:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (HALL, 2006,38-39).

Dentro desta perspectiva, vamos analisar aspectos da identidade das lavadeiras presentes nas canções por elas entoadas. Para efeito de análise, organizamos as canções em campos léxico-semânticos. São eles: campo léxico-semântico da religiosidade (relação das lavadeiras com suas crenças e valores religiosos), campo léxico-semântico da feminilidade (a relação do “eu” feminino com o amor) e campo léxico-semântico dos elementos da natureza (aponta a relação das lavadeiras com o meio ambiente, especialmente a água).

Entretanto, antes de iniciarmos as análises, a seguir, apresentaremos uma contextualização do grupo de lavadeiras no seu espaço de origem: a cidade de Almenara no Vale do Jequitinhonha, local onde se oficializou as heranças culturais e sociais que caracterizam as mulheres lavadeiras.

### **3.1 O canto das lavadeiras de Almenara: uma contextualização**

As lavadeiras residem em Almenara, cidade que pertence à grande região banhada pelo Rio Jequitinhonha e que possui uma riqueza artística notável. A história de Almenara (que em árabe quer dizer farol) está ligada ao período de descoberta de pedras preciosas em Minas Gerais. O Vale do Jequitinhonha é uma região de contraste naturais e culturais e esclarecemos que:

Jequitinhonha é um nome de origem indígena. “Jequi” é um nome de um instrumento utilizado pelos índios, antigos habitantes do Vale, para pegar peixes; e “onha” quer dizer peixe. O *Jequi* tem *onha*, isto é, está cheio de peixe. Essa é a origem do nome do famoso rio do Vale. (CODEVALE, 1977).

Ele está situado no nordeste de Minas Gerais. É banhado pelo Rio Jequitinhonha, ocupa uma área de 79 mil km<sup>2</sup>, possui uma população de aproximadamente 40 mil habitantes onde mais de dois terços dessa população vive na zona rural. É composto hoje por 75 municípios, dos quais 52 estão organizados nas microrregiões Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha, e 23 estão integrados à antiga área mineira da SUDENE<sup>11</sup>. O Alto Jequitinhonha compreende as microrregiões de Diamantina e Capelinha, o Médio Jequitinhonha situa-se na parte média do Vale abrangendo as regiões de Pedra Azul e Araçuaí e o Baixo Jequitinhonha está localizado na divisa com o Sul da Bahia, e compreende a microrregião de Almenara.

Lembramos que o Vale do Jequitinhonha é detentor de grande e exuberante potencial natural e vasta riqueza cultural, com traços sobreviventes da cultura indígena, da cultura negra e da cultura do branco colonizador. Neste contexto, encontram-se as lavadeiras de Almenara. Elas formam um importante grupo disseminador da cultura popular do Vale do Jequitinhonha: O Coral das Lavadeiras de Almenara. Fundado em 1991, a partir da construção de uma lavanderia comunitária e do incentivo do cantor e pesquisador cultural Carlos Farias. Como dito na introdução deste trabalho, com repertório de sambas, batuques, modinhas, cantigas de roda e toadas de influência africana, indígena e portuguesa, percorreram o Brasil e se

---

<sup>11</sup> SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) é uma autarquia especial administrativa e financeiramente autônoma integrante do Sistema de Planejamento e de Orçamento Federal. Foi criada pela Lei Complementar nº 125 de 3 de janeiro de 2007 com sede e foro na cidade do Recife (PE) e é vinculada ao Ministério da Integração Nacional.

apresentaram em Portugal (2002) e na Espanha (Expo Zaragoza 2008). Entre os trabalhos lançados estão os CD-livros “Batukim brasileiro”(FARIAS, 2001); “Aqua”(FARIAS, 2004) e “Devoção” (FARIAS, 2013), este último, indicado ao Prêmio da Música Brasileira 2015 (cf. [www.coraldaslavadeiras.com.br](http://www.coraldaslavadeiras.com.br))

Ataíde (2008) faz um breve relato sobre os espetáculos realizados pelas lavadeiras. Nele podemos ler que por onde passam, as lavadeiras realizam, além de espetáculos musicais, a oficina conversa de lavadeiras – na qual o grupo compartilha com o público as suas experiências de vida e seguida pela cerimônia de bênção das águas. Nesta cerimônia, todos saem em cortejo pelas ruas da cidade, cantando e tocando instrumentos até chegar a um espelho d’água – lago, rio, chafariz – onde as lavadeiras jogam flores. Trata-se de um amoroso ato público pela preservação da biodiversidade (ATAÍDE, 2008, p. 45).

A vida das lavadeiras e as canções gravadas tornaram-se objeto de estudo nas escolas da região do Vale do Jequitinhonha, geraram coreografias e continuam influenciando artistas e admiradores da cultura popular do Brasil. Várias reportagens foram divulgadas nos principais veículos de informação do país, com destaque para os programas Jornal Hoje (14/06/01), Mais Você (02/02/05), Fantástico (05/02/06), Viola, minha viola (2006), Balaio Brasil (2008), Jornal da Record (09/02/09), SescTV (14/05/2009), TV Brasil (10/04/2010), TV Horizonte (08/05/2010), Programa Terra de Minas (Globo – 29/01/2011), dentre outros (cf. [www.coraldaslavadeiras.com.br](http://www.coraldaslavadeiras.com.br)).

Segundo Farias (2001) lavadeiras-cantoras que participaram da gravação do CD são: Adélia Barbosa da Silva, Ana Isabel da Conceição, Emília Maria de Jesus, Mariana Gonçalves, Mayra de Oliveira, Mirian Fernandes Pessoa, Santa de Lourdes Pereira, Sebastiana Dias Silva, Teresa Fernandes de Souza Novais e Valdenice Ferreira Santos. O cantor e compositor Carlos Farias é o maestro e coordenador das atividades do grupo. Ele é um pesquisador cultural nascido em Machacalis em Minas Gerais. A herança deixada pelos colonizadores europeus, negros e indígenas no Vale do Jequitinhonha e Mucuri tem inspirado o seu trabalho artístico. Além das músicas da sua autoria, ele recolheu, adaptou e gravou várias canções de domínio público cantadas nessa vasta região de Minas Gerais, contribuindo para a preservação de um verdadeiro tesouro musical (FARIAS, 2001, p.14).

Seu trabalho com o Coral das Lavadeiras de Almenara vem alcançando projeção nacional e internacional. Juntos desde 1991, já se apresentaram em Portugal (Festival de Arte e Criatividade – Ilha da Madeira – 2002), Espanha (Expo Zaragoza 2008) e continuam percorrendo o Brasil com um espetáculo musical que valoriza, onde predominam, como dito

anteriormente, os batuques, sambas, modinhas, cantigas de rodas, rezas, toadas e histórias de vida. Psicólogo e gestor de projetos culturais, Carlos Farias também realiza shows, oficinas e palestras musicadas sobre diferentes temas, sempre valorizando a cultura das regiões onde desenvolve suas pesquisas (FARIAS, 2001, p. 18-20).

Com esse trabalho, há o resgate de um conjunto de canções de domínio popular enriquecendo o patrimônio cultural da região do Vale do Jequitinhonha. Todos os espaços onde as lavadeiras se apresentam atraem muitas pessoas, visto que o espetáculo emociona e conta com som de violões, sopros e percussões. No repertório antigas canções; batuques, moçambiques, sambas de roda, chulas de terreiros, rezas, modinhas e toadas de influência africana, indígena e portuguesa – herança de colonizadores, canoieiros e ribeirinhos, guardadas na memória das lavadeiras. Elas formam um “verdadeiro caldeirão musical” (ATAÍDE, 2008, p. 45), mostrando a rica diversidade cultural brasileira. Parte delas integra o espetáculo “Batendo roupa, cantando a vida” e estão registradas nos CD-livros, mencionados anteriormente (ATAÍDE, 2008, p.16). Além disso, sensibilizam pessoas e entidades para se organizarem com o objetivo de preservar a cultura da sua região e proporcionam a inclusão social e melhoria das condições de vida dessas mulheres cantoras (ATAÍDE, 2008, p. 45-50).

No informativo produzido pela Comissão de desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha (CODEVALE, 1997), a origem de Almenara tem suas raízes históricas ligadas às expedições que cortaram a região em busca de ouro, por volta de 1727, comandada pelo bandeirante paulista Sebastião Lima do Prado. Segundo Carlos Farias (2001), em 1811, a mando da Coroa Portuguesa, foram instalados pelo alferes Julião Fernandes Leão quartéis de vigilância no Baixo Jequitinhonha com o objetivo de impedir o contrabando de ouro e de diamante pelo rio, naquela época navegável e única via de acesso ao litoral. Foi intensificada pelo governo do Brasil Colônia, a ocupação do interior do país e povos indígenas (especialmente os botocudos, maxakali, malali e makuni) resistiam bravamente à tomada de suas terras sendo, portanto, um obstáculo aos colonizadores (FARIAS, 2001, p.39).

Ainda segundo Carlos Farias (2001) verificou-se que, com a criação dos quartéis de São Miguel, da Água Branca, da Vigia e do Salto Grande, lideranças indígenas sucumbiram à força avassaladora dos colonizadores. A Floresta Atlântica que cobria toda a região também foi exterminada e em seu lugar surgiram grandes fazendas para a criação de gado, uma das principais atividades econômicas da região. Os primitivos quartéis transformaram-se nas atuais cidades de Jequitinhonha, Joáima, Almenara e Salto da Divisa, respectivamente. O antigo distrito de São João da Vigia emancipou-se de Jequitinhonha em 1938, ocasião em que teve alterada sua denominação para Almenara, palavra de origem árabe que significava farol,

torre de vigilância para os navegantes, coerente com o sentido originário que servia exatamente como posto de vigilância da rota do ouro. (FARIAS, 2001, p.40).

Almenara conta com aproximadamente trinta e seis mil habitantes. Grande parte é formada por indivíduos com condições precárias, migrantes da zona rural e de outras localidades, em busca de melhores condições de vida. Apesar da crise econômica que assola o país e o Vale do Jequitinhonha, em especial, Almenara é uma das cidades mais prósperas da região. O rio Jequitinhonha, mesmo assoreado, é uma bela paisagem natural da cidade. A cidade de Almenara já teve a maior praia fluvial do Brasil, mas a diminuição do volume do rio retirou-lhe esse atrativo. As principais atividades econômicas da região são o plantio de café e de eucalipto e a criação de gado bovino. De acordo com o pesquisador Carlos Faria (2001), uma grande riqueza da cidade é o seu próprio povo, caloroso e hospitaleiro, sempre proseando prazerosamente com quem quer que seja. (FARIAS, 2001, p.42).

Almenara possui escolas de Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Possui também rádio, jornais, internet, e até voos para Belo Horizonte e Porto Seguro. As festas populares principais são: a micareta (carnaval temporão no mês de janeiro, durante as comemorações do aniversário do município), festas juninas e exposição agropecuária regional, no mês de julho, trazendo muitas visitantes a cidade. A cidade possui uma razoável rede hoteleira. Apesar de não possuírem um programa definido que ofereça apoio, as manifestações culturais permanecem muito fortes. Alguns pontos turísticos naturais se destacam: as belas praias fluviais, as corredeiras do Ribeirão das Águas Belas, o morro do Cruzeiro (um dos melhores pontos para prática de voos livres no Brasil). Além disso, as doceiras, as bordadeiras e biscoiteiras e os artesãos contribuem para o turismo cultural da região (FARIAS, 2001, p. 42).

Através da valorização das canções das lavadeiras de Almenara surgiram outros movimentos semelhantes no Vale do Jequitinhonha e em outras localidades do Brasil com o objetivo de divulgar a cultura popular. Na seção a seguir, antes de passarmos à análise, nos deteremos a apresentar alguns aspectos do *corpus* analisado, dando especial atenção à divisão das lexias em macrocampos léxico-semânticos e seus respectivos microcampos.

### **3.2O *corpus***

Dentro do repertório de canções das lavadeiras, selecionamos vinte e uma, que apontam para aspectos da cultura e identidade das lavadeiras do Jequitinhonha. As canções estão distribuídas em três álbuns, organizado por Carlos Faria. Vejamos, a seguir, o quadro de distribuição das canções selecionadas.

**Quadro 3:** As canções e os referidos CDs

CD Devoção (FARIAS, 2013)	CD Batukim Brasileiro (FARIAS, 2001)	CD AQUA- A música das lavadeiras do Jequitinhonha (FARIAS, 2004)
Estiagem	Rua das pedrinhas	Senhora Santana
Oxossi e xangô	Sapatina flagelada	MestraDiôla
São Benedito	Chora limão	Ao clarão da lua
Mãezinha foi pro riacho	Coqueiro novo	Da sala pra varanda
Cheirou guiné	Adeus ferro de engomar	Córrego novo
Lavadeira do Jequitinhonha	Bambuê	Tributo ao Jequitinhonha
Canção do urubu	O canto das lavadeiras (lenço branco)	
Águas de Almenara		

Fonte: Elaborado pela autora

As canções que escolhemos serão agrupadas em três conjuntos amplos que chamaremos de macrocampo. No macrocampo da religiosidade, listaremos as canções que apontam para aspectos do sincretismo religioso do grupo das lavadeiras; no macrocampo da feminilidade, apresentaremos as canções que apontam para o “eu” feminino diante de suas questões amorosas e, por fim, no último macrocampo mostraremos as canções que retratam a relação das lavadeiras com os elementos da natureza.

No quadro a seguir, apresentamos a distribuição das canções nos referidos macrocampos que são referências para nossas análises.

**Quadro 4:** Distribuição das canções por macrocampos

RELIGIOSIDADE	FEMINILIDADE	ELEMENTOS DA NATUREZA
Senhora Santana	Rua das Pedrinhas	Córrego novo
Oxossi e Xangô	Sapatina Flagelada	Lavadeiras do Jequitinhonha
São Benedito	Chora limão	Estiagem
Cheirou guiné	Adeus ferro de engomar	Mãezinha foi pro riacho
Mãezinha foi pro riacho	Coqueiro novo	Águas de Almenara
Mestra Diôla	Ao clarão da lua	
Estiagem	Da sala pra varanda	

	Rosa no batuque	
	O canto das lavadeiras (lenço branco)	
	Canção do urubu	
	Bambuê	

Para efeito de análise, as canções escolhidas foram agrupadas em macrocampos e especificadas em microcampos. No quadro abaixo, estão registrados os macro campos e seus respectivos microcampos:

**Quadro 5:** Os macrocampos e seus respectivos microcampos

MACROCAMPO	MICROCAMPO
1.Religiosidade	1.1. Santos e entidades de devoção
	1.2. Rituais e pedidos de proteção
2.Feminilidade	2.1. A busca do amor
	2.2. Desencanto amoroso
3.Relação com os elementos da natureza	3.1. Amor e gratidão pela natureza
	3.2. Preservação da natureza

Fonte: Elaborado pela autora.

### 3.3A frequência lexical por campos léxicos-semânticos

Foram identificadas 81 lexias nas letras das canções que serão analisadas. Organizaremos as referidas lexias em seis campos léxico-semânticos, que estamos chamando de microcampos. Cada microcampo comporta as lexias que dão suporte ao objetivo deste trabalho: observar marcas de identidade e cultura das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha.

**Quadro6:** Quantificando as lexias nos microcampos

MICROCAMPO	Número de lexias
Santos e entidades de devoção	20
Rituais e pedidos de proteção	11
A busca do amor	24
Desencanto amoroso	09
Amor e gratidão pela natureza	10
Preservação da natureza	07

Fonte: Elaborado pela autora

A seguir, trataremos do campo léxico-semântico da religiosidade onde observaremos a presença de traços de sincretismo religioso entre as entidades religiosas de matriz africanas e dos santos do catolicismo e também verificaremos a importância da religiosidade na vida das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha.

### **3.4 Análise do corpus: O campo léxico-semântico da religiosidade**

Nesta seção, nos deteremos na observação e análise do que chamamos de campo léxico-semântico da religiosidade. As lexias relativas ao religioso fazem referências às práticas de religiosidade, típicas daquela região. As canções que apontam para aspectos da religiosidade local estão distribuídas no quadro a seguir. São canções que se traduzem em pedidos de proteção, remetendo a devoção popular pelos santos católicos e também pelas entidades da Umbanda e do Candomblé, que são chamadas orixás.

**Quadro7:** As canções e o campo léxico-semântico

<b>Religiosidade</b>
Oxóssi e Xangô
São Benedito
Cheirou a guiné
Estiagem
Mãezinha foi pro riacho
Mestra Diôla
Senhora Santana

Fonte: Elaborado pela autora

Desde já, em uma breve observação dos nomes das referidas canções, já é possível observar aspectos do sincretismo religioso afro-brasileiro. Durante o processo de colonização do Brasil, notamos que a utilização dos africanos como mão de obra escrava estabeleceu um amplo leque de novidades em nosso cenário religioso. Ao chegarem aqui, os escravos de várias regiões da África traziam consigo várias crenças que se modificaram no espaço colonial. De forma geral, o contato entre nações africanas diferentes empreendeu a troca e a

difusão de um grande número de divindades. Esse traço fica mais evidenciado, nas lexias apresentadas no quadro abaixo.

**Quadro 8:** Campo léxico-semântico da religiosidade



Fonte: Elaborado pela autora

Para efeito de análise, esse campo da religiosidade será dividido em dois microcampos que chamaremos, respectivamente: 1) Microcampo dos santos e/ou entidades de devoção 2) Microcampo dos rituais e pedidos de proteção, conforme Jesus e Abbade (2011). Assim verificaremos pontos comuns entre os aspectos estudados em cada microcampo. Selecionamos 31 lexias para nossa análise. Dessas lexias, 20 apontam para o microcampo dos Santos e/ou entidades de devoção e 11 estão voltadas para o microcampo dos rituais e pedidos de proteção.

### 3.4.1 O microcampo dos santos e/ou entidades de devoção

Neste microcampo apresentamos a fé das lavadeiras nos santos da igreja católica e os orixás, entidade de devoção do candomblé e da Umbanda.

Os orixás – as entidades cultuadas no candomblé e na umbanda – corresponde a um ou mais santos católicos. Dá para explicar essa ligação contando um pouco da história do período

colonial no Brasil. Naquela época, chegaram ao país os primeiros africanos de origem iorubá, um povo que ocupava a região onde hoje ficam Nigéria, Benin e Togo. A religião dos iorubás era o candomblé, mas eles aportaram no Brasil como escravos e não podiam cultuar suas divindades livremente – pois a religião oficial do país era (e é) o catolicismo. Por causa dessa proibição, os escravos começaram a associar suas divindades com os santos católicos para exercerem sua fé disfarçadamente. Como os santos católicos são bem numerosos, existem divindades que são identificadas com mais de um santo. Por exemplo: Oxóssi, o rei da caça, é associado a São Jorge e a São Sebastião. A associação não é exata: ao contrário dos santos católicos, os orixás são entidades com virtudes e defeitos, e seus seguidores acreditam que eles conhecem o destino de cada um dos mortais. (BUONFGLIO, 1995, p.10-16)

A Umbanda é uma religião genuinamente brasileira, surgida na década de 30 no Rio de Janeiro a partir da combinação de elementos do candomblé, do catolicismo e do espiritismo. Assim como o candomblé, a umbanda também cultua os orixás. Mas os umbandistas representam essas divindades com imagens diferentes, além de cultuarem outros três espíritos, o preto-velho, o caboclo e a pomba-gira. Nenhum deles aparece no candomblé (BUONFOGLIO, 1995, p.17-18)

O microcampo santos e/ou entidades de devoção é formado por 20 lexias. É nomeado como santos e/ou entidades de devoção porque apresentam a devoção das lavadeiras do Jequitinhonha. Esse campo léxico-semântico é composto por lexias simples, compostas e discursivas conforme discutido na seção 1.5 no primeiro capítulo. Em síntese, segundo Gil (2016apud POTTIER, 1978, p.269), as lexias simples “correspondem à palavra tradicional”, por exemplo: roupa, água, lavadeira, andor e outras. Lexias compostas são o “resultado de uma interação semântica”, por exemplo, menino Jesus, Senhora Santana (POTTIER, 1978, p.269). Temos também as lexias discursivas que podem ser entendidas como enunciados lexicalizados que compõem seu sentido na atualização do discurso, gerando uma significação específica no contexto utilizado, como por exemplo “São Benedito é santin dos pretos” (GIL, 2016, p.208). Nesta última, as lexias são analisadas no campo do discurso e não no campo da língua. Nesta pesquisa, as análises dos campos léxico-semânticos foram organizadas em lexias simples, compostas e discursivas;

**Quadro 9:** Microcampo dos santos e/ou entidades de devoção

Fonte: Elaborado pela autora

As lexias deste grupo refletem traços dos aspectos da religiosidade do grupo, no que diz respeito à fé das lavadeiras. Temos representados nas canções santos do catolicismo e também as entidades da religiosidade de matriz africana (Umbanda e do Candomblé) que são chamadas de Orixás. Segundo Buonfiglio (1995):

Existem várias definições a respeito dos orixás. A maioria coincide em alguns pontos básicos, o que nos permite afirmar, de maneira resumida, que orixás são divindades (ori, cabeça, e xá, força) intermediárias entre o Deus Supremo (Olorum) e o mundo terrestre, que são encarregadas de administrar a criação e se comunicam com os homens através de rituais complexos (BUONFIGLIO, 1995, p. 22).

Na canção analisada, citamos dois orixás: Oxossi e Xangô. Oxossi é o orixá responsável pela caça e dele depende o sustento e sobrevivência da tribo. É simbolizada pelo arco e a flecha (na maioria das vezes, feito de ferro) e o “erukerê (rabo de cavalo usado só pelos reis” (BUONFIGLIO, 1995, p. 46). Xangô representa a justiça e significa a força que resolve as pendências, dando a quem é devido o que lhe é de direito (Linares, Trindade e Costa, 2015, p. 80-81). O símbolo de Xangô é o oxé, um machado de duas lâminas que representa a justiça.

Nas canções, tais santos e entidades são evocados num pedido de proteção para o povo do Vale do Jequitinhonha. Nesse caso, é possível perceber a confiança das lavadeiras nas divindades e santos.

Por exemplo, na canção *Senhora Santana* (cf.p.110), as lexias “fonte”, “os anjos passam bebem água dela” e “Ó que água tão doce, ó Senhora tão bela”<sup>12</sup> fazem referência a Senhora Santana, representando-a em associação a água, a fonte e a beleza. Há indícios de que as lavadeiras buscam a proteção para todas as suas agruras. Observa-se, nesse caso, a aproximação dessa entidade a um elemento tão importante das práticas cotidianas das lavadeiras, que é a água e o rio onde se lavam as roupas.

Ainda na mesma canção temos representados quadros sagrados da vida de Maria. Maria é aquela que se encontra na beira do rio, lavando os paninhos do bento filho: “Encontrei Maria na beira do ri” e “Lavando os paninho do seu bento fi”. Tem-se aí o recorte do cotidiano de uma mãe ocupada em lavar os paninhos que seu filho utilizava. José, pai de Jesus, o “bento filho”, é aquele, como mostra a lexia “José estendia”, que se ocupava em estendê-los. O menino Jesus é representado como aquele que “chorava do fri que sentia”, enquanto as roupinhas secavam estendidas. Novamente, vê-se a aproximação das características dos Santos à vida cotidiana das lavadeiras. Eis um retrato próximo à realidade de inúmeras mães brasileiras e das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha.

A singeleza dos atos, bem como os poucos recursos materiais desta família, evidencia-se na dramaticidade da cena na canção *Senhora Santana* (cf. p. 110), como é possível observar nas lexias “Calai meu menino, calai meu amor” e “Que a faca que corta não dá tói sem dor”. A privação de conforto e de abundância e, sobretudo, a lição de vida apresentada no momento em que se pede ao menino para calar o choro porque, assim como faca que corta não o faz sem dor, a vida é feita de sofrimentos e sacrifícios. São os ensinamentos presentes na letra desta canção e que servem de alento para as mulheres que se consolam diante da impossibilidade de mudança de vida, encontrando conforto e forças para suportarem os sofrimentos do dia a dia diante de uma mulher santa que também sofre de privações. São crenças que reproduzem simbolicamente a família e a vida cotidiana de uma família, tendo em vista os elementos do catolicismo popular.

Seguindo, na canção *São Benedito* (cf. p. 109), a lexia “Santo Benedito é santin dos preto” revela parte de um processo histórico derivado da escravidão no Brasil, ligado a não passividade da cultura negra ante ao processo desempenhado no projeto colonizador. Temos aí aspectos da resistência, da qual surgiu as religiões de matriz africana (Umbanda e Candomblé), pela necessidade histórica de se reelaborar as condições desfavoráveis da escravidão e do processo colonizador. Novamente, as lexias presentes nas canções favorecem

---

<sup>12</sup> Como dito anteriormente, é possível verificar as canções no anexo.

a construção da religiosidade dessas lavadeiras, envolvendo aspectos do sincretismo religioso afro-brasileiro, principalmente, no que se refere às influências entre o branco europeu e o povo escravizado. No desenvolvimento do processo histórico e cultural do Brasil, foi proibida a religião afrodescendente e o cristianismo, oriundo da Europa, foi imposto como religião oficial e passou a vigorar nas terras brasileiras no período colonial, imperial e no republicano. Surgindo aí o sincretismo religioso, pois, como foram forçados a renunciar suas crenças de origem, os negros passaram a associar os deuses africanos com os santos e virgens católicos. (SANTOS, 1996, apud ALMEIDA; LIMA; GAIA, 2016, p.3).

Durante os trabalhos realizados nos terreiros de Umbanda são entoados cânticos chamados de pontos cantados. Esses cânticos possuem letras simples e é uma forma de oração e são usados para que haja harmonia de vibrações com entidades que se manifestam no terreiro e também com os Orixás. Os pontos cantados podem ser específicos para pedidos de proteção e descarrego de energias negativas. Nos terreiros há um grupo de pessoas que é responsável por comandar os pontos cantados. Esse grupo é chamado de Curimba. Para entoar os pontos cantados são usados atabaques, agogô e vários outros instrumentos musicais que foram trazidos da África (LINARES; TRINDADE; COSTA, 2015, p. 161).

No repertório de canções entoadas pelas lavadeiras de Almenara, temos como exemplo de ponto cantado a canção “Oxossi e Xangô”(Cf. p. 106). As lexias presentes nessa canção apontam para aspectos da religiosidade de matriz africana. Nas lexias “Quem rola pedra na pedreira é Xangô” / “É Xangô, é Xangô” percebemos a devoção a deuses africanos. Os negros consideravam Xangô como em rei, um sábio. Como eram impedidos de cultuarem seus deuses, passaram a homenagear o seu orixá diante de um santo católico, resultando daí o início do sincretismo de crenças e divindades de vários aspectos. Segundo Linares, Trindade e Costa (2015, p. 72), isso levou os negros a homenagearem Xangô na presença das imagens de Moisés e São Jerônimo, homens sábios que transmitiam ensinamentos divinos.

A canção mencionada anteriormente faz alusão ao orixá Oxossi através das lexias “Quem manda lá na mata é Oxossi” e “Oxossi é caçador ekô ekô”. Para homenagear Oxossi o negro africano encontrou imagem ideal em São Sebastião, pois esse santo se apresenta seminu, amarrado à uma árvore (mata) e crivado de flechas. Oxossi é o orixá que conhece cada animal da mata e os caça com auxílio do arco e da flecha. Esse fato provocou um rápido sincretismo entre São Sebastião e o orixá da mata e da caça, Oxossi. Segundo Linares, Trindade e Costa, (2015, p. 74), várias foram as formas de resistência dos negros africanos às forças de alienação e extermínio que enfrentavam, porém, o sincretismo religioso, além de

uma forma de resistência constitui também um modo precioso de preservar a sua cultura religiosa.

No que diz respeito aos santos e/ou entidades de devoção presente nas escolhas lexicais das lavadeiras do Jequitinhonha podemos observar a importância da religiosidade na vida desse grupo de mulheres que mesmo diante da escassez dos recursos materiais, as práticas culturais sobrevivem graças à memória coletiva desse grupo.

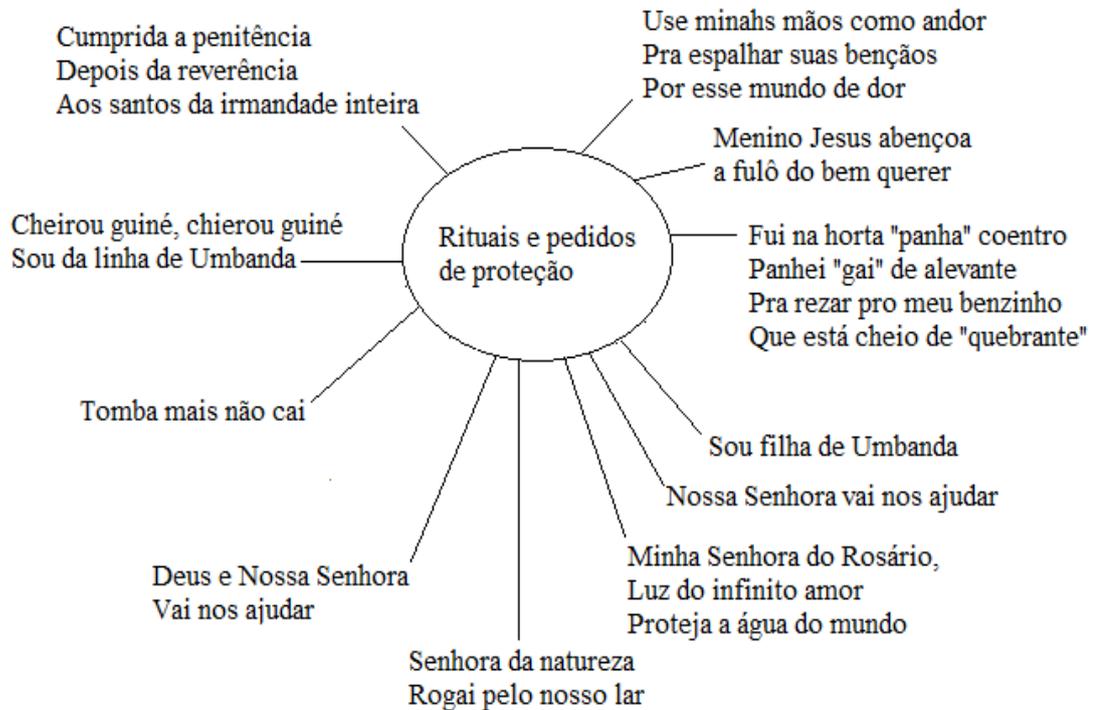
Como afirmam Almeida, Lima e Gaia (2016), o sincretismo afro-brasileiro não se refere apenas a uma suposta mistura entre religiões, mas também a incorporação de elementos negros pela cultura branca, e vice-versa. Nesse caso, o que se observa nas canções não é apenas uma simples mistura entre catolicismo e religiões de matriz africana, mas também a incorporação valorativa das diferentes práticas e elementos dessas tradições culturais, como será observado no campo léxico-semântico dos Rituais e pedidos de proteção.

### **3.4.20 microcampos rituais e pedidos de proteção**

Nesta seção apresentaremos o campo léxico-semântico dos rituais e pedidos de proteção. A Umbanda e o Candomblé são religiões que como qualquer outra, possuem rituais e elementos que constroem sua liturgia e demonstram sua cultura religiosa. Não existe um código doutrinário ou livro sagrado que regule as ações uniformemente, ou seja, não tem nenhum modelo fixo a ser seguido ou poder central que regule essas questões determinando quais rituais ou elementos devem ser usados nos trabalhos espirituais. Essas orientações na maioria das vezes são oriundas dos próprios Guias Espirituais que fazem o trabalho de Dirigentes Espirituais ou Doutrinadores dos métodos empregados em cada grupamento mediúnico, portanto, cada centro, terreiro ou tenda pratica e utiliza os elementos conforme sua cultura, fazendo com que a Umbanda e o Candomblé sejam democráticos e universalistas (ALMEIDA, LIMA e GAIA, 2016, p. 23-31).

A seguir apresentamos as lexias referentes ao micro campo: Rituais e pedido de proteção.

**Quadro 10:** Microcampo: Rituais e pedido de proteção



Fonte: Elaborado pela autora

As lexias desse campo léxico-semântico indiciam a fé das lavadeiras nos seus santos e orixás evidenciando o sincretismo religioso que teve sua origem nas contribuições culturais e religiosas das três raças que formaram o nosso povo: indígena, europeia e africana. Vemos indiciado os procedimentos que as lavadeiras fazem uso para se protegerem e terem força suficiente para continuar o seu trabalho.

O sincretismo religioso no Brasil, como dito anteriormente, nasceu com a escravatura do índio pelos primeiros colonizadores. Devido a sua liberdade natural e seu espírito guerreiro o índio não se deixou escravizar. Ele possuía uma religião que se fundamentava na crença do

espírito e que tinha seus rituais. Como o índio não se adaptou ao cativo o colonizador trouxe da África o elemento negro que se adaptava melhor a lavoura. Branco, índio e negro contribuíram para a formação cultural brasileira trazendo variados aspectos de religiosidade (LINARES; TRINDADE; COSTA, 2015, p. 67-68).

Da junção das crenças dessas três raças, surgiram os rituais de devoção aos santos e entidades. Na canção *Mãezinha foi pro riacho* (cf. p.103), observando as lexias “Menino Jesus abençoa” e “Nossa Senhora do Rosário proteja a água do mundo”, percebe-se a presença de personagens do catolicismo: Jesus e Nossa Senhora (membros da sagrada família do catolicismo). Solicita-se do Menino Jesus as bênçãos. As águas estão diretamente ligadas ao trabalho das lavadeiras, sem água não se lava roupa e por isso as lavadeiras não tem como exercer seu ofício. Portanto se pede a proteção das águas do mundo todo. Ainda nesta canção, aparecem as lexias “Senhora da Natureza” e “Rogai pelo nosso lar”, onde nota-se claramente a retomada da família santa (Jesus, Maria e José) que viveram a dureza de um ambiente “hostil” psicológica e materialmente. E é essa mãe, Senhora da Natureza que as lavadeiras suplicam proteção.

Na 1ª estrofe da canção *Cheirou guiné* (cf. p. 98) temos as lexias “Cheira cravo e cheira rosa/ alecrim e alfazema/ vamos defumar com fé/ com as ervas da Jurema”, que apresentam o ritual do curandeirismo e perfumaria africana. Segundo Linares, Trindade e Costa (2015, p.144), na defumação, o médium faz uso da mesma no período das obrigações. Elas também são usadas nas casas, para eliminar os maus fluídos que eventualmente ali existam. Ao defumar um local, acredita-se que se estabelece a harmonia. Quando queimamos as ervas por alguns minutos, acredita-se que é liberado todo o poder energético dos elementos naturais como o solo, o sol, a lua e o ar presentes na própria erva para que o ambiente seja harmonizado. A defumação nos terreiros de Umbanda é sempre acompanhada dos pontos cantados.

A lexia “O povo de Umbanda manda, mas não vai” se associa à própria história da defumação onde as ervas trazem, na essência, o poder energético dos elementos naturais, sem descaracterizar a cultura nativa e envolvendo-se com as demais. Embora os costumes sejam agregados, respeita-se a aceitação ou não. O sentido de “mandar e não ir” se aproxima da sinonímia aconselhar sem imputar (verificar pessoalmente). Ainda na inaceitação desses costumes, na lexia “sou filha de Umbanda, tomba, mas não cai” fica certa a força cultural africana que se divide para todos e continua vigorosa naqueles que a cultuam; isto é, não renunciam aos seus credos mesmo quando são discriminados.

Nas lexias “Nossa Senhora vai nos ajudar” e “Deus e Nossa Senhora vão nos ajudar” presentes na canção *Estiagem* (cf. p. 102), o eu lírico busca ajuda na figura feminina no sentido de ser a cocriadora da salvação, para logo em seguida, buscar o Criador como uma união de força entre o humano e o divino. Há uma relação entre o recurso natural água, indispensável à profissão lavadeira com a força da fé indispensável à vida, as duas entidades são certificadas (informadas) de que sem ajuda não há preservação.

A canção, cujos versos apresentam rimas emparelhadas e pobres parece apelar para a ideia do coletivo unindo homem e divindade fazendo ser do homem o trabalho e de Nossa Senhora, a graça do perdão pelo desgaste do ambiente, em especial, da água – recurso não renovável.

Na canção *Adeus ferro de engomar* temos a lexia “Fui na horta panhá coentro/ Panhei gai de alevante/ pra rezar pro meu benzinho/ que tá cheio de quebrante” podemos observar como as ervas medicinais são usadas para proteger os seres humanos da inveja, do olho gordo e do quebrante. Segundo o Dicionário Gama Kury da Língua portuguesa, quebrante ou quebranto é o efeito malévol, segundo a credence popular, que a atitude, o olhar de algumas pessoas produzem em outras (KURY, 2001, p.650). Segundo Linares, Trindade e Costa (2015, p. 144), as entidades quando dão consulta no terreiro de Umbanda, recomendam o banho com algumas ervas (entre elas o alevante e o coentro) para purificação e proteção contra o mal.No caso da lexia acima, o uso das ervas é para proteger o ser amado dos olhares maldosos.

Segundo Ferretti (2009, p.9), o sincretismo é um elemento essencial de todas as formas de religião, que está muito presente na religiosidade popular, nas procissões, nas comemorações dos santos, nas diversas formas de pagamento de promessas, nas festas populares em geral. Através das lexias “cumprida a penitência/ depois da reverência / aos santos de toda a irmandade”, presentes na canção *Mestra Diôla*, (cf. p.104) está descrita um evento do sincretismo religioso: uma procissão.

Ainda, segundo Ferretti (2009, p.10) “o sincretismo nas religiões afro-brasileiras não representa um disfarce de entidades africanas em santos católicos, mas uma ‘reinvenção de significados’ e uma ‘circularidade de culturas”, ou seja, há traços de origem africana que foram ampliadas, ou seja, devido ao sincretismo a religiosidade apresenta traços da África e do Brasil, mas são diferentes das matrizes que as geraram.

Nas seções seguintes, observaremos dentro das canções selecionadas para análise, os desejos amorosos das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha e também a relação destas mulheres com os elementos naturais do Vale do Jequitinhonha que serão apresentados em

dois campos léxico-semântico a saber: da Feminilidade e dos elementos da natureza. Na próxima seção estaremos apresentando o campo léxico-semântico que chamamos de feminilidade. Neste micro campo estaremos apresentando a postura das lavadeiras frente às questões amorosas.

### **3.5 Análise do *corpus*: O campo léxico-semântico da feminilidade.**

O objetivo desta seção é observar e analisar o que nomeamos como campo léxico-semântico da feminilidade a partir das letras das canções das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha. As lexias relacionadas a esse campo apontam para aspectos que anunciam a relação do “eu” feminino com o amor. É possível perceber nas cantigas das lavadeiras traços das cantigas de amigo, que tem sua origem no trovadorismo galego-português.

Vamos apresentar uma síntese do que foi o trovadorismo. O surgimento do trovadorismo galego-português teve uma forte ligação com a fundação da nação portuguesa. As cantigas, no trovadorismo galego-português, eram divididas em: Satíricas (*cantigas de maldizer e cantigas de escárnio*) e Líricas (*cantigas de amor e cantigas de amigo*). Através das cantigas de maldizer, os trovadores faziam sátiras diretas, chegando muitas vezes a agressões verbais e em algumas situações eram utilizados palavrões. A pessoa satirizada tinha seu nome expresso explicitamente na cantiga ou não. Nas cantigas de escárnio o nome da pessoa satirizada não aparecia. As sátiras eram feitas de forma indireta, utilizando-se de duplos sentidos (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 62-67).

Todas as qualidades da mulher amada, nas cantigas de amor, eram destacadas pelo trovador que se colocava numa posição inferior (vassalo) a ela. A temática mais usada era o amor não correspondido. As canções de amor reproduzem o sistema hierárquico na época do feudalismo, pois o trovador passa a ser o vassalo da amada (suserana) e espera receber um benefício em troca de “seus serviços” (as cantigas) (CEREJA; MAGALHÃES, 2013, p. 62-67).

Enquanto nas cantigas de *amor* o eu lírico é um homem, nas de *amigo* é uma mulher (embora os escritores fossem homens). A palavra *amigo*, nessas cantigas, tem o significado de namorado. O tema principal é a lamentação da mulher pela falta do amado. No caso das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha, as canções por elas entoadas, têm traços de cantigas de amigo.

Como pode ser observado no texto “Trovadorismo” de Sette, Travalha e Starling (2013), essas cantigas têm sua origem popular, são marcadas pela literatura oral, ou seja, paralelismo, refrão, reiteraões e estribilho, onde isso são recursos próprios do texto que

servem para serem cantados e facilitam de memorização. Estas cantigas se originaram na Península Ibérica e apresenta um eu lírico feminino que canta seu amor pelo seu amigo (neste caso, é o namorado), em um ambiente mais natural, em grande parte, faz um diálogo com as suas amigas ou com a sua mãe. Na cantiga de amigo, a figura feminina é de uma jovem que começa a amar, lembrando às vezes da ausência do amado, ou cantando a sua alegria por um encontro com ele. (SETTE; TRAVALHA; STARLING, 2013, p.72-85).

Na canção *Rua das pedrinhas* (cf.p.107) presente no CD Batukim brasileiro (FARIAS,2001) podemos observar indícios de produções de amigo galego-portuguesa. O eu lírico (representado, neste caso, por uma moça muito jovem) confia com a natureza seus receios amorosos, tal como pode ser observados nas duas lexias a seguir “Lá na rua das pedrinhas oi cio<sup>13</sup>/ Onde eu fui fazer minhas queixas oi cio”. Podemos inferir que as queixas tratam-se do desconhecimento do paradeiro do amado de acordo com a resposta das pedrinhas: “As pedrinhas responderam oi cio/ O amor é firme não lhe deixa só oi cio”.Notamos nas referidas lexias, que o eu lírico se queixa da ausência do amor, mas as pedrinhas, como em um encantamento, acalmam a voz feminina dizendo-lhe: “O amor é firme/ não lhe deixa só”. Pressupõe-se que a camponesa se quer sabe para onde foi seu amado ou mesmo se ela tem um amor, a respostas das pedrinhas é que nos leva deduzir um lamento de saudade, como também pode representar um consolo para a solidão e/ou para a falta de vivência da relação amorosa. As pedrinhas compartilham e têm ciência da dor da moça, pois que a repetição “oi, cio” elabora uma marca linguística que as torna cúmplices dessa relação e testa o interlocutor através da linguagem fática.

As cantigas podem mostrar também a tristeza da mulher, pelo fato do seu amado ter ido embora independentemente do motivo. Para ilustrar apresentamos as lexias da canção *Da sala pra varanda*(cf. p.101),inserida no CD Aqua (FARIAS,2004):“Meu bem quando foi embora/Nem de mim se despediu/Na subida da ladeira/ Chora Rosinha/Lenço branco sacudiu/Deixa chorar, deixa chorar.”

As canções que acenam para a feminilidade do referido grupo de lavadeiras estão distribuídas no quadro a seguir. São canções que indiciam a busca do amor pelas lavadeiras, e, também denunciam o desencanto amoroso sofrido por essas mulheres.

#### **Quadro 11: As canções e o referido campo léxico-semântico**

<b>Feminilidade</b>
---------------------

<sup>13</sup> Apesar de utilizarmos a transcrição feita por Carlos Faria, cio seria mais bem representado, por conta da memória gráfica da palavra, por sinhô ou siô

Rua das pedrinhas
Sapatina flagelada
Chora limão
Coqueiro novo
Ao clarão da lua
Da sala pra varanda
Rosa no batuque
O canto das lavadeiras (lenço branco)
Bambuê
Adeus ferro de engomar
Canção do urubu

Fonte: Elaborado pela autora

A seguir apresentaremos o quadro do campo léxico-semântico em questão com as devidas lexias selecionadas.

### Quadro 12: Campo léxico-semântico da feminilidade



Fonte: Elaborado pela autora

Para realizar as análises, o campo léxico semântico da feminilidade será dividido em dois microcampos que serão nomeados respectivamente “da busca do amor” e “desencanto amoroso”. Pontos comuns entre os dois aspectos serão verificados através das lexias.

A análise das lexias classificadas no campo léxico-semântico da feminilidade aponta costumes, tabus e comportamentos na vivência da sexualidade, em que para essas mulheres o casamento e o trabalho doméstico são predominantes nas suas escolhas de vida. A seguir apresentamos o microcampo da busca do amor.

### 3.5.1 O microcampo da busca do amor

O microcampo denominado *a busca do amor*, é composto por 24 lexias e é nomeado assim porque apresenta uma moça que quer encontrar o amor e está sempre conversando com a natureza, com sua mãe ou uma outra mulher pedindo conselho e fazendo confidências.

**Quadro13:**Microcampo da busca do amor



Fonte: Elaborado pela autora

As cantigas analisadas remetem a uma jovem que quer encontrar o amor e busca conselhos com os elementos da natureza ou com uma outra mulher. A cantiga *Rua das pedrinhas* (cf. p.107) exemplificam esta constatação. Temos um quadro retratando a ansiedade diante do amor e a voz do amado dizendo: “Por baixo da água é lodo oi cio/Por baixo do lodo é peixe oi cio/Meu benzinho fica ciente oi cio/que por outra não lhe deixo oi cio”.

A natureza é reverenciada e muita sábia e traz conselhos valiosos para este eu feminino, sedento de amor: “A folha da bananeira oi cio/Virou pau e virou vento oi cio”. Nesta lexia, a natureza pede prudência e cautela à moça, pois o amor pode ser efêmero,

passageiro, mas a moça já está enamorada e só pensa no seu amado: “O olhar desse menino oi cio/ Não me sai do pensamento”.

Nas lexias acima, a natureza faz alusão aos estágios que passa a natureza e a brevidade que eles ocorrem e assim também é o amor que pode ser transitório. Já nas lexias abaixo, há um aconselhamento para a jovem enamorada. É necessário se resguardar, não há pressa, tudo tem sua hora. Podemos constatar essa afirmação nas lexias “A folha da bananeira oi cio / Não se “bana” sem o vento oi cio / Toda moça sossegada oi cio / Não se perde o casamento oi cio”

A natureza reforça este pedido de cautela: “Cravo branco no cabelo /É sinal de casamento/ Menina guarda teu cravo/Que ainda não chegou tua hora”. O cravo branco indica sinal de casamento, mas a natureza adverte que a moça deve guardar sua castidade, sua virgindade, pois ela ainda não está preparada, não está madura para a vida sexual e para o casamento, visto que o cravo simboliza a pureza feminina. A moça saberá a hora que estará preparada para se casar quando o seu anel de “trinca- trinca” bater na pedra e quebrar e, neste momento, ela pede para avisar a mãe: “Vai falar pra minha mãe/ que minha hora chegou”. O anel possui um significado especial: significa aliança, elo com outra pessoa e, ao mesmo tempo, o sentimento envolvido nesta alegoria quebra a resistência, isto é, seduz e convence a moça a uma entrega dentro das convenções sociais. Chevalier e Gheerbrant (2003) afirmam que:

Apoderar-se de um anel é, de certo modo, abrir uma porta, entrar num castelo, numa caverna, no paraíso etc. Colocar um anel no próprio dedo ou no de outra pessoa significa reservar para si mesmo ou aceitar o dom de outrem, como um tesouro exclusivo ou recíproco. (CHEVALIER; CHEERBRANT, 2003, p.55).

Na cantiga *Chora limão* (cf. p.98), através das lexias “Da sua boca eu quero um beijo/ Do seu corpo um abraço” vemos retratado o desejo amoroso. A beleza física é enaltecida, nesta canção através das lexias: “Não tem zóio mais bonito /Como o zói do meu amô” e “menininha bonitinha/ cinturinha de boneca”. A admiração pela aparência é, novamente, destacada na lexia “ Ó que coisa mais bonita/ rapazin de boa altura” presentes na canção *Da sala pra varanda* (cf. p. 101).

A beleza feminina é ressaltada e valorizada nas lexias da canção *Bambuê* (cf. p.96): “Eu me chamo Seda Fina”, “Menina dos olhos pretos/ sobancelha de veludo”. O padrão de beleza indiciado nas lexias anteriores é tão majestoso e singular que o rapaz não se incomoda com a situação socioeconômica da moça, pois a beleza física compensa todo o restante. Podemos constatar essa afirmação através da lexia: “Se seu pai for muito pobre/ tua beleza vale tudo”.

Nas lexias, é também possível perceber que a busca pelo amor materializa-se em uma idealização amorosa, onde parceiros querem estar sempre juntos. Percebemos essa constatação na canção *Coqueiro novo* (cf. p.99) explicitada na lexia “meu benzinho ali tão perto/ E eu morrendo de saudade” e para selar o amor que sente, carrega consigo um lenço com a seguinte mensagem inscrita “Eu tenho meu lenço branco/Bordadin de abc/ E nos meio está escrito/ Que eu amo é só você”, presente na canção *Rosa no batuque* ( cf. p.106).

Se o amor é escondido requer atenção, cuidado e discrição. O pedido de cautela, na canção *Rosa no batuque* (cf. p. 106), se apresenta nas lexias assim: “Não encosta na parede / que a parede tem ouvido/ Não quero que ninguém saiba/ que tenho amor escondido”.

Na canção *Adeus ferro de engomar* (cf .p.94) vemos um eu lírico se despedindo do ofício de lavadeira e deseja mudar de vida e vê no casamento essa possibilidade, mas não esconde a falta de recursos financeiros e quer ser aceita como é: “Tirei minha aliança/Botei na ponta da mesa/Quem quiser casar comigo/Não repare na pobreza”.Uma voz feminina toma a iniciativa do pedido de casamento, fato que não é muito comum na nossa sociedade onde geralmente é o homem quem propõe casamento. Neste pedido, notamos a coragem e a franqueza de uma mulher que, assumindo sua condição financeira, não se desvaloriza e mantém seu desejo de se casar.

Na cantiga *Canção do urubu* (cf. p. (97), ao analisarmos as lexias: “Urubu tem um fedor que horrô/Mesmo assim o “miseravo” tem amo” há indícios de que a aparência faz parte da temática da vida e não pode ser negada, mas tudo se justifica no amor. As pessoas são o que são e o amor não dá importância para a aparência. Ainda nesta canção vemos um eu lírico cuidadoso com o seu amor e avisa que haverá conflito para que esse amor seja protegido exposto em “mas o meu você não toma”. Nessa particularidade do universo feminino há sempre uma disputa ou proteção da figura masculina por ver nela seu objeto de felicidade.

As lexias “com saudade do meu bem,” e “dá vontade de chorar” demonstram a saudade causada pela distância entre os enamorados. A dor da saudade é tão grande que pode levar às lágrimas. E assim as cantigas vão revelando o comportamento feminino nas relações afetivo-sexuais.

Em seguida, apresentaremos o campo léxico semântico, que denominamos “Desencanto amoroso”. As lexias selecionadas para compor esse microcampo dão indício do amor não correspondido e a dor do desencontro amoroso.

### 3.5.2 O microcampo do desencanto amoroso.

Apresentamos neste microcampo, um eu lírico apaixonado que se desiluiu com a partida ou ausência da pessoa amada. Carregando em si um pouco da idealização do ser amado, aqui o eu lírico se afasta do platonismo e após vivência da relação, sofre um desencanto que o faz verbalizar (em algumas vezes) nos tempos de pretérito imperfeito do modo subjuntivo (observemos “se eu soubesse quem tu eras”) ou do indicativo; isto é, que o faz enredar-se nas suposições que lhes protegeriam do sofrimento. O tempo pretérito perfeito do indicativo confirma as perdas emocionais das relações vividas, que, no presente são demonstradas com a dor e o desencanto.

No caso das lavadeiras do Jequitinhonha, é muito comum o homem partir em busca de trabalho, para sustentar suas famílias, quando não encontra trabalho na sua comunidade. E a mulher que fica, muitas vezes, se torna o arrimo da família e o único meio de ganhar o sustento é lavando roupas para as famílias mais abastadas. Outras vezes, o desencanto amoroso ocorre quando o ser amado parte em busca de um novo amor.

**Quadro 14:** Microcampo do Desencanto Amoroso



Fonte: Elaborado pela autora

As lexias selecionadas nas canções focalizam outro lado da relação amorosa: a base das lexias é representada pelo sofrimento amoroso da mulher pertencente às camadas populares, no nosso caso, as lavadeiras de Almenara. O amor incondicional da moça humilde e ingênua do campo toma conta de seu ser, mas mostra-lhe o desgosto de amar e ser abandonada, em razão da partida do seu amado. Ao se encantar pelo homem, pode ocorrer, o despertar do amor, vejamos a lexia “ O olhar desse menino oi cio/Não me sai do pensamento oi cio” (Canção *Rua das Pedrinhas* p. 107). Este amor pode se tornar mais forte que tudo e que

todos os inconvenientes. Aliado com a fé e a esperança ele tudo pode suportar, tudo espera, confirmado na lexia “Quem me puxa é o amor” presente na canção *Sapatina flagelada* (cf. 109).

O desencanto também pode surgir trazendo dor e sofrimento quando a fantasia é quebrada. Desencantar é perder a ilusão. É desiludir-se, mas o lamento não remete a outra possibilidade que não o amargor. Na canção *Sapatina flagelada* (cf. p.109), como exemplo, temos a lexia: “O amor quando se acaba meu bem /No coração deixa dor” e podemos ter esta constatação também nas lexias: “Se eu soubesse quem tu eras/ quem tu haverás de ser/ Não dava meu coração pra depois eu padecer” retiradas da canção *Ao clarão da lua* (cf..p.96).

Nesse microcampo faremos alusão as lexias (lembrando que as lexias aqui descritas são discursivas, pois estão no campo do discurso e não da língua) que retratam o desencanto amoroso. Na canção *O canto das lavadeiras - lenço branco* (cf.p. 96), as lexias abaixo confirmam o que foi dito anteriormente: “Procurando amor de longe... oi lavadeira / Que o de perto eu já perdi”. Percebemos que o eu lírico está decepcionado com o amor que tinha por perto, mas não desiste de ser feliz e quer buscar um amor de longe. Esse desencanto é também retratado nas lexias presentes na canção *Sapatina Flagelada* (cf. p.109): “Hoje eu vivo abandonada/ Foi meu bem que abandonou ”

O eu lírico feminino lamenta o descaso do namorado sendo muito comum na região do Jequitinhonha, a mulher ficar sozinha sem a presença masculina e se sentir abandonada. Este descaso aparece retratado na lexia: “Meu bem quando foi embora /nem de mim se despediu”.

O lenço branco é um dos símbolos mais frequentes nas despedidas amorosas, reporta às flâmulas das divisões cavaleiriças em marcha no cumprimento das ordens imperiais na era medieval. Os combatentes voltariam ou não. Agora cantam as lavadeiras trocando o cenário da corte para a zona rural. Podemos constatar o que afirmamos anteriormente através da lexia: “Na subida da ladeira/ lenço branco sacudiu” (Canção *da sala pra varanda* cf. p.101).

Na possibilidade de se prever o futuro, nem toda dor seria evitada e as lexias “Se eu soubesse quem tu eras/ quem tu haverás de ser”, exibidas na canção *Ao clarão da lua* (cf.p.96)indiciam o imprevisível desfecho das relações. Ainda na canção *Ao clarão da lua* (cf. p. 96), as lexias “Não dava meu coração/prá depois eu padecer”, o eu lírico antecede o paliativo da dor. É possível observar, através das lexias deste microcampo o sofrimento do “eu lírico” causado pelo desencanto amoroso adotando o tempo das suposições.

Outro aspecto presente nas canções das lavadeiras é a relação que essas mulheres mantêm com a natureza. A cor do lenço pressupõe, nesse caso, tratando-se de lavadeiras, a correspondência da brancura da lavagem de roupas e o imprescindível elemento - a água -,

recurso de sobrevivência desse trabalho. Elas exibem uma relação de amor e de gratidão com a natureza (outrora exuberante) do Vale e de temor pela sua destruição. No próximo macrocampo apresentaremos a relação das lavadeiras com os elementos da natureza.

### 3.6 Análise do *corpus*: Campo léxico-semântico dos elementos da natureza

O Vale do Jequitinhonha é uma região marcada por contraste. De acordo com Daglish (2008), “a maioria das cidades do Vale foi criada em virtude de exploração de minerais, surgindo daí o nome de cidades como Minas Novas, Diamantina, Pedra Azul, Berilo, Turmalina, Malacacheta etc” (DAGHISH, 2008, p. 60). O desmatamento desenfreado, o uso de queimada para limpar o solo para novas plantações e a exploração inconsequente das jazidas de minérios tornaram secos e contaminados, com mercúrio, muitos dos afluentes e nascentes do Rio Jequitinhonha ao longo do seu curso. Segundo Samara Ataíde, “a negligência de atitudes ecologicamente corretas afetou a vida humana e o ecossistema do Jequitinhonha” (ATAÍDE, 2008, p. 19).

O assoreamento foi o que sobrou da abundância das águas do Jequitinhonha, que atualmente pode ser atravessado a pé em muitos pontos. A maior bacia fluvial brasileira pertencia a Almenara, mas com a diminuição das águas, ela perdeu este título. A este respeito, Lalada Daglish (2008) escreve:

Rosa Gomes Ferreira, uma das ceramistas mais antigas de Coqueiro Campo, acredita que a escassez de chuvas e as extensas plantações de eucaliptos, cultivadas na região a partir da década de 1970, para alimentar de carvão as siderúrgicas “chuparam” as águas do lençol freático e fizeram desaparecer os córregos e as “pequenas grotas”, fonte das águas que serviam às pequenas plantações familiares [...] (DAGLISH, 2008, p.61).

Dentro deste contexto, surge a preocupação das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha em relação à preservação dos elementos naturais, especialmente das águas, essencial para o exercício do ofício de lavadeira de roupa no rio. Aspecto este que será tratado no campo léxico-semântico nomeado a relação com elementos da natureza.

#### **Quadro 15:** As canções do referido campo

A RELAÇÃO COM OS ELEMENTOS DA NATUREZA
Córrego novo
Lavadeiras do Jequitinhonha
Estiagem

Mãezinha foi pro riacho
Águas de Almenara

Fonte: Elaborado pela autora

Lavadeiras cantando na beira do rio é memória antiga do povo que mora no Vale do Jequitinhonha e em outros rincões do Brasil. Há naquele retrato do cotidiano na sutileza de harmonias, na simplicidade de melodias e na riqueza de ritmos um lenitivo para uma vida árdua e dura. Nestas canções, há também, um pedido de socorro contra o garimpo predatório, o desmatamento irresponsável e o secular uso do fogo para limpar as pastagens que fizeram secar centenas de afluentes ao longo da extensão do Rio Jequitinhonha, desde a nascente no Serro à foz em Belmonte (FARIAS,2001, p.32). No quadro a seguir, apresentamos as lexias, presentes nas canções selecionadas, que indiciam o amor destas mulheres lavadeiras pelos elementos da natureza, em especial pelos mananciais de água, fontes indispensáveis pela manutenção da profissão de lavadeiras de rio.

**Quadro 16:** Quadro léxico-semântico da relação com os elementos da natureza

Fonte: Elaborado pela autora



A fim de se realizar as, este macrocampo será dividido em dois microcampos: Amor e gratidão pela natureza e Preservação da natureza. Serão observados pontos comuns entre os

dois microcampos através das lexias apontadas. Seleccionamos 16 lexias para compor este campo léxico-semântico, sendo que 09 indiciam para o amor e gratidão pela natureza e 07 nos levam a refletir sobre a necessidade da preservação da natureza.

### 3.6.1 Microcampo Amor e gratidão pela natureza

Embora a água seja o recurso da natureza mais presente nas lexias analisadas, convém não esquecermos todo o conjunto natural que equilibra o ambiente. Nas canções analisadas é possível identificar que o sentimento que envolve o eu lírico é a gratidão. Tal sentimento justifica-se pela conscientização de agentes que, diretamente, sofrem e agem no meio ambiente. Em nosso caso, os agentes são as lavadeiras. Essas personagens reconhecem no dia a dia as ações transformadoras que, ao longo do tempo são noticiadas pelas canções como registro histórico, às vezes, como alerta e constantemente como agradecimento à vida que se esvai entre as águas e as canções.

**Quadro 17:** Microcampo Amor e gratidão pela natureza



Fonte: Elaborado pela autora

O Vale do Jequitinhonha forma uma das mais belas paisagens naturais do Brasil. A cidade de Almenara, berço natural das lavadeiras, localizada neste vale também possui muitas belezas naturais.

Na canção *Córrego Novo* (cf. p.100) vemos retratado o percurso de um rio, a beleza e a grandiosidade por onde ele passa: “Eu vi o rio/ Descendo ribanceira/Virando cachoeira/ Eu vi Córrego Novo”.

Nesta mesma canção, vemos as fases de desenvolvimento de uma menina que admira a beleza do rio e através de seu desenvolvimento irá perpetuando a beleza do mesmo: “Eu vi menina/ Virar moça faceira/ E contar história para o povo”.

Ainda nesta canção, temos as lexias: “Canta a sua história/ Canta a fé no amanhã”, que traduzem a esperança em dias melhores onde se possa viver e desfrutar das belezas da região diante da conscientização dos seres humanos, especialmente os moradores do Vale do Jequitinhonha.

Na canção *Lavadeiras do Jequitinhonha* (cf. p.102), vemos retratado o amor e a gratidão das lavadeiras por esta região. Na lexia “Adoro a cor do guará”, percebemos um carinho por essa ave tão comum na região. O mesmo pode se notar na lexia “A brancura da cegonha”, que se assemelha à brancura das roupas lavadas por estas mulheres. A cegonha é outra ave que encanta pela sua cor e é reverenciada pelas lavadeiras do Vale.

A canção *Águas de Almenara* (cf. p. 95) é um hino de amor à cidade natal das lavadeiras, quem conhece a cidade jamais a esquece como diz a lexia: “Nas águas levo saudade” e fica a esperança de um dia voltar: “Ai Almenara, eu quero voltar”.

Essa declaração de amor a terra continua nas lexias: “Entre pedras e corredeiras/ Deço cantando para o mar”. Finalmente se conclui que a “A natureza é só alegria”.

Em seguida, apresentaremos o microcampo da preservação da água. As lexias desse microcampo apontam para a preocupação das lavadeiras quanto à preservação da natureza, especialmente as águas,

### **3.6.2 O microcampo Preservação da natureza.**

A água é fundamental para a sobrevivência de qualquer ser vivo. Displiscentemente, nos dias atuais, este recurso tão necessário não está sendo cuidado como deveria e merecia. Todo o planeta requer os recursos naturais para a perpetuação da raça. As lavadeiras do Jequitinhonha dependem, incondicionalmente, dos recursos hídricos para exercerem a sua profissão. No microcampo que se segue vamos analisar as lexias que tratam a preservação da natureza.

**Quadro 18:** O microcampo da preservação da natureza

Fonte: Elaborado pela autora

Ressaltamos que é grande a preocupação dos moradores do Vale do Jequitinhonha quanto à necessidade de se preservar o meio ambiente, especialmente os recursos hídricos. A água é indispensável à vida, todos nós dependemos da água para sobreviver. O desmatamento e uso irresponsável da água pelos ocupantes do Vale degradaram, poluíram e provocaram a sua escassez. Na canção *Mãezinha foi pro riacho*, as lavadeiras fazem um apelo pedindo aos seus santos de devoção: “Não deixe que os homens destruam/ A boniteza que há/ Não deixe que a água do mundo/ Possa um dia acabar”. E retoma a ideia da parte pelo todo. Uma vez preservada as águas de Almenara, preservada a água do mundo.

Embora dependendo da água para sobreviver e desenvolver-se economicamente, as grandes empresas mineradoras e os grandes fazendeiros (plantadores de eucalipto e outros produtos) do Vale do Jequitinhonha poluem e degradam esse recurso, tanto as águas superficiais quanto as subterrâneas. Percebemos, novamente, a preocupação das lavadeiras com essa situação, observando na canção *Mãezinha foi pro riacho* (cf. p.103) a lexia “Proteja as águas do mundo”. É um grito de apelo em prol das águas, começando pelo Vale do Jequitinhonha.

Com a destruição das matas nativas no Vale do Jequitinhonha, a água escoava, pois não há mecanismos de retenção na superfície, grande quantidade de água se perde e as reservas diminuem. Na canção *Estiagem* (cf. p.102), como o próprio nome diz, a chuva se torna escassa e conseqüentemente, as águas dos rios, dos lagos, das lagoas diminuem. Sem água não tem como os pescadores e as lavadeiras do Vale realizarem seu trabalho e toda a região é afetada e sofre com a falta d’água. Esta constatação se confirma nas lexias “Não tem barco e não tem

canoa / nem pescador pra pescar na lagoa” e “Sou lavadeira e vivo na ilusão/ se não tem água não tem profissão”. Apesar das circunstâncias desfavoráveis, as lavadeiras não perdem a fé e a esperança e ao fazerem suas orações acreditam que “Nossa Senhora vão nos ajudar / vai mandar chuva pro barco navegar” (lexia presente na canção *Estiagem* - cf.102) e novamente será vista “chuva miúda molhando o chão” e é assim que o Vale do Jequitinhonha não perderá sua exuberante beleza natural. É comum, impossibilitados de ação humana, que recorramos a uma inteligência superior para que nos auxilie na preservação de nós mesmos. Através de suas canções, elas fazem um apelo para que todos cuidem do meio ambiente para que a vida seja preservada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa, procuramos compreender a cultura local e a identidade das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha através do léxico presente nas suas canções. A opção por este *corpus* (as letras das canções entoadas por este grupo de mulheres) se deve ao nosso interesse pela cultura popular, sendo o Vale do Jequitinhonha um grande representante cultural brasileiro. Neste espaço, traços de cultura dos povos que deram origem a população (os indígenas, os europeus e os africanos) se mesclaram formando um arranjo cultural único e singular.

A pesquisa foi dividida em três capítulos. No primeiro capítulo fizemos um estudo aprofundado sobre o léxico, patrimônio vocabular de uma comunidade, onde observamos sua importância para compreensão sociocultural dessa referida comunidade. Foram abordadas definições e formas de tratamento do léxico nos seus aspectos semânticos e discursivos, a partir da definição de alguns teóricos, tais como, Biderman (2001), Vilela (1994), Gil (2006), Isquierdo (2001), entre outros, que possibilitam focalizar as lexias que compõe os campos léxico-semânticos, tendo em vista seus sentidos construídos no discurso.

Cultura e identidade mediada pela linguagem foi o estudo realizado no segundo capítulo, objetivando demonstrar a inter-relação entre linguagem, identidade e cultura. A linguagem é uma competência única e exclusiva dos seres humanos para a aquisição, produção e transmissão de conhecimento por meio de símbolo e representações (BAGNO, 2014). Ela (a linguagem) é também o fio condutor da conexão social, pois é na e pela linguagem que podemos observar traços culturais que formam a identidade de uma dada comunidade. Abordamos questões de identidade cultural a partir dos estudos de alguns pesquisadores tais como Hall (2006), Santos (1996), Canclini (2008), Halbwachs (1990), entre outros, que possibilitam focalizar as lexias que compõe o campo léxico-semântico, tendo em vista seus sentidos construídos no discurso. Ainda neste capítulo, discutimos como as questões do processo de hibridação cultural perpassa a cultura e identidade das lavadeiras do Vale.

Nossa pesquisa concretizou-se no terceiro capítulo a partir da análise das lexias (lexemas atualizados no discurso) em seus campos léxico-semântico. Distribuimos as lexias selecionadas em campos léxico-semânticos distintos: da religiosidade, da feminilidade e da relação com os elementos da natureza. Através das lexias observamos indícios que apontam para aspectos da cultura e da identidade desse grupo de mulheres.

Para fins de análise, as lexias selecionadas foram distribuídas em três campos léxico-semântico. No primeiro campo léxico-semântico tratamos das questões relacionadas à religiosidade das lavadeiras do Vale que foi dividido em dois microcampos sendo o primeiro, Santos e entidades de devoção e o segundo, rituais e pedidos de proteção. Pelas vias da escravidão no Brasil, manifestações de cultura africana uniram-se aos traços culturais europeus e indígenas. O resultado das relações de diferentes etnias está no cotidiano da população brasileira e é representada através da cultura e nas manifestações religiosas.

No microcampo denominado Santos e entidades de devoção, através das lexias selecionadas, percebemos marcas relevantes do sincretismo religioso afro-brasileiro e a devoção das lavadeiras aos santos católicos e as entidades de matriz africanas. A apresentação desses santos e entidades requer a inserção da cultura africana pelo viés da religiosidade, pressupondo a aceitação da sociedade brasileira que mesmo escravagista, cultua a fé no catolicismo e se locomove para um futuro (ideológico) de respeito à diversidade de crença. Vale lembrar que a escravidão no Brasil ou em qualquer parte do mundo visa a anulação do ser social e, portanto das suas crenças. O escravo deveria ser apenas a mão-de-obra necessária para o enriquecimento da classe dominante. O povo brasileiro, naquela época, ético ou não, deveria seguir as orientações cristãs, que irmanava os seres humanos. Nesse ponto, a fé nos santos e as entidades africanas comparecem identificando essa mão-de-obra como seres socioculturais e motivando a luta pelo reconhecimento da diversidade que se trava até os dias atuais.

Através do microcampo rituais e pedidos de proteção vemos retratadas as práticas religiosas que sustentam as crenças das lavadeiras. Para dar sustentação à sua religiosidade as lavadeiras se valem de vários rituais como defumação e banhos com ervas, os pontos cantados, os benzimentos, que visam energizar os ambientes, retirar as energias negativas e dar proteção a todos.

O campo léxico-semântico que denominamos Feminilidade foi dividido em dois microcampo: o da busca do amor e o do desencontro amoroso. Foi possível observar nas letras das canções das lavadeiras de Almenara, a imagem da mulher diante do seu universo feminino quando se procura o amor e quando sofre decepções amorosas. Essas canções possuem traços das cantigas de amigo do trovadorismo, onde o trovador é um homem falando em nome da mulher que se enamora e vive a esperança de encontrar um grande amor e que também sofre quando este amor não é correspondido.

Foi possível notar a relação destas mulheres, através das letras das canções, com os elementos da natureza no terceiro campo léxico-semântico denominado: A relação com os

elementos da natureza. A natureza é muito importante para o Vale do Jequitinhonha que possui uma farta beleza natural. As lavadeiras através de seu canto passam de maneira simples e autêntica, uma mensagem de cuidado e preservação do meio ambiente, especialmente, com relação à proteção das águas.

Através do estudo realizado, percebemos que, ao fazer determinadas escolhas lexicais, mediadas pela cognição, os sujeitos revelam suas crenças, seus valores, sua ideologia, sua visão de mundo que constituem a sua identidade cultural.

As canções populares entoadas pelas lavadeiras do Vale do Jequitinhonha possuem uma particularidade: aparecem em seu acervo musical elementos culturais e crenças procedentes de diversas partes do mundo devido ao seu processo de colonização.

Nas escolhas lexicais, presentes nas letras das canções das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha, percebemos traços relevantes de sincretismo religioso afro-brasileiro, questões relacionadas a rituais, santos e/ou entidades e pedidos de proteção.

Ao examinar as lexias que compõe os campos léxico-semânticos podemos notar os valores, ideologias e visões do grupo (GIL, 2006) e as marcas lexicais presentes nas canções das lavadeiras do Vale do Jequitinhonha indiciam objetos, hábitos e particularidades da identidade desse grupo de mulheres. As lexias são fontes fundamentais para a construção das representações mentais na memória dos indivíduos, apresentando os conhecimentos que circulam socialmente.

Verificou-se que mesmo querendo manter suas práticas culturais de origem, a população do Vale do Jequitinhonha foi influenciada pelo processo de globalização, e assim surgiram novas práticas de sobrevivência, como por exemplo a criação de uma lavanderia comunitária em Almenara, a saída dos moradores da zona rural para a zona urbana em busca de novos empregos, a gravação de CD e as apresentações em outros países pelas lavadeiras e outros. Mas, mesmo diante da modernidade, algumas práticas seculares que foram passadas de geração para geração permaneceram preservadas, como é o caso das cantigas entoadas enquanto se lava roupa. Vemos que a ocupação das florestas naturais por grandes plantações principalmente de eucaliptos e café, dificultaram a agricultura de subsistência, tão comum nessa região e conseqüentemente os pequenos agricultores tiveram suas vidas modificadas. A mineração desregrada também adulterou a paisagem e a vida dos moradores do Vale, pois os mananciais de água foram afetados diretamente.

Em meio a essa realidade, através da memória coletiva, as cantigas das lavadeiras foram preservadas com o empenho do pesquisador Carlos Farias que as organizou em CDs que foram divulgados no Brasil e em outros países. Estas mulheres cantoras se

reconstruíram, deram um novo rumo para suas vidas sem perder a essência e são exemplo de perseverança, luta, conquista, vencendo o estigma de mulheres frágeis e sem possibilidades de crescimento pessoal e profissional. As lavadeiras-cantoras revelam a identidade do nosso país que possui uma riqueza sociocultural inigualável. Pretendemos continuar nossos estudos sobre a cultura popular e seu imbricamento na linguagem e também pretendemos levar para as salas de aula os conhecimentos adquiridos nesta pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. *A lexicologia e a teoria dos campos lexicais*. Caderno do CNLF, vol. XVnº 5, t.2. Rio de Janeiro: CIFEFIL. 2011.p. 1332.

ALMEIDA, Anderson Diego da S.; LIMA, Maria de Lourdes; GAIA, Rossana Viana. *Santos e orixás: sincretismo, estética e arte afro-brasileira na estatuária de Coleção Perseverança*. Revista Crítica Histórica. Ano VII, nº 14, 2016.

ATAIDE, Sâmara Rodrigues. *Confluências do Passado e do Presente: o resgate da memória em O canto das lavadeiras de Almenara*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós Graduação em Letras (área de concentração: Literatura Portuguesa e outras literaturas) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, 2008.

BAGNO, Marcos. *Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9.ed. São Paulo: Annablume, 2002.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4ª.ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

BARRETO, T. *Lexicalização e gramaticalização: processos independentes ou complementares?*. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 407-416.

BARROS, José D'Assunção. *A construção social da cor: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira*. Petrópolis, RJ: Vozes: 2009.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Dimensões da palavra: Filologia e Linguística Portuguesa*, n.2. p. 81-118, 1996.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística: teoria lexical e computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001 [1978].

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Trad. Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

BUONFIGLIO, Monica. *Orixás*. São Paulo: Oficina Cultural Esotérica Ltda, 1995.

CABRÉ, M.T. *La terminología - teoria, metodología, aplicaciones* (trad. Castellhana de Carles Tebé). Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade* Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

- CASTILHO, A.T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CASTRO, Yeda Pessoa de (2005 [2001]). *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. 2. Ed. Rio de Janeiro ABL TObooks
- CELANI, Maria Antonieta Alba. *Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada*. Linguagem & Ensino, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 101-122, 2005.
- CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português linguagem*. 9ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013. p. 62-60.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, forma, figuras, cores, números)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1999.
- CODEVALE. *Informativo sobre as atividades artesanais do Vale do Jequitinhonha*. Belo Horizonte: CODEVALE, 1977.
- DAGLISH, Lalada. *Noivas da seca: cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha*. 2. Ed. São Paulo: Editora UNESP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.
- DIAS, Renato Henrique Guimarães. *Sincretismo Religioso no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2009.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.
- FERRETTI, F. Sérgio. *Religião e festas populares*. XIV Jornadas sobre alternativas religiosas em América Latina. Buenos Aires, 2007
- FESTIVAL de Cultura Popular no Vale do Jequitinhonha: O Vale sagrado dos festivais populares. *Jornal A Nova Democracia*, ano II, nº.12, agosto de 2003. Disponível: <http://anovademocracia.com.br/no-12/1044-festival-de-cultura-popular-no-vale-do-jequitinhonha-o-vale-sagrado-dos-festivais-populares> em Acesso em: 14 de dez de 2016.
- GIL, Beatriz Daruj. *A ideologia no léxico de Batelaje, de Edvaldo Santana*. In: *Acta Semiótica et Linguística*, v. 15, p. 72-80, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/actas/article/view/14667>
- GIL, Beatriz Daruj. O Rio de Janeiro e a mulher no léxico de canções da bossa nova. In: *Domínios de Lingu@Gem*, v. 10, pp. 202-218, 2016 (a). Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/31550/18090>
- GUERREIRO, Goli. *Terceira diáspora, culturas negras no mundo atlântico*. Salvador: Corrupio, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2ª ed. São Paulo: Revista dos tribunais LTDA, 1990.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15ª ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2014.

HENRIQUES, Cláudio Cesar: *Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavras e significação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (orgs): *A Ciências do léxico: lexicologia lexicografia terminologia*. Associação Editorial Humanitas, 2001.

JESUS, Dagmar Santana de; ABBADE, Celia Maria de Souza. *O campo lexical dos signos africanos na construção identitária dos excluídos em Tocaia Grande*. XI Congresso Internacional da ABECAN-20 anos de interfaces Brasil Canadá. Universidade do Estado da Bahia, 2011.

KURY, Adriano da Gama. *Mini dicionário Gama Kury de língua portuguesa*. 1º ed. São Paulo: FTD, 2001.

LEITE, Jan Edson Rodrigues. *Fundamentos de Linguística*. Editora Universitária UFPB, 2009.

LINARES, Ronaldo Antonio; TRINDADE, Diamantino Fernandes; COSTA Wagner Veneziani: *Iniciação à Umbanda*. São Paulo: Madras, 2015.

MARTINS, Evandro Silva. *O tratamento das lexias compostas e complexas*. Universidade Federal de Uberlândia. <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/download/9091/6445de> es Martins - 2016

MARTINS, Luciano Gabriel. *A influência da língua tupi no ensino da língua portuguesa (resgatando a história brasileira por meio da linguagem dos índios)*. In: VI Simpósio Nacional de História Cultural Escrita da história Ver sentir Narrar. Universidade Federal do Piauí- UFPI, Terezina, PI, 2012.

MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (Org.) *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 251-300.

PEREIRA, Welton. *A hipótese Sapir-Worf e o relativismo linguístico* <[letronomia.blogspot.com/2016/12/a-hipotese-sapir-whorf-e-o-relativismo.html](http://letronomia.blogspot.com/2016/12/a-hipotese-sapir-whorf-e-o-relativismo.html)> Acesso em 20 de novembro de 2017

PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraprina; Lopes, Ivã Carlos. A semântica lexical. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à Linguística: princípio de análise*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 112-135.

POTTIER, Bernard et al. *Estruturas lingüísticas do português*. 3 ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Presença, 1978.

PRETI, Dino (org). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003. p. 17-47.

REZENDE, Denise de Paula. *Percurso, cognição e cultura: uma proposta de compreensão da linguagem*. Dissertação de Mestrado- Programa de Mestrado em Letras Promel da Universidade Federal de São João Del Rei, UFSJ, 2007.

SANTOS, José Antônio Barbosa Alves dos. *As faces de Eva: o universo feminino no léxico de Rita Lee*. 2013. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas USP.

SANTOS, José D'Assunção: *A poética do amor cortês e os trovadores medievais: caracterização, origens e teorias*. Aletria, Belo Horizonte, v25 n1, p.215-228, 2015.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. Brasiliense. 16ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SARMENTO, Flávia Rita Coutinho. *Gramática e Interpretação de texto*. BH:Alfstudio Produções, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. A. Chelini. J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012[1916].

SETTE, Graça; TRAVALHA, Marcia; STARLING, Rozário. *Português linguagem em conexão*. 1º ed. São Paulo: Leya, 2013. p. 72-82.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença* In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15ª ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2014.

SILVEIRA, Regina Célia P. da. *Aspectos da identidade cultural brasileira para uma perspectiva interculturalista no ensino/aprendizagem de português língua estrangeira*. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Português língua estrangeira: perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1998.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "As religiões afro-brasileiras e o sincretismo"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/religiao/as-religioes-afrobrasileiras-sincretismo.htm>>. Acesso em 16 de junho de 2017.

VAN DIJK, TeunAdrianus. *Cognição, discurso e interação*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

VAN DIJK, TeunAdrianus. *Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso*. *Letrônica: Revista digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*. Porto Alegre, v. 9, n. esp. (supl), s 8- s29, nov. 2016.

VEREZA, Solange Coelho. *Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da linguística cognitiva*. *Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, SC*, v. 16, n. 3, p. 561-573, set./dez. 2016.

VILELA, Mário. *O léxico do português: uma perspetivação geral*. Filologia e Linguística Portuguesa, n.1, p.31-50, 1997.

### **REFERÊNCIAS MUSICAIS**

FARIAS, Carlos. Aqua. Belo Horizonte: Epovale, 2004.

FARIAS, Carlos. BatuKimBrasileiro. Belo Horizonte: Epovale, 2001.

FARIAS, Carlos. Devoção. Belo Horizonte: Epovale, 2013.

## ANEXO

*Adeusferro de engomar- CD Batukim Brasileiro**Vendi minha agulhinha**Emprestei o meu dedal**Só falta eu vender**Meu ferrinho de engomar**Adeus goma, adeus goma, adeus ferro de engomar**Adeus goma, adeus goma, adeus ferro de engomar**Tirei minha aliança**Botei na ponta da mesa**Quem quiser casar comigo**Não repare minha pobreza**Adeus goma, adeus goma, adeus ferro de engomar**Amanhã eu vou-me embora**Tô mentindo eu num vou não**Se eu tivesse de ir embora**Eu "num tava" aqui mais não**Fui na horta "panhá" coento**Panhei "gai" de alevante**Pra rezar no meu benzinho**Que está cheio de "quebrante"**Menininho da calça curta**Carreirinha de botão**Se não for pra num casar**Deixa de chateação**Essa casa é de "paia"**Merecia ser de "teia"*

*Pois a dona dessa casa  
É bonita e não é feia*

*Vendi minha agulhinha  
Emprestei o meu dedal  
Só falta eu vender*

*Meu ferrinho de engomar / Adeus goma, adeus goma, adeus ferro de engomar*

***Águas de Almenara- CD Devoção***

*Rola, rola Jequitinhonha  
Rola, rola sem parar  
Nas águas levo saudade  
Na areia deixo o amar*

*Entre pedras e corredeiras  
Desço cantando para o mar  
O fado triste das lavadeiras  
Ai Almenara, eu quero voltar!*

*Bem longe lá no mar profundo  
Lavando praias pelo mundo  
Nunca deixei de sempre sonhar  
Ai Almenara, eu quero voltar!*

*Cavalguei junto ao trovão  
A natureza só alegria  
Chuva miúda molhando o chão  
Ai Almenara, eu quero voltar!*

***Ao Clarão da Lua- CD Aqua***

*Quando a lua clareava,  
Noite bela eu passeava,  
Às 8 horas da noite*

*Meu amor comigo estava,  
Quando a lua clareava.*

*Se eu soubesse escrever nágua  
Como escrevo no areão  
Eu tinha teu nome escrito  
Dentro do meu coração.*

*Eu joguei meu limão verde  
Na porta da sacristia  
Deu no ouro e deu na prata,  
Deu no roxo que eu queria.*

*Se eu soubesse quem tu eras  
Quem tu haverás de ser,  
Não dava meu coração  
Pra depois eu padecer.*

***Bambuê- CD Batukim Brasileiro***

*Casinha de bambuê  
Forrada de bambuá  
Auê, auê, auê  
Auê, auê, auá*

*Menina diga teu nome  
que eu quero dizer o meu  
Eu me chamo Seda Fina  
daquele vestido teu*

*Menina dos olhos pretos  
Sobrancelhas de veludo  
Se teu pai for muito pobre  
Tua beleza vale tudo*

*Fui no campo colher flor  
 Todo o campo floresceu  
 Colhi a flor roxinha  
 Que é triste como eu*

*Menina não diga isso  
 Deus pode lhe castigar  
 Faz arruda botar fulô  
 E as ondas do mar secar*

*Muito bem essa palavra  
 Que você me disse agora  
 Mereceu comer galinha  
 E "docim" de hora em hora*

### **Canção do urubu**

*Passu preto, passu preto, ele é  
 Passu preto assustador, ele é  
 Urubu tem um fedô, que horrrô!  
 Assim mesmo o "miseravo" tem amo*

*Eu subi num pé de cana, ele é  
 Eu subi de gomo em gomo, ele é  
 Você toma amor dos outros, ele é  
 Mas o meu você num toma ele é.*

*Quando a céu ta estrelado, ele é  
 Lua cheia a iluminar...ele é  
 Com saudadedo meu bem, ele é  
 Dá vontade de chorar, ele é.*

*De joelho eu caí nágua, ele é  
 De joelho eu fui no fundo, ele é*

*De joei pedi Jesus, ele é  
Pra me dar sorte no mundo, ele é.*

***Cheirou guiné- CD Devoção***

*Cheira cravo e cheira rosa*

*Alecrim e alfazema*

*Vamos defumar com fé*

*Com as ervas da Jurema*

*Cheirou guiné, cheirou guiné*

*Sou da linha de umbanda*

*Cheirou guiné*

*O povo de umbanda manda mas não vai*

*O povo de umbanda manda mas não vai*

*Sou filha de umbanda, tomba mas não cai*

*Sou filha de umbanda, tomba mas não cai*

***Chora Limão- CD Batukim Brasileiro***

*O limão entrou na roda... ô limão*

*Ele anda de mão em mão ... ô limão*

*Chora, por que não chora ... ô limão*

*Chora no coração... ô limão*

*Da laranja eu quero um gomo ... ô limão*

*Do mamão quero um pedaço ... ô limão*

*Da sua boca eu quero um beijo ... ô limão*

*Do seu corpo um abraço ... ô limão*

*Eu joguei meu barco nágua... ô limão*

*Carregado de fulô... ô limão*

*Não tem "zóio mais bunito"... ô limão*

*Como o zói do meu amô... ô limão*

*Eu joguei água pra cima... ô limão*

*E aparei com uma caneca... ô limão*

*Menininha "bunitinha" ... ô limão*

*Cinturinha de boneca... ô limão*

*Já chegou, está chegado... ô limão*

*Já chegou quem eu queria... ô limão*

*Já chegou Carlos Farias... ô limão*

*Que tanta falta fazia... ô limão*

### ***Coqueiro Novo- CD Batukim Brasileiro***

*Coqueiro novo, quero vê rodar*

*Tira o cacho do coqueiro*

*Quero vê balancear*

*Eu subi num pé de coco*

*Para enxergar a cidade*

*Meu benzinho ali tão perto*

*E eu morrendo de saudade*

*Você me xingou eu feia*

*Quero vê sua formosura*

*Cara de feijão queimado*

*Temperado sem gordura*

*Valdênia é "bunitinha"*

*Bunitinha que ela é*

*Parecendo o Deus menino*

*Nos braços de São José*

*O cabelo de Emília*

*É um preto que "alumeia"*

*Quem tirar um cacho dele*

*Tem cem anos de cadeia*

*Inda "ontem" eu vim do céu  
Perguntando a nosso "Sinhô"  
Se a gente quando morre  
Se pode levar o amô*

*Fui na horta pegácoento  
Eu errei e peguei cebola  
Esses moços de hoje em dia  
Vestem calça sem "cilôra"*

*Em cima daquela serra  
Tem um pé de araçá  
Quem tiver raiva de mim  
Come bosta até cansar*

***Córrego Novo- CD Aqua***

*Eu vi o rio  
Descendo ribanceira  
Virando cachoeira  
Eu vi Córrego Novo*

*Eu vi menina  
Virar moça faceira  
Tomar-se lavadeira  
E contar a história de um povo*

*Bate aqui  
Torce ali  
Estende lá  
Conta o que viu  
Canta o que virá*

*Conta a sua história*

*Canta a fé no amanhã  
Canta louvando o encontro  
Das águas do Novo  
Com as do Pampã*

***Da Sala pra Varanda- CD Aqua***

*Da sala pra varanda  
Quem achar um lenço é meu,  
Iscrivido as quatro ponta  
Chora Rosinha  
Foi meu bem que escreveu  
Deixa chorar, deixa chorar.*

*Tico-tico na goteira, tico-tico na memória*

*Onde tem rapaz solteiro  
Chora Rosinha  
O casado não namora  
Deixa chorar, deixa chorar*

*Ó que coisa tão bonita  
Um rapazin de boa altura  
Vestido de amarelo  
Chora Rosinha  
38 na cintura  
Deixa chorar, deixa chorar*

*Meu bem quando foi embora  
Nem de mim se despediu  
Na subida da ladeira  
Chora Rosinha  
Lenço branco sacudiu  
Deixa chorar, deixa chorar  
Da sala pra varanda...*

***Estiagem- CD Devoção***

*Não tem barco e não te canoa  
 Não tem barco e não te canoa  
 Nem pescador pra pescar na lagoa  
 Nem pescador pra pescar na lagoa*

*Nossa Senhora vai nos ajudar  
 Nossa Senhora vai nos ajudar  
 Vai mandar água pro barco navegar  
 Vai mandar água pro barco navegar*

*Sou lavadeira e vim pra lavar  
 Sou lavadeira e vim pra lavar  
 Deus e Nossa Senhora vão nos ajudar  
 Deus e Nossa Senhora vão nos ajudar*

*Sou lavadeira e vivo na ilusão  
 Sou lavadeira e vivo na ilusão  
 Se não tem água não tem profissão  
 Se não tem água não tem profissão*

***Lavadeira do Jequitinhonha- CD Devoção***

*Adoro a cor do guará  
 A brancura da cegonha  
 O som que banha riacho  
 Lavadeiras do Jequitinhonha  
 Onha, onha, lavadeiras do Jequitinhonha*

*O pequi roda no tempo  
 O boi rumina pureza  
 A flor que brota em São João  
 É o Grande Sertão Veredas  
 Edas, edas, é o Grande Sertão Veredas*

*O vento leva de jeito  
 As notas do meu cantar  
 Sagarana minha gente  
 Clareia neste lugar  
 Guimarães plantando rosas  
 Nas voltas do meio fio  
 E eu ponteando as águas  
 Sou lavadeira de rio  
 Eu vou ponteando as águas  
 Sou lavadeira de rio  
 Sonha, sonha, ser lavadeira de rio*

***Mãezinha foi pro riacho- CD Devoção***

*Mãezinha foi pro riacho  
 Sereno do amanhecer  
 Menino Jesus abençoa  
 A fulô do bem querer*

*Minha senhora do Rosário  
 Luz do infinito amor,  
 Proteja a água do mundo  
 Use minhas mãos como andor  
 Pra espalhar suas bênçãos  
 Por esse mundo de dor.*

*A água que lava os paninho  
 O vento que vem soprar  
 O sol termina o serviço  
 Pra mode nós discansá  
 Senhora da natureza  
 Rogai pelo nosso lar*

*A benção do meu São Benedito  
 Santo bão de se rogar*

*Não deixe que os homens destruam*

*A boniteza que há*

*Não deixe que a água do mundo*

*Possa um dia acabar*

*Mãezinha foi pro riacho*

*Sereno do amanhecer*

*Menino Jesus abençoa*

*A fulô do bem querer*

***Mestra Diôla- CD Aqua***

*"Encontrei Nossa Senhora com seu ramim na mão".*

*Eu pedi ela um gainho, ela me disse que não"*

*A folia começa no altar da igreja,*

*Desce as calçadas, cruza a praça*

*E se embandeira*

*Rua acima, rua abaixo,*

*Desce e sobe ladeira*

*E volta à igreja*

*Cumprida a penitência*

*Depois da reverência*

*Aos santos da irmandade inteira*

*Lá vai Mestra Diôla*

*Porta-bandeira da crença,*

*Vai na frente, vai rezando,*

*O pendão da fé empunhando,*

*Vai puxando a reverência.*

*É o fogo da fé que incandeia*

*O fervor dos foliões,*

*Mais que o facho dos faróis,*

*Mais que a tocha dos canhões,*

*Mais que o clarão das velas*

*Das veladas procissões*

***O Canto Das Lavadeiras (Lenço Branco)- CD Batukim Brasileiro***

*- Mandei caiá meu sobrado... mandei, mandei, mandei*

*- Mandei caiá meu sobrado... caiá de amarelo*

*Mas cadê meu lenço branco... ô lavadeira*

*Que eu lhe dei para lavar... ô lavadeira*

*Madrugada madrugada ...ô lavadeira*

*E o sereno serenou ...ô lavadeira*

*Não tenho culpa do que se passou*

*Deu uma chuva muito forte*

*E o lenço carregou*

*Morena você se lembra... ô lavadeira*

*Da noite que se passou... ô lavadeira*

*Madrugada madrugada... ô lavadeira*

*E o sereno serenou... ô lavadeira*

*Fui descendo rio abaixo...oi lavadeira*

*Como desce o lambari... ô lavadeira*

*Procurando amor de longe... ô lavadeira*

*Que o de perto eu já perdi... ô lavadeira*

*Fui descendo rio abaixo...oi lavadeira*

*Numa canoa furada...oi lavadeira*

*Arriscando a minha vida... oi lavadeira*

*Por uma coisa de nada... oi lavadeira*

*Mas cadê meu lenço branco... ô lavadeira*

*Que eu te dei para lavar... ô lavadeira*

*Madrugada madrugada... ô lavadeira*

*E o sereno serenou... ô lavadeira*

*Não tenho culpa do que se passou*

*Deu uma chuva muito forte*

*E o lenço carregou*

***Oxossi e Xangô- CD Devção***

*Quem rola a pedra na pedreira é Xangô,*

*é Xangô, é Xangô*

*Quem rola a pedra na pedreira é Xangô,*

*é Xangô, é Xangô*

*Quem manda lá na mata é Oxossi*

*Quem manda na pedreira é Xangô*

*Quem manda lá na mata é Oxossi*

*Quem manda na pedreira é Xangô*

*É Xangô, é Xangô, é Xangô, é Xangô*

*Oxossi é caçador êkô, êkô*

*Ele caça na Aruandaêkô, êkô*

*Oxossi é caçador êkô, êkô*

*Ele caça na Aruandaêkô, êkô*

*Ouro e viva a coroa, é de lei!*

*Ouro e viva a coroa, é de lei!*

***Rosa no Batuque- CD Aqua***

*Ô rosa espera, espera*

*Ô rosa o meu amor*

*Quando você me leva*

*Nas asas da beija-flor*

*Menina se tu és criança*

*Por esperança vá buscar meu bem,*

*Meu bem, minha linda flor*

*Cê vai buscar meu anjinho no céu*

*Não encosta na parede  
Que a parede tem ouvido  
Não quero que ninguém saiba  
Que eu tenho amor escondido*

*Eu tenho meu lenço branco  
Bordadin de abc  
E nos meio está escrito  
Que eu amo é só você*

*Eu não como da goiaba, Rosa  
Pois marimbondo roeu, Rosa  
Eu só como da goiabada  
Se você comer mais eu, ô Rosa*

***Rua das Pedrinhas- CD Batukim Brasileiro***

*Lá na rua das pedrinhas oi cio  
Onde eu fui fazer minhas queixa oi cio  
As pedrinhas responderam oi cio  
O amor é firme não lhe deixa só*

*Eu subi num pé de rosa oi cio  
Só pra vê se te enxergava oi cio  
Cada rosa que eu tirava oi cio  
Era um suspiro que eu dava oi cio*

*Fui na fonte beber água oi cio  
Não fui por água beber oi cio  
Eu fui ver as piabinhas oi cio  
No fundo dágua correr oi cio*

*Por baixo da água é lodo oi cio*

*Por baixo do lodo é peixe oi cio  
Meu benzinho fica ciente oi cio  
Que por outra eu não lhe deixo oi cio*

*A folha da bananeira oi cio  
Virou pau e virou vento oi cio  
O olhar desse menino oi cio  
Não me sai do pensamento oi cio*

*A folha da bananeira oi cio  
Não se "bana" sem o vento oi cio  
Toda moça sossegada oi cio  
Não se perde o casamento oi cio*

*Eu joguei um limão verde oi cio  
Na corrente do riacho oi cio  
Quanto mais o limão desce oi cio  
Mais meu bem bonito eu acho oi cio*

*Não te dou meu coração oi cio  
Porque não posso tirar oi cio  
Se eu tirar eu sei que morro oi cio  
E não poderei te amar oi cio*

*Cravo branco no cabelo oi cio  
É sinal de casamento oi cio  
Menina guarda seu cravo oi cio  
Que ainda não chegou seu tempo oi cio*

*Meu anel de trinca-trinca oi cio  
Bateu na pedra e trincou oi cio  
Vai falar pra minha mãe oi cio  
Que minha hora já chegou oi cio*

**São Benedito- CD Devção**

*Que santinho é aquele que vem acolá?*

*É São Binidito, santin do altar*

*Que santin é aquele que fala lá fora?*

*É São Binidito e Nossa Senhora*

*Que santin é aquele que fala lá dentro?*

*É São Binidito e Senho são Bento*

*Santo Benedito é santindos preto*

*Que fala na boca, responde no peito.*

**Sapatina Flagelada- CD BatukimBarsileiro**

*Sapatina "fregelada" meu bem*

*Só pro tempo de calor*

*Hoje eu vivo abandonada meu bem*

*Foi você que abandonou*

*Açucena quando nasce meu bem*

*Passa a rama no jardim*

*Vou pedir Nossa Senhora meu bem*

*Pra tomar conta de mim*

*Baixa, baixa serraria meu bem*

*Que eu quero ver a cidade*

*Minha mãe alí tão perto meu bem*

*E eu morrendo de saudade*

*Eu passei na minha roça meu bem*

*Rama verde me puxou*

*Não me puxa rama verde meu bem*

*Quem me puxa é o meu amor*

*O fogo quando se apaga meu bem*

*Na cinza deixa o calor*

*O amor quando se acaba meu bem*

*No coração deixa dor*

***Senhora Santana- CD Aqua***

*Senhora Santana ao redor do mundo*

*Aonde ela passava deixava uma fonte*

*Quando os anjos passam bebem água dela*

*Ó que água tão doce, ó Senhora tão bela!*

*Encontrei Maria na beira do ri*

*Lavando os paninho do seu bento fi*

*Maria lavava, José estendia*

*O menino chorava do fri que sentia*

*Calai meu menino, calai meu amor*

*Que a faca que corta não dá tã sem dor*